

Gardia Maria Santos de Vargas

**PERCEPÇÃO E CEGUEIRA:
A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada
como requisito parcial para o
Curso de Mestrado em Educação,
Programa de Pós-Graduação
em Educação,
Universidade Federal de
Santa Catarina.

Florianópolis, agosto de 2006

Dissertação de Mestrado

**PERCEPÇÃO E CEGUEIRA:
A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA UNIVERSITÁRIA**

Gardia Maria Santos de Vargas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LINHA DE PESQUISA: ENSINO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

ORIENTADORA: IDA MARA FREIRE

ATA DE DEFESA

O mundo é aquilo mesmo que nós nos representamos, não como homens ou como sujeitos empíricos, mas enquanto somos todos uma única luz e enquanto participamos do Uno sem dividi-lo.

Merleau-Ponty

Dedico este trabalho a todas as pessoas que têm
a experiência da cegueira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a todos que de uma forma ou outra participaram do desenvolvimento deste estudo.

À amiga e orientadora Professora Ida Mara, que com tanta graça e raça soube me ensinar a conduzir meus estudos com responsabilidade, rigor e ousadia, já desde o tempo da graduação. Sua presença afetuosa e compreensiva tornou este trabalho possível.

Meus mais sinceros agradecimentos a Solange, que me mostrou com muita boa vontade e personalidade o viver no mundo de uma pessoa que tem a experiência da cegueira.

Para minha mãe, todo o amor que posso dedicar-lhe seria pouco para agradecer o apoio recebido em minha vida, que através do seu exemplo me motiva a sempre continuar em frente apesar das dificuldades.

Ao meu pai que partiu desta vida durante a realização deste trabalho e que mais uma vez me ensinou que a paciência é a melhor forma de enfrentarmos as dificuldades.

Para Deonila, meus irmãos e amigos que compartilharam dessa trajetória sempre me apoiando e incentivando.

Ao Gustavo, meu companheiro, por todo o seu amor e interminável paciência, por estar sempre disposto a me ajudar e, acima de tudo, por sempre me desafiar a fazer melhor.

Em especial à minha filha Ayla, que como grande companheira foi quem mais esteve presente em todas as etapas deste estudo, meu profundo agradecimento e admiração por torcer por mim e aceitar minhas ausências.

Ao Thomas, que veio fazer parte da minha vida durante este processo e só enriqueceu e tornou tudo mais colorido.

E o mais profundo agradecimento a meus professores do Darma, em especial à Lama leshe e ao meu precioso Lama Chagdud Rinpoche, por seu exemplo de sabedoria e bondade.

RESUMO

A carreira profissional docente tem sido alvo de muitos estudos que buscam conhecer quais fatores estão implicados e são determinantes para o desempenho da profissão. Dentro desta perspectiva, o presente estudo aprofunda discussões relativas à docência, buscando contemplar a figura do professor para além das questões que envolvem as visões clássicas que o situam, situações de eficácia e do fazer pedagógico no espaço restrito da escola e da sala de aula. Dessa forma, o que pretendemos é considerar o educador como ser profissional, na sua relação com o outro e com o mundo. Trata-se de direcionar o olhar para a *vida* e a *pessoa* do professor. Pensar no desenvolvimento pessoal dos professores é pensar na construção de sua subjetividade como docente e como isso pode ser determinante na sua atuação profissional. Partimos para esse estudo procurando compreender como uma professora universitária com cegueira constitui sua trajetória de vida e sua carreira profissional. A cegueira e seus diferentes significados estão inseridos na história da humanidade e as atitudes em relação às pessoas com cegueira são resultados desses significados. Demonstrando isso é comum encontrarmos um vínculo semântico entre cegueira e escuridão, enquanto ser ou estar cego não coincide necessariamente com o enegrecimento da visão. Para nós, videntes, que cremos nisso, essa metáfora torna-se praticamente universal, além de haver aí uma relação negativa do que seja não ver. Assim se constitui a idéia de que ser cego é não ver, de que a cegueira representa a face negativa da visualidade. Procurando ultrapassar essa idéia é que a presente pesquisa, apoiada no método biográfico, apresenta a concepção de cegueira a partir da ótica de uma pessoa com cegueira. A definição de cegueira a partir da ótica de pessoas que têm a visão geralmente traz consigo a idéia de negação, de ausência de uma capacidade, de privação. Através da história de vida é possível comunicarmos como uma pessoa constitui sua experiência e desta forma vislumbrar possibilidades para os outros seres.

Palavras-chave: cegueira, história de vida, formação de professores, inclusão.

ABSTRACT

The professional teaching career has been a target to many studies that try to know which factors are implied and are paramount for the professional performance. In this perspective, the present study deepens discussions related to teaching, trying to contemplate the teachers figure for further questions than those involving the classic views that locate this matter and solutions of effectiveness and pedagogical doing on the restricted school and classroom space. Thus, what we intend is to consider the educator as a professional being in his or her relation with others and with the world. It is a matter of focusing the view to the *life* and the *being* of the teacher. To think of the personal development of the teacher is to think of the construction of his or her subjectivity as a teacher and how this can be important in his or her professional performance. We started this study trying to understand how a blind professor builds her life path and her professional career. Blindness and its different meanings are inserted in the human history and the attitudes related to blind people are the results of these meanings. In demonstrating this, it is common to find a semantic link between blindness and darkness, while being blind does not necessarily coincide with a darkening of the sight. To us, non-blinds, who believe in this, that metaphor becomes practically universal, besides having a negative relation of what is not being able to see. Hence, the idea of being blind constitutes itself as not seeing and blindness represents the negative side of the vision. Making the effort to go beyond this idea is what this research, supported by biographical method, presents: the conception of blindness from a blind person. The blindness definition from people who can see usually brings the idea of denying, absence of capacity, privation. Through a life story it is possible to tell how a person constitutes his or her experience and on this way, to glimpse possibilities for other beings.

Keywords: blindness, life history, teachers graduation, social inclusion.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE FIGURAS	XI
APRESENTAÇÃO.....	1
1. INTRODUÇÃO	4
2. INSPIRAÇÃO E EXPERIÊNCIAS	12
2.1 De professora à pesquisadora.....	20
3. A PESQUISA.....	24
3.1. O ponto de partida.....	24
3.2. Desenvolvimento da pesquisa	29
3.3. Contando a história do outro: biografia como método.....	31
3.4. Coleta de dados: ouvir o outro	33
3.4.1. Entrevista inicial	33
3.4.2. Entrevistas de aprofundamento	34
3.5. Revisão bibliográfica	34
3.6. Biografia e estudos sobre a docência	36
4. UMA VIDA, UMA HISTÓRIA: SER PROFESSORA.....	42
4.1. Chegando ao mundo.....	42
4.1.1. A primeira escola.....	44
4.1.2. Uma grande mudança	48
4.1.3. Um novo convívio	54

4.2. Entrando no mundo	60
4.3. Ser professora	67
4.3.1. A universidade: a formação para professora	68
4.3.2. As primeiras experiências como docente	79
4.4. Mulher e professora	85
4.5. Compreensão e cegueira	93
4.6. Razão e percepção	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA.....	114
ANEXO I – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Evgen Bavcar – A Porta	3
Figura 2: Evgen Bavcar – Disparo Contra o Tempo.....	11
Figura 3: Evgen Bavcar – 1997	23
Figura 4: Evgen Bavcar – Desnudos	41
Figura 5: Evgen Bavcar – Máscaras em Veneza	109
Figura 6: Evgen Bavcar – Retrato com Pinturas	113

APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata da profissão docente enfocando a figura do professor como pessoa e ser em formação. Buscando essa compreensão, tem como eixo central a investigação de como uma professora universitária que tem a experiência da cegueira, constituiu sua trajetória de vida e sua relação com o outro e com o mundo.

Centrando o olhar para a relação da cegueira com o ser professor, apresento a história de vida da Solange, uma professora universitária, doutora. Através da biografia da Solange é possível ter um contato com o universo da cegueira e com a concepção que ela apresenta a partir de suas experiências de vida. Ainda dentro desse contexto, apresento a proposição de que a cegueira é uma experiência perceptiva, o que contrapõe a idéia de cegueira como uma deficiência, uma desvantagem.

Ao me propor a escutar e narrar a história de vida, tinha clareza do quanto estávamos imbricadas nessa relação eu e a professora, pois entendo que nossas vivências são resultados do que experienciamos nessa troca e na relação que estabelecemos com o outro e com as coisas do mundo. Sempre que nos relacionamos, nos deparamos com um pouco de nós mesmos que ainda não conhecíamos.

Procurei através dos autores que embasam o estudo uma inspiração fenomenológica para apresentar os dados e descrever as vivências que a Solange me relatou, sempre tendo a clareza de que existe uma relação de não-independência entre os fenômenos e as experiências. Nessa relação de troca, no reconhecimento de que as experiências não se dão isoladamente, pois só existem na comunicação e no reconhecimento da presença do outro, é que surgiu a narrativa da história de vida da professora.

Um longo caminho foi percorrido desde o momento que terminei a graduação, desde meus primeiros anos de trabalho até as reflexões que apresento aqui. Sei que muito ainda tenho pela frente nessa caminhada que estou empreendendo, mas poder dividir com outros profissionais os possíveis resultados de um trabalho como este, permite-me acreditar que o desafio ao qual me proponho é possível e, por meio da história de vida da professora informante, demonstrar como é construir uma carreira docente caracterizada pela existência de uma diferença.

Espero com esse estudo poder contribuir com outros profissionais de modo que consigam identificar-se nessa intensa relação com o outro e consigo mesmos, relação que constitui o *ser* professor, e que os resultados aqui apresentados possam impulsionar novas buscas.



Figura 1: Evgen Bavcar – *A Porta*

E eu te convido a entrar,
a entrar e olhar,
sentir, tocar,
ouvir, vivenciar,
enfim, Perceber...

Para ler essa obra
peço-te que use todo
teu corpo,
toda imaginação que possúires,
enfim todo teu ser...

1. INTRODUÇÃO

A cegueira e seus diferentes significados estão inseridos na história da humanidade. Muitas formas de exclusão foram adotadas em relação a essa diferença em diferentes momentos da história da humanidade.

Embora já se tenha superado muitas das formas de exclusão e até garantido direitos para as pessoas com cegueira, o que ainda persiste até o momento atual é o descrédito em relação às possibilidades dessas pessoas de desenvolverem suas vidas de forma autônoma e de conquistarem um espaço e um lugar no mundo.

É comum, por exemplo, encontrar um vínculo semântico entre cegueira e escuridão, onde existe a forte tendência de nós, videntes, acreditarmos que não ver está atrelado a escuridão. Essa metáfora entre cegueira e escuridão caracteriza uma tendência universal de conceber a ausência de visão como uma incapacidade, uma desvantagem.

O presente estudo surgiu do desejo de conhecer a relação que uma pessoa com cegueira¹ estabelece com o outro. Que fatores estão presentes na experiência da cegueira e como lida com suas especificidades frente à estranheza que o mundo dedica a sua condição.

Juntamente com a idéia de estudar sobre pessoas com cegueira, que é decorrente da minha formação inicial em educação especial e da minha prática com alunos com cegueira e baixa visão do Curso de Pedagogia, existia o desejo de estudar o professor e sua trajetória de vida.

Esse desejo surgiu de minha vivência pessoal como professora, logo após estar formada em Pedagogia, quando comecei a me deparar com a experiência de ter que me constituir como profissional.

Nesse processo intenso de busca por um lugar de direito e pelo tão esperado “reconhecimento” profissional, muitos fatores estão em jogo, fatores esses que me instigam, me movem em busca de respostas sobre o *ser professor*.

A entrada na carreira docente é um momento bastante conflitante, que pode inclusive trazer uma grande frustração, na medida em que coloca em xeque toda uma série de crenças e

¹ Será utilizado para se referir as pessoas que tem ausente o sentido da visão – pessoa com cegueira, pois o presente estudo centra sua investigação na cegueira como uma experiência de vida em contrapartida a uma visão de que ser “cego” corresponde a uma falta, uma limitação.

valores aceitos pela sociedade. Iniciar na carreira docente envolve uma série de temores em torno das expectativas acerca da profissão e da formação recebida para atuar nela. Pensar no desenvolvimento pessoal dos professores é pensar na construção de sua subjetividade como docente e como isso pode ser determinante na sua futura atuação profissional.

Através dessa busca, que muitas vezes se traduziu em conflitos e confrontos, é que encontrei as indagações que me moveram até aqui. Procurando respostas, me deparei muitas vezes com novas indagações.

Nesse movimento de busca e mudança, acabei por selecionar em minha prática, nas vivências que ela me proporcionava, indagações constantes: como nos constituímos professores? Quais os aspectos que envolvem o ser professor na relação com o outro e com as coisas do mundo?

Devido a essas indagações atreladas à figura do professor é que procurei o Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, mais especificamente a linha de Ensino e Formação de Educadores, pois sabia que junto a esse programa poderia desenvolver um estudo voltado à profissão docente enfocando a figura do professor como pessoa e ser em formação.

A presente pesquisa se definiu nas discussões do *Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Diferença, Estereótipos e Educação – Alteritas*. O Grupo se originou nas discussões do Seminário Especial Diferença, Estigma e Educação oferecido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC desde 1996 e que tem como objetivo manter um espaço de compreensão e criação de conhecimento em torno do tema *Alteridade e Pluralidade no Contexto Educacional*. As pesquisas que vêm sendo desenvolvidas têm enfoque nas temáticas sobre percepção, corpo, dança e cegueira.

Ao participar do seminário, no aprofundamento das discussões, surgiu o interesse em fazer o presente estudo sobre a profissão docente, enfocando a pessoa com cegueira. As questões que motivaram a elaboração deste estudo foram: o que envolve a constituição da carreira profissional de uma professora com cegueira? Em que aspecto a cegueira é determinante e influencia a formação e atuação dessa professora?

Descobri logo que comecei a dar aulas para futuras pedagogas – muitas delas já professoras – que nós, professoras, ocupamos um lugar já marcado/delimitado na sociedade e, por isso mesmo, já carregado de uma simbologia.

Essa preocupação tornou-se cada vez mais evidente na minha trajetória profissional, quando ministrei aulas para uma turma de alunos com cegueira, na disciplina de Prática Peda-

gógica/Prática de Ensino no Curso de Pedagogia a Distância da UDESC. Através desse trabalho, pude observar vários aspectos que devem estar presentes na formação de professores, e, em especial, desses professores que têm a especificidade da cegueira.

O primeiro aspecto que percebi está diretamente relacionado com o preconceito que existe em relação à possibilidade dessas pessoas realizarem um trabalho como professores. Para ultrapassar esse aspecto e acreditar nas possibilidades dos alunos, tive que me deparar com minhas próprias barreiras e aprender a lidar com as mesmas.

Procurei olhar para os alunos com a percepção de que as vivências de cada um estão imbricadas nas vivências do outro e, dessa forma, me ver como parte do processo. Quando inici-ei esse trabalho, já estava fazendo o mestrado e, devido às leituras que me apontaram outras possibilidades, pude rever antigas posturas e incorporar novos elementos.

O segundo aspecto diz respeito à necessidade de nutrir e valorizar a sensibilidade em nosso cotidiano profissional, através do afeto e da emoção, que devem permear as relações. Muito aprendi com esses alunos, que me mostraram o sentido da verdadeira alegria de viver, me possibilitando entender que somos seres singulares vivendo e construindo a pluralidade humana.

Um aspecto que também influenciou esta pesquisa é a forma como os professores do Curso de Pedagogia a Distância estabeleciam relação de ensino e aprendizagem com esses alunos e como isso pode ser determinante no aprendizado dessas pessoas. Nesse sentido, acredito que é preciso estudar mais e conhecer a fundo os fatores existentes entre a cegueira e a visão.

Outras questões que me moveram até a busca por essa pesquisa e foram se definindo após meu ingresso no mestrado, diz respeito à concepção de cegueira. Como estão sendo definidas as especificidades em relação à experiência com a cegueira e quem está falando sobre isso.

Ao partir para esta investigação, já tinha claro que para conhecer o universo das pessoas com cegueira é preciso ter a atitude e a disposição de ouvir suas vivências, para que se possa ter um contato mais direto com a experiência da falta de visão. Essa foi uma das minhas motivações maiores, poder ouvir o outro, e, através da sua história, encontrar novos significados que possibilitem rever antigos gestos e expressões que as pessoas que enxergam dedicam à cegueira.

Nesse sentido, parece ser de grande valia perceber o efeito que os conceitos que são estudados e formulados acerca da cegueira têm sobre nós mesmos. Pois, dessa forma, é possível repensar as características que são atribuídas aos indivíduos e que provêm do conhecimento produzido por nós, vidente, muitas vezes distante das experiências dessas pessoas.

Através da idéia de que nossos *vividos* – na expressão de MERLEAU-PONTY, são a marca do outro em nossa vida e que os fenômenos não são isolados e, sim, descrevem uma experiência coletiva, pude perceber que o que eu queria estudar dizia respeito às minhas vivências e às relações que estabelecia com minhas indagações. Afinal, quando nos relacionamos com o outro sempre encontramos um pouco de nós mesmos que ainda não tínhamos conhecido.

Devido a isso é que optei por realizar esta pesquisa ouvindo e narrando a história de vida de uma professora com cegueira. Ao narrar a história de vida da professora, percebo estar apresentando uma possibilidade para as pessoas terem um contato com o universo da cegueira.

Nesse contexto, a história de vida de uma professora é narrada, também com o intuito de examinar a apreensão da cegueira como uma experiência perceptiva, em contraposição a perspectiva que vincula o não ver com uma deficiência ou uma desvantagem.

Para Merleau-Ponty, a percepção não é uma soma de dados a partir dos sentidos; não existe uma divisão das sensações táteis, visuais e auditivas; as sensações interagem entre si e a percepção ocorre de forma difusa, escapa ao nosso controle, “pois não é um ato de vontade, de decisão da consciência atenta, mas sim expressão de uma situação dada” (CARMO, 2002, p.41).

Indo ao encontro das concepções desse filósofo, estão estudos como os de Oliver SACKS (1995) e Sadao OMOTE (1994) entre outros, que apontam como as pessoas que têm uma diferença – e, dentro desse contexto, as pessoas com cegueira – constroem seus conhecimentos e sua relação com o mundo. Geralmente essas construções estão pautadas na forma como se dá a interlocução com o outro e como ocorre esse encontro. Sendo assim, pareceu-me relevante o estudo acerca das concepções que as próprias pessoas que tem essa experiência desenvolvem sobre a cegueira, sendo elas os legítimos atores para descrever o que seja a experiência do não ver.

Buscando essa compreensão, o presente estudo tem como eixo central a investigação de como uma professora universitária que tem a experiência da cegueira constitui sua trajetória de vida e sua relação com o outro e com o mundo. E como constrói sua carreira profissional.

Nesse sentido, ao realizar o presente estudo constatou-se que é preciso aprender a direcionar nosso olhar em busca das verdades que se quer encontrar ou comprovar e que só é possível fazer isso através da compreensão.

Para compreender, conforme registra ARENDT (2002), é preciso ter clareza de que só a mera reflexão, ou o mero sentimento, não dão conta de tornar suportável a convivência com os outros que nos são estranhos em um mesmo mundo, e tornar possível para eles suportar-nos. Somente um *coração compreensivo* pode dar conta disso. Procurando ter um coração compreensivo é que foi feita toda a abordagem deste estudo.

Um fator que está diretamente imbricado com a minha prática profissional foi ter decidido centrar o estudo na carreira profissional docente e, mais precisamente, escolher uma professora universitária como informante de pesquisa. Quando iniciei o mestrado, tinha em mente estudar os alunos com cegueira do Curso de Pedagogia da universidade em que trabalhava, mas, à medida que minhas leituras foram avançando e que me deparei com a possibilidade de realizar a pesquisa com uma professora universitária – doutora com cegueira – minha perspectiva mudou. Essa mudança se deve ao fato de que há algum tempo já me interessava bastante pela carreira docente, pela forma como os professores, constroem sua profissão ao longo do tempo e quais fatores estão presentes e são determinantes na constituição da sua identidade profissional.

Minhas leituras eram voltadas para uma perspectiva mais geral do estudo da *profissionalidade* docente, porém, a partir do momento em que comecei a trabalhar na universidade, minhas inquietações se tornaram mais pontuais em relação ao estudo com professores universitários e à forma como eles constituem sua carreira, como é a formação para atuar nessa área do ensino; dessas inquietações decorreu a definição desta pesquisa.

Na revisão de literatura, pareceu-me haver uma lacuna a ser focalizada em relação aos professores universitários – e mais especificamente, neste caso, no tangente a professores com uma diferença marcada, a cegueira – lacuna que demanda a compreensão de como tais professores têm a possibilidade de construir uma carreira profissional docente e como lidam com o cotidiano do trabalho universitário, considerando as implicações inerentes ao fato de serem professores com cegueira.

No desenrolar da pesquisa, novas perspectivas surgiram e velhas convicções foram abandonadas. Quando iniciei o estudo, acreditava que iria efetuar explicações acerca da vida da professora e das suas experiências com a cegueira, pois estava acostumada a embasar meus

estudos em idéias predominantemente explicativas dos fenômenos. Porém, à medida que fui mergulhando na pesquisa e nas leituras, fui percebendo e conhecendo outras possibilidades de entendimento do mundo e do fazer pesquisa.

Para fundamentar a discussão, pautei o estudo nas contribuições de Hannah ARENDT (2002) através do entendimento de que só o processo da verdadeira compreensão pode nos levar a resultados seguros. A compreensão é uma atividade interminável pela qual se aprende a lidar com a realidade e, através dela, se reconciliar com essa realidade, tentando sentir-se em casa no mundo.

O resultado da compreensão é o significado do que é produzido em nosso próprio processo de vida. Desse modo, ao descrever as vivências da professora, descrevi parte do meu ser em relação aos outros e às coisas do mundo.

No próximo capítulo apresento as inspirações e experiências que depreendi para a realização deste trabalho. E a postura que adotei para narrar a história de vida da professora.

O encontro com Hannah Arendt, em especial, marcou profundamente meu olhar em direção ao que queria construir como método para este estudo. Apoiada nas idéias da mesma é que fiz as escolhas que nortearam o olhar sobre os dados e a maneira como contar a história de vida. É importante salientar que sempre que é direcionado o olhar é feito escolhas, são enfocados alguns aspectos em detrimento de outros.

No capítulo que se intitula “A pesquisa” apresento os processos que utilizei para realizar este trabalho. Para apresentar as vivências da professora utilizei o método biográfico. Essa metodologia surgiu das discussões feitas com a orientação: buscávamos uma forma de apresentar os dados que possibilitasse adentrarmos e compreendermos as vivências da professora.

Tenho a consciência de que proponho uma forma nova de tratar o sujeito e de apresentar os dados para o universo do fazer pesquisa em educação. As histórias de vida já vêm a algum tempo ganhando força nos trabalhos acadêmicos da área; porém, estou aqui propondo uma forma de ver e de contar a história dentro de uma perspectiva metodológica e através de procedimentos que podem descortinar uma perspectiva diferente de narrar o outro.

Precisei rever muitas das minhas posturas para poder realizar o trabalho da forma como apresento aqui. Uma delas foi me arriscar a escrever na primeira pessoa. Essa forma de me relacionar com a escrita é completamente inédita na minha vida de estudante e profissional e posso dizer que foi um grande aprendizado.

No próximo capítulo, trago a história da vida de Solange, permeada por minhas inserções e reflexões. Espero que ao ler a biografia dela, o leitor possa se ver através das vivências descritas, seja como pessoa vidente, seja como pessoa que tem a experiência da cegueira.

Neste capítulo, da biografia, estão as considerações do que busquei confirmar ou que precisei rejeitar em relação à cegueira e à profissão docente. Essas considerações estão dentro de uma busca pela sensibilidade, que nos remeta a questão da visão para além do que seja ver com os olhos, vendo a cegueira como uma forma de vida, uma forma de ser e estar no mundo.

No último capítulo vêm as considerações finais, que espero que possam ser indicações de novos caminhos a serem percorridos por outros estudos.

Espero que as duas experiências – uma pessoal e singular e outra profissional e coletiva – e as reflexões trazidas neste trabalho, proporcionem rever posturas que são tomadas frente ao outro e ao mundo e possam possibilitar, através da singularidade, ampliar a compreensão, pois a atividade da compreensão pode, por si só, conferir sentido e produzir uma nova desenvoltura no coração.

Boa leitura!



Figura 2: Evgen Bavcar – *Disparo Contra o Tempo*

Portanto o passado não é passado, nem o futuro é futuro. Eles só existem quando uma subjetividade vem romper a plenitude do ser em si, desenhar ali uma perspectiva, ali introduzir o não-ser. Um passado e um porvir brotam quando eu me estendo em direção a eles. Para mim mesmo, eu não estou no instante atual, estou também na manhã deste dia ou na noite que virá, e meu presente, se se quiser, é este instante, mas também este dia, este ano, minha vida inteira.

Merleau-Ponty

2. INSPIRAÇÃO E EXPERIÊNCIAS

O presente trabalho irá proporcionar ao leitor uma viagem ao universo de uma pessoa com cegueira, apresentando a possibilidade de vivenciar conjuntamente com ela suas experiências.

Este estudo tem como método de investigação e apresentação dos dados a biografia. Pretendia desde o início da minha trajetória com esta pesquisa escrever uma história de vida. Acredito que através do contar histórias é possível perceber e apreender o outro e desta forma ver nossas experiências imbricadas nas experiências do outro.

Queria estudar o ser no mundo, embora não, soubesse disso, com essa definição quando iniciei o trabalho. A primeira vez que me deparei com esta definição achei que poderia dar sentido a muitos dos meus questionamentos sobre o estudo acadêmico e a função da pesquisa. Em ciências humanas o fazer pesquisa por muito tempo estive, e por que não dizer ainda está muito pautado em um princípio positivista; essa forma de ver e conceber o ser humano distanciado de suas vivências e vendo os fenômenos separados de nossas experiências, já não fazia eco em mim há algum tempo.

Apesar disso, quando dei início à pesquisa ainda estava muito pautada em estudos que buscam através da análise a explicação para os fenômenos; isso era um processo natural devido a minha formação inicial. Mas à medida que fui construindo o processo de pesquisa pude perceber e conhecer outras perspectivas para entender o homem e sua relação com o mundo.

Este estudo é resultado da troca estabelecida entre eu e a professora que é sujeito da pesquisa, ou seja, está marcado pela intersubjetividade que emergiu da relação entre duas mulheres e que se traduz em um olhar feminino, marcado pelo gênero. Foi numa relação de intensa troca. E digo *intensa* porque, apesar de terem sido poucas vezes que nos encontramos eu e a professora, ao escutar e narrar a história de vida de uma outra pessoa se está imbricada nessa relação.

Ao querer realizar esta pesquisa usando a biografia como método, precisei escolher os conceitos que seriam desenvolvidos e as bases que iriam nortear a narrativa. Para isso me deduzi sobre as idéias de Hannah Arendt. Posso dizer que foi uma escolha bastante ousada considerando o curto tempo que temos para a realização da pesquisa e principalmente por ela ser uma autora difícil de decodificar, como coloca LAFER (2003); as linhas de ordenação de

seu pensamento não são óbvias, e suas idéias estão marcadas pela sua eloqüente capacidade de reflexão abstrata dos problemas concretos.

A escolha da autora justifica-se pelo fato de ser ela considerada uma contadora de histórias, e, este trabalho tem como uma de suas contribuições, talvez a maior, o método biográfico, do qual a autora se utilizou com grande propriedade para apresentar muitas de suas idéias. Hannah Arendt fazia o exercício de contar histórias e eventos para, a partir deles, colocar e apresentar conceitos e categorias do seu pensamento.

Parti para esse estudo centrando o olhar sobre uma de suas primeiras obras, a biografia de Rahel Varnhagen. É importante salientar que ao aprofundar o estudo em uma autora e para isso escolher uma determinada obra, direcionei o olhar para o que a mesma estava pensando e produzindo nesse período de sua vida. Como a biografia de Rahel Varnhagen foi uma obra do início da carreira de Hannah Arendt, o leitor pode notar a falta de algumas de suas categorias de pensamento que ainda não tinham emergido nesse momento. Porém vale ressaltar que outras obras da autora foram utilizadas para que fosse possível sorver a essência do seu pensar.

O livro “Rahel Varnhagen: A vida de uma judia alemã na época do romantismo” foi uma obra do início da carreira de Hannah Arendt, que apresentou a biografia fazendo o exercício de colocar suas impressões e acontecimentos dentro do cenário da época.

É um livro pulsante, onde a autora tem a possibilidade de abordar através de uma história de vida a questão judaica. Nessa obra Hannah Arendt pôde refletir sobre muitos temas que acabaram ganhando força em sua obra. Entre eles está o desenraizamento que caracterizou o aparecimento dos regimes totalitários e que foi amplamente discutido em outra obra posterior que se intitula “As origens do totalitarismo”.

A biografia de Rahel Varnhagen aborda a questão dos judeus alemães na época do romantismo. Rahel enfrentou a solidão e a dor, a dúvida e a insegurança de sua situação de judia; Hannah Arendt definiu o problema central que o livro aborda em termos existenciais como a busca por *sentir-se em casa no mundo*. A biografia de Rahel começou a ser escrita em 1920 e já estava pronta em 1933 quando Hannah Arendt deixou a Alemanha, mas só veio a ser publicada em 1957.

O material utilizado para escrever a história de vida foram as cartas de Rahel a seus amigos, e segundo Hannah Arendt, uma parte importante da biografia se perdeu por não ter tido acesso a correspondências muito importantes relativas à vida de Rahel após seu casamento. Não teve a intenção de escrever a biografia sobre o enfoque da personalidade, nem tampouco

sobre a posição no romantismo, nem sobre as concepções de mundo. O que interessava era escrever a biografia, ou seja, a história de vida de Rahel como ela própria teria feito.

As bases teóricas, se assim posso falar, utilizadas na biografia foram as do ponto de vista inteiramente de Rahel, dificilmente aparece algum escritor a quem ela não conhecesse com certeza e cujos escritos não fossem importantes para suas reflexões. O mesmo princípio foi aplicado em relação à questão judaica, que exerceu uma influência importante sobre seu destino, pois a conduta e as reações de Rahel tornaram-se determinantes para a conduta e a mentalidade de uma parte dos judeus cultos da Alemanha.

Em relação ao método biográfico segundo Hannah Arendt, é inerente que certas observações de caráter psicológico, que parecem claras aos olhos do leitor, mal sejam mencionadas e absolutamente comentadas. Aspectos da vida de Rahel como o fato de não ser bonita, de sempre se interessar por homens mais jovens, de sua falta de talentos que pudessem lhe oferecer e transformar experiências, foram tocados pela autora no texto apenas até onde eram absolutamente essenciais ao encadeamento dos fatos da biografia, e quando não puderam ser considerados de modo geral.

Rahel foi uma inspiração para Hannah Arendt, alguém que lhe ensinou a encontrar seu lugar no mundo. Muito embora ambas, biógrafa e biografada, tenham histórias de vida parecidas, não foi querendo contar sua própria vida que a autora escreveu o livro e sim vendo Rahel como uma mestra, alguém que lhe ensinou a *ser e estar no mundo*.

Rahel Varnhagen é a obra que serviu de guia para a produção do trabalho; vale, porém, ressaltar que em nenhum momento foi feito paralelo entre a vida de Rahel e a vida da professora. O que procurei fazer foi apreender a ação de Hannah Arendt, percebendo como ela narrou a história de vida e o que priorizou.

Hannah Arendt escreveu mais algumas biografias após ter escrito Rahel, sempre se utilizando dos mesmos critérios para contar a história e para escolher seus biografados. Seus biografados foram pessoas que tiveram suas vidas afetadas pela história, ela não se prendia a relatos sobre pessoas que encarnaram uma época ou foram porta-vozes ou expoentes da história, nem tampouco a uma busca de mundos interiores.

Gostava de escrever biografias como se fossem uma história, para todos aqueles que não eram atores no mundo dos negócios políticos. Segundo ela, a biografia que centra o relato sobre o período histórico em questão, serve para a vida de grandes estadistas, mas é

(...) impróprio para aqueles cujo o principal interesse reside na história de vida, ou para as vidas de artistas, escritores e, de modo geral, homens ou mulheres cujo gênio os obrigou a manter o mundo a uma certa distância, e cuja significação reside principalmente em suas obras, artefatos que acrescentaram ao mundo, e não no papel que nele desempenharam.

(ARENDR, 1987, p.37)

Quando fala de escritores, ou de obras, ou do mundo, Hannah Arendt propõe uma rígida separação entre o público e o privado. A discussão do íntimo transposto para o público, conforme ela coloca ao falar sobre a biografia de Rahel, normalmente se transforma na trivialidade do mexerico. Nesse sentido é que os relatos produzidos pela autora falam das pessoas no mundo, ou seja, do ser no mundo, apontando para a distinção entre o público e o privado realçando o predomínio e a importância do público.

Meu relato toca em tais assuntos apenas até onde eram absolutamente essenciais ao encadeamento dos fatos da biografia de Rahel, e não pude considerá-los de modo geral, uma vez que o objetivo não era querer saber mais que a própria Rahel sabia, nem impor-lhe nenhum outro destino derivado de observações aparentemente superiores, se não o que ela própria conscientemente tivera e experimentara.

(ARENDR, 1994, p.13)

Dentro dessa perspectiva é que foi desenvolvida a biografia da professora que é sujeito desta pesquisa, sempre atentando para aspectos relativos à sua vida que estavam relacionados com os princípios apresentados por Hannah Arendt para produzir biografias. Procurei centrar o relato em fatos que apontam para a vida pública da professora, para o seu sentido maior de ser no mundo. Ser que está em construção, pois é preciso pontuar que é a biografia de uma pessoa viva, que está lendo e opinando sobre a narrativa e desta forma, podendo se ver através da mesma, formulando e reformulando suas idéias e concepções acerca de si mesma e de sua história.

A professora que participa deste estudo narrando sua história de vida aceitou participar da pesquisa para contribuir diretamente com as pessoas que têm, como ela, a experiência com a cegueira. Ela será chamada de Solange e durante a narrativa o leitor vai encontrar falas dela ancoradas na narração de sua história de vida e permeada pelas idéias de alguns autores. Procurei, ao realizar essa tarefa de narrar as experiências da Solange, fazer uma alquimia entre as idéias dela, os autores estudados e as minhas considerações.

Porém quero salientar que a minha escuta construiu o enredo da história de vida, pois acredito que todo o relato já é a interpretação dos dados. Não escutei apenas com os ouvidos,

assim como não enxerguei apenas com os olhos; escutei com o meu corpo, com os meus pensamentos, ou seja, ao me dispor a escutar estava me colocando inteira desta forma todo o meu ser participou dessa construção.

Quando me dispus a narrar a vida da Solange procurei adotar um estilo fenomenológico, tanto para descrever as vivências como para me dispor a ouvir o que me foi contado, daí a inspiração na obra de Hannah Arendt, mais especificamente Rahel.

Solange é professora universitária, trabalha em duas universidades, tem cerca de oitenta alunos e uma exaustiva carga horária de trabalho. Aos meus olhos é uma pessoa enigmática, acompanhada por uma linda cadela cão-guia. Desperta em quem a encontra e sabe de sua profissão muitos questionamentos, dúvidas, incertezas. Sentimentos que abalam as estruturas seguras em que queremos ancorar nossa vida e que, ao nos depararmos com uma possibilidade de existência diferente, nos invadem com um súbito estranhamento.

A relação com minhas colegas vai se construindo, primeiro eu sou uma personagem intocável, e depois quando elas começam a conviver, a conversar, elas se aproximam de forma mais delicada. E à medida que elas vão convivendo comigo, vão se dando conta que eu sou normal como elas. Que eu tenho problemas, que eu tenho rotinas, que eu tenho gostos, que eu tenho as minhas preferências, e assim por diante. Claro que assim como eu uso o cão-guia, agora, muitas se aproximam pelo cão também. Então o cão funciona muito mais como um elemento facilitador do que uma bengala, então isso representa muito. Agora isso foi uma mudança que houve pelo fato de eu sempre usar bengala e, de repente, passar um mês fora e voltar com um cão-guia. As pessoas que gostam de cão se aproximam; as que não gostam nem se aproximam, o que eu acho ótimo.

Solange mora sozinha, mas tem a companhia de seus dois cães, já foi casada e atualmente é divorciada. Não tem filhos e por um tempo morou com suas irmãs. Ao chegar à sua casa é difícil não se impressionar com a disposição e arrumação de tudo; parece, para quem enxerga, que não seria possível uma pessoa com cegueira viver ali sozinha e nem cuidar de si mesma. Mas à medida que fui observando a Solange e a forma como se relaciona com suas coisas, pude perceber que nós videntes partimos sempre da idéia de impossibilidade em relação a essas pessoas e comigo não era diferente.

Eu não tenho o mesmo pensamento do pessoal da surdez, que diz que o mundo surdo, a cultura surda, tudo é surdo. Eu já acho que nós vivemos no meio, juntas; a nossa subjetividade, os nossos mapas conceituais é que são diferentes. Cada um com suas

referências, cada um com seus aspectos relevantes. Se eu disser que o mundo é cego eu vou reforçar a idéia de que tudo que for para nós não precisa ser bonito, não precisa ser colorido, pode ser sem graça, não precisa ter outros atributos. Eu não posso dizer assim, não compactuo desses sentimentos e dessa visão. Porque eu interajo com o outro, e o outro é exatamente aquele que eu não sou, entende? É aquela pessoa que enxerga. Agora, eu não vou deixar de enfeitar a minha casa só porque eu moro aqui; antigamente estavam as minhas irmãs morando aqui, hoje não estão mais, mas nem por isso eu vou deixar de enfeitar a minha casa. É uma questão particular minha, porque eu poderia ser desorganizada e não priorizar essas coisas, é uma questão até da minha cultura, e da escola da formação que eu tive, no Santa Luzia, tudo nos seus lugares.

Ressaltando o que já foi apresentado anteriormente, o que pretende o presente estudo é escutar uma pessoa com cegueira falar sobre suas experiências. Portanto, a forma como Hannah Arendt apresenta de narrar uma história de vida vai de encontro ao que se busca para a apresentação dos dados de pesquisa.

Quando a autora explica sua obra no prefácio do livro Rahel, fala sobre a forma como escreve a biografia e o que destaca como mais relevante em uma história, os relatos biográficos por ela produzidos fogem das abstrações e deixam claro o gosto pelo concreto. Ela aponta a importância do singular e da faculdade mental do juízo, centrada em Kant, que coloca a capacidade de julgar o particular sem dissolvê-lo no geral.

Naturalmente, é apenas de minhas intenções que posso falar aqui; posso nem sempre realizá-las com sucesso e, nessas ocasiões, posso parecer estar julgando Rahel a partir de algum ponto de observação mais alto; nesse caso simplesmente terei falhado no que me propus a fazer.

(ARENDR, 1994, p.12)

Quando apresenta essa posição, Hannah Arendt deixa claro que ao escrever a história procurou sempre falar a partir da perspectiva que a própria Rahel teria falado e que os cursos das reflexões são os que a mesma teria feito. Partindo dessa forma de ver e escrever biografia é que foi relatada a vida da professora, sempre respeitando sua singularidade.

Ao contar a história de uma pessoa se está sujeito a dissolver o particular no geral, e desta forma, generalizar fatos e experiências pessoais como sendo coletivas. Em especial no caso deste trabalho, que fala de uma pessoa com cegueira, ao narrar suas experiências, pode ser muito tentador querer generalizar e acreditar que todas as pessoas com cegueira podem ter as mesmas experiências ou até trilhar o mesmo caminho.

Inicialmente, já nos primeiros contatos com a professora, ela manifestou o desejo de que em nenhum momento fossem feitas generalizações de suas vivências. As pessoas consideradas deficientes têm sido alvos desse tipo de análise por parte de muitos dos estudos produzidos na área, por isso mesmo é que aqui isso foi usado como critério de apresentação dos dados.

O fato de tu seres cego pode servir de motivação para que tu desenvolvias uma vida. Mas eu te sugeriria que tu nunca apelasses para a generalização. A gente peca quando estuda e conhece uma história e acaba generalizando. Tu generalizas tanto pelo atributo quanto pelo benefício e acaba caindo na vala comum e as coisas não podem ser assim.

Nessa perspectiva cabe perguntar então, qual seria o sentido de escrever biografias para Hannah Arendt? De acordo com ela, a ação e o discurso são os modos pelos quais nós seres humanos nos revelamos uns aos outros na teia das relações intersubjetivas, as histórias são o resultado da ação e do discurso que desvendam um sujeito. “Aquele que diz o que é – *légei tá eónta* – sempre narra uma estória, e nessa estória os fatos particulares perdem sua contingência e adquirem algum sentido humanamente compreensível”. (ARENDR, 2002, p.323).

Destarte, ao escrever a biografia foi necessário atentar para o fato de que a narrativa é uma interpretação, de um determinado momento, que tem limites, pois é um recorte de alguns aspectos, aspectos esses que têm a ver com meus vividos, pois ao realizar o trabalho e fazer a seleção do que seria escrito e ressaltado na história de vida da professora, meus vividos estiveram presentes e foram determinantes.

Outro fator relevante é que, para evitar a generalização sem sentido, foi preciso perceber quais aspectos estão presentes na vida da professora e quais são próprios em todos os seres humanos. Isto para poder trabalhar esses aspectos sem desconsiderar a singularidade presente em cada vivência. Através da singularidade, segundo Hannah Arendt, “o homem retém a sua individualidade e, através de sua participação no gênero humano, pode comunicar aos demais esta sua singularidade”. (LAFER, 2003, p.29).

Permeando a narrativa está a questão da temporalidade, pois a história de vida narrada neste aqui e agora é transitória e resultado da construção formulada da experiência temporal, ou seja, o tempo vivido. Na narrativa as variações temporais não são um mero detalhe utilizado para ordenar os fatos, mas faz parte integrante do seu conteúdo. Hannah Arendt, em sua obra póstuma a “Vida do Espírito”, traz algumas considerações sobre o tempo. Essas conside-

rações devem ser contempladas para que se possa compreender a relação de não-independência entre os fenômenos e as experiências.

Ao falar em tempo logo surge a idéia de mensuração, ou seja, um tempo físico marcado. Como nos coloca Hannah ARENDT (2000, p.19), “Se quisermos refletir sobre o tempo, é o espaço quem responde. Assim a duração é sempre expressa como extensão, e o passado é entendido como algo que está para trás de nós, o futuro como algo que está adiante de nós”. Nessa perspectiva o presente é compreendido como unindo precariamente o passado ao futuro.

Nas narrativas que utilizam uma noção de tempo retilíneo, é comum encontrar um começo que tem um ponto de partida e um fim determinado. Mas o que se pretende é uma compreensão de tempo que ultrapasse essa noção retilínea com ênfase na singularidade do momento histórico.

Ao narrar a história de vida da professora, parti da visão de que cada fenômeno é o todo instituído a partir da estruturação temporal de nossas partes entre si e junto ao mundo. Desta forma construí a narrativa partindo dessa compreensão e procurando contar uma história que possibilite entender o aqui e agora como o resultado da unidade da nossa existência.

Por outras palavras, transcendemos o que está disponível, tentando construir a unidade de nossa existência. Por quanto malogramos em nosso intento, experimentamos um sentido de ausência e um de expectativa, a que chamamos de tempo. Eis em que sentido, o passado e o futuro podem se fazer sentir junto à nossa atualidade.

(MÜLLER, 2001, p.31)

É através do diálogo, das palavras – a linguagem, dentro de um tempo vivido que se estabelece a relação de movimento e tempo subjetivo que é o tempo que perpassa toda a narrativa. Um tempo que extrapola a noção do aqui e agora, do passado e do futuro para se fazer sentir na forma pela qual se constitui a troca que é estabelecida com o outro.

Outra contribuição da autora para o presente estudo está relacionada às suas considerações sobre os direitos humanos; essas considerações podem trazer à tona importantes reflexões sobre a vida e as experiências das pessoas com cegueira no mundo. Como coloca Hannah Arendt, os seres humanos têm múltiplas razões para não se sentirem, à vontade e nem em casa no mundo. Essa busca por encontrar o seu lugar no mundo, para as pessoas que tem uma diferença, passa pela construção de direitos na vida coletiva e o reconhecimento de suas capacidades e possibilidades. O que deve acarretar esse reconhecimento é a garantia de direitos

que ultrapassem a formalidade das leis, possibilitando que saiam do papel para se tornarem efetivas.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos que foi proclamada em 1948, existe como premissa maior que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”, porém não é o que se tem assistido acontecer na história da humanidade. A falta de condições de uma vida digna para muitos seres humanos foi a marca dos séculos passados e parece estar se desenhando um cenário nada diferente neste início do século XXI.

2.1 De professora à pesquisadora

Um elemento fundamental neste estudo foi estabelecer uma relação de confiança e troca com a Solange. Falo aqui na postura pessoal do pesquisador. Por este motivo, me proponho a apresentar como me constituí professora e pesquisadora e como as questões trazidas neste trabalho ganharam força na minha experiência. Acredito que nós pesquisadores devemos sinalizar através da nossa prática, tanto profissional quanto pessoal, o que nos moveu até as coisas que nos propomos a pesquisar.

Meu interesse pela temática da formação de educadores surgiu ainda no curso de graduação em Pedagogia com habilitação em Deficiência Mental, da Universidade Federal de Santa Catarina, quando desenvolvi pesquisa voltada a identificar a postura do educador diante do processo de integração das crianças portadoras de necessidades especiais que frequentam o ensino regular. Essa pesquisa foi realizada em instituições de Educação Infantil do município de Florianópolis, instituições nas quais estava ocorrendo tal processo de integração. Foram contempladas 64 instituições e participaram como sujeitos 87 educadores.

Os dados foram coletados durante o período de agosto de 1995 a março de 1996, em um questionário que continha a seguinte questão aberta: “No meu primeiro dia de aula, ao chegar à sala, identifiquei uma criança com uma diferença. Então...”. Essa pesquisa caracterizou-se por um estudo exploratório, com a análise dessa questão, o que possibilitou perceber o quanto se torna necessário potencializar a formação dos professores no que diz respeito à compatibilidade entre suas concepções pedagógicas e a relação com a diferença. No discurso das professoras entrevistadas, foi possível perceber uma grande preocupação com suas possibilidades de ensinarem esses alunos e de lidarem com as dificuldades que eles poderiam apresentar.

Após concluir o curso de Pedagogia, parti para o mundo do trabalho, onde pude vivenciar e comprovar muitas das inquietações que me trouxeram até o Mestrado em Educação. Queria

poder contribuir com a formação dos professores que atuam e recebem em sala de aula no ensino regular, alunos diferentes. Esse desejo foi o que me moveu sempre em busca de leituras que me possibilitassem refletir sobre o ser professor. Fazendo essas leituras e participando de grupos de pesquisa, encontrei estudos sobre o professor a partir da abordagem da história de vida – procurando ver o professor como uma pessoa com vários fatores envolvidos em sua profissionalidade.

Ao mesmo tempo em que me debruçava sobre as leituras, vivia momentos de dúvida e insegurança em minha profissão, como por exemplo: *onde eu queria atuar? O que realmente eu estava buscando?* E, principalmente: *como poderia contribuir com as pessoas que têm uma diferença?*

Trabalhei com a educação especial e a educação infantil até que tive a oportunidade de vir a dar aulas na universidade. Senti, então, que tinha encontrado uma forma de contribuir com a formação dos professores que irão atuar nas escolas, que poderia mostrar um pouco do que aprendi na experiência. Comecei atuando com a disciplina de Educação Especial e logo comecei a trabalhar com a disciplina de Prática Pedagógica/Prática de Ensino para as habilitações em séries iniciais e educação infantil.

Mas a vontade de poder contribuir diretamente com as pessoas que têm uma diferença ainda fazia muito sentido para minha busca profissional. No curso de Pedagogia a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina havia uma turma de alunos com cegueira e baixa visão que estavam cursando a graduação em pedagogia e pretendiam ser professores e atuar no ensino regular. Comecei a trabalhar com esses alunos na disciplina de Prática Pedagógica/Prática de Ensino I (pois a disciplina se divide em I e II) e logo novas idéias e inquietações surgiram.

Porém, tinha comigo uma grande certeza: poder contribuir não só com esses alunos, mas com muitos outros que tenham a mesma condição e queiram cursar o ensino superior e se tornar professores. Foi então que se consolidou e definiu este estudo, voltado a futuros professores que têm uma diferença.

Não foram só alegrias que permearam o encontro com esses alunos – me deparei com todo o preconceito que tenho arraigado em mim, com minhas dúvidas em relação à capacidade dessas pessoas e com o descrédito por parte de outros colegas em relação à atuação desses alunos como professores no ensino regular, frente a alunos videntes. Precisei, então, olhar

para mim mesma, rever minhas concepções e mudar muitas das minhas posturas que antes eu julgava serem corretas.

Nessa intensa relação, tive a oportunidade de desenvolver meu trabalho como professora universitária. Como iniciei a pesquisa de Mestrado logo após iniciar nessa atividade profissional, as leituras e os estudos que estava fazendo serviram de base para as novas concepções que precisei construir dentro de minha trajetória como professora. Através das trocas que estabeleci nesse processo de formação ancorei o trabalho realizado com os alunos.

Quando iniciei o Mestrado, tinha em mente estudar os alunos com cegueira e baixa visão do Curso de Pedagogia a Distância. Mas, à medida que minhas leituras foram avançando e que me deparei com a possibilidade de realizar a pesquisa com uma professora universitária doutora com cegueira, minha perspectiva mudou.

Essa mudança se deve ao fato de que, como já coloquei, há algum tempo me interessava bastante pela carreira docente, pela forma como os professores, constroem sua profissão ao longo do tempo e quais fatores estão presentes e são determinantes na constituição da sua identidade profissional. Minhas leituras eram voltadas para uma perspectiva mais geral do estudo da *profissionalidade* docente. Porém, a partir do momento em que comecei a trabalhar na universidade, minhas inquietações se tornaram mais pontuais em relação ao estudo com professores universitários, à forma como constituem sua carreira, à formação para atuar nessa área do ensino. Dessas inquietações decorreu a definição desta proposta de estudo.

Hoje me encontro finalizando uma etapa que, com certeza, é o início de novas perspectivas em minha profissão. Pois, quando concluímos algo, mudamos, podemos partir para uma nova busca. Isso nos move no mundo, no qual procuramos encontrar um lugar e nos *sentir em casa*.

A atuação profissional com os alunos com cegueira e baixa visão e a realização deste estudo de pesquisa me proporcionaram um grande aprendizado, que marcou minha vida pessoal e profissional. Espero que esta pesquisa possa servir também de estímulo a novos trabalhos.



Figura 3: Evgen Bavcar – 1997

É preciso não esquecer nada

É preciso não esquecer nada:
nem a torneira aberta nem o fogo aceso,
nem o sorriso para os infelizes
nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta
nem o céu de sempre.

O que é preciso é esquecer o nosso rosto,
o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso.

O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,
a idéia de recompensa e de glória.

O que é preciso é ser como se já não fôssemos,
vigiados pelos próprios olhos
severos conosco, pois o resto não nos pertence.

Cecília Meireles (1962)

3. A PESQUISA

3.1. O ponto de partida

Acredito que pesquisar é como trilhar um caminho, partimos de um lugar e pretendemos chegar a outro. Quando iniciamos uma caminhada ou viagem, nos munimos de certa bagagem, levamos coisas que julgamos serem indispensáveis para essa empreitada e coisas que acreditamos que possam vir a ser úteis. À medida que vamos trilhando um caminho, encontramos sempre coisas novas, estabelecemos novas relações e então nossa bagagem começa a aumentar. Frente a isso, num dado momento, surgem as dúvidas, pois encontramos algo que julgamos ser imprescindível para continuar a viagem e o que antes parecia ser indispensável já não é mais. Num dado momento do nosso trajeto, precisamos parar, rever e então fazer escolhas, abandonando algumas coisas para que possamos carregar e utilizar as novas que encontramos.

Ao dar início a esta pesquisa tinha algumas verdades e muitas dúvidas. As dúvidas estavam permeadas por minha essência de estudante/pesquisadora, as verdades estavam recheadas de certezas que eu tinha construído em minha trajetória como professora até esse momento. Porém, como costuma acontecer em uma viagem, novas possibilidades foram surgindo à medida que fui desenvolvendo a pesquisa e, assim, velhas convicções foram abandonadas e novas perspectivas incorporadas.

Conforme foi apresentado anteriormente, este trabalho apresenta a história de vida de uma professora universitária que tem a experiência da cegueira. Através das vivências do outro é possível ver e encontrar sentido para muitas de nossas experiências. Quando se narrar o outro se está falando também de si mesmo, pois as experiências constituem uma totalidade, guardam entre si uma relação de não-independência.

Ao iniciar a pesquisa, não sabia ao certo de onde partir, pois eu não tinha um convívio intenso com pessoas com cegueira. O pouco que pude conviver com elas com certeza era insuficiente para servir de subsídio para meu estudo. Porém, como é de costume nos estudos que são encontrados, acreditava que poderia adquirir conhecimento através da literatura e que poderia explicar a cegueira sob a minha ótica de vidente. Isso foi mudando bastante no decorrer do trabalho, com o aprofundamento das bases teóricas.

Primeiramente realizei um levantamento bibliográfico na literatura da área que abordava o tema em questão, mais especificamente a cegueira e estudos sobre a docência. Esse levan-

tamento foi feito em âmbito local, nacional e internacional nas publicações dos últimos cinco anos.

Ao iniciar o estudo e a revisão de literatura, estava ainda muito pautada no nível das explicações. Queria encontrar como explicar os dados e apontar um caminho que me levasse a entender a cegueira, não me permitindo ouvir e sentir o que me estava sendo narrado. Procurando superar essa forma de estudo, busquei então traçar um caminho para a pesquisa que possibilitasse compreender como poderia encaminhar um trabalho descritivo. Para tanto, mergulhei nas leituras e deixei voar a imaginação – que, aliás, deve ser uma grande aliada do pesquisador/escritor.

O interesse inicial, que era trabalhar com história de vida com enfoque sobre a consolidação da carreira profissional, mudou após definir que seria apenas um sujeito – uma professora – e estabelecer o primeiro contato. Desse primeiro contato resultou uma enorme amplitude de dados através da narrativa de vida da professora, desde a infância até o momento presente. Ao apresentar esses dados para a banca de qualificação, foi constatado que seria de uma imensa riqueza não colocar um foco centrado apenas na carreira profissional, e sim partir para uma narrativa com enfoque na vida da professora, buscando compreender a experiência com a cegueira que ela poderia mostrar.

Procurando ultrapassar a idéia de fazer pesquisa por meio da explicação/análise, busquei então uma metodologia que possibilitasse conhecer as experiências vivenciadas pela professora e que pudesse mostrar sua trajetória de mulher e professora com cegueira. Precisei, assim, ir em busca de bases teóricas que me possibilitassem entender o fenômeno indissociável das experiências.

Parti para leituras que procuram ultrapassar a noção cartesiana de representação e romper com a idéia de que nossas experiências estão separadas dos fenômenos. Isso significa ultrapassar a concepção de algo estabelecido por um paradigma lógico específico e tido como verdadeiro e único. Essa modalidade de estudo teórico libera à compreensão uma definição do que seja algo e ainda, como apresenta Hannah Arendt, aprisiona o ser e suas possibilidades na lógica de um conceito construído. Nesse sentido, segundo a autora, trata-se de uma inversão na ordem da existência, na proporção em que algo vem a ser o que é apenas e através do que o conceito dele tornar claro e estabelecido.

Desenvolvendo seu pensamento através de um estilo fenomenológico que se apresenta pela *explicitação do real*, Hannah Arendt contribui ampla e profundamente para a compreen-

são do Ser e de sua relação de estar no mundo, que pressupõe o entendimento de que tudo o que existe – experiência – torna-se tangível na nossa realidade.

Outro autor especialmente identificado com esta idéia é Merleau-Ponty. Ele propõe uma nova ontologia que se pauta “no reconhecimento e a caracterização discursiva da inerência do fenômeno à experiência.” (MÜLLER, 2001, p.15).

Para Merleau-Ponty,

Ainda que se trate de ocorrências particulares, em cada experiência expressiva é a nossa própria vida que damos a conhecer. De onde se segue haver uma ligação indissociável entre a expressão de fenômenos e a constituição temporal de nossa subjetividade.

(MÜLLER, 2001, p.32)

O estilo fenomenológico adotado por esses dois autores, inspirou minha atitude de pesquisar. Nesse sentido, o presente estudo procura estruturar a investigação partindo de duas posições: trata-se de olhar e enxergar para fora de nós mesmos e tentar conhecer os problemas que nos coloca o mundo em que vivemos; olhar e enxergar para dentro de nós mesmos e ver dinamismos, vivências e repercussões do mundo em nós – nossos *vividos*.

O estilo fenomenológico corresponde à tentativa de descrever as experiências de forma direta tal como elas são sem nenhuma interferência de análise psicológica e explicações como são feitas em outras formas de estudar o ser e as coisas do mundo. MERLEAU-PONTY (1999) registra que trata de descrever, sem analisar nem explicar, seria retornar às coisas mesmas. O que sabemos do mundo, mesmo que através da ciência, é construído a partir de uma experiência do mundo da qual a ciência necessita para poder colocar suas verdades.

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho.

(MERLEAU-PONTY, 1999, p.4)

Essa atitude de pesquisar se traduz na busca pela compreensão dos *vividos*, que tem sentido ao propor um estudo que centra o interesse no fenômeno que não é um objeto e sim uma vivência. Dentro dessa perspectiva, os fenômenos psíquicos são coletivos – universais, são ocorrências públicas; assim, são encaradas as vivências não como algo pertencente a indivíduos, mas a uma esfera pública coletiva. Eu, enquanto pesquisadora, estabeleci uma troca com a professora ao me propor a ouvir e narrar suas experiências. Através do que me foi relatado,

pude refletir sobre minhas experiências ao mesmo tempo em que a minha presença possibilitou a ela também refletir sobre as suas; e, dessa forma, mutuamente construímos uma vivência.

À medida que a professora ia narrando sua história de vida, eu procurava selecionar o que seria descrito na narrativa. Ao fazer essa seleção, cada vez mais tinha consciência da troca que estabelecíamos, da interdependência entre o pesquisador e o sujeito.

Nossas experiências não podem se dar isoladamente, pois elas só existem na comunicação e no reconhecimento da presença do outro, que constitui a intersubjetividade. É nessa relação, através da narrativa da história de vida da professora, que acontece essa construção, intersubjetiva.

Ao direcionarmos o olhar ao outro e às experiências, olhamos e somos olhados e, desta forma, podemos nos ver através do outro. É preciso, porém, ter claro que uma vivência não é algo que possa ser apanhado, captado, entendido. “Jamais estamos em condições de saber como nossa existência pode vir a atuar sobre os outros.” (HEIDEGGER in ARENDT, 2001, p.7).

As experiências têm uma relação de *não-indenpedência* entre suas partes, pois cada parte tem em si uma continuidade ou um complemento que constitui uma totalidade. Como examina MÜLLER (2001), sendo os fenômenos indissociáveis das experiências, resultado de ocorrências simbólicas e mundanas, estão eles integrados segundo uma relação de implicação.

Considero, nessa perspectiva, que, ao pretender fazer um estudo descritivo, procurei demonstrar as vivências e os instituídos, escutando a professora falar sobre suas experiências e retratar seu universo perceptivo e seus sentimentos ao fazer parte e buscar por um lugar no mundo.

Quando estamos aclimatados no mundo, podemos ver nossa vida como o desenvolvimento do “produto da natureza”, a seqüência continuada daquilo que sempre já fomos. O mundo nesse caso torna-se uma escola no sentido mais amplo e as pessoas, educadoras ou corruptoras.

(ARENDR, 1994, p.16)

Ao nos dispormos a escutar as pessoas falarem sobre si mesmas e apontarem suas vivências para entendermos o que elas nos apresentam, acredito que seja possível criar um entendimento do fazer pesquisa, que vai muito além de apontar resultados exatos, medidos e invariáveis. Partindo, assim, na busca pela construção de uma realidade alicerçada na possibilida-

de de uma *comunicação ilimitada* e, de forma subjetiva, construir o diálogo com os outros através da pesquisa.

Essas abordagens surgem como fruto da insatisfação das ciências sociais em relação aos métodos utilizados para fazer pesquisa e aos resultados obtidos – que acabaram por denunciar a necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico.

Ainda que as metodologias que pregam a separação entre sujeito e objeto possam ter sua validade, no caso deste trabalho parece ser pertinente buscar uma abordagem metodológica que possibilite produzir um conhecimento mais próximo da vida e do cotidiano das pessoas. Especialmente quando me reporto ao estudo de categorias que envolvem e fazem aparecer os sujeitos frente às estruturas e aos sistemas, as vivências frente ao instituído.

À medida que a ciência se desenvolveu, houve um abandono do senso comum. A formalização de uma linguagem científica esvaziou de sentido a nossa percepção concreta das coisas e das relações que o homem estabelece. Essa perda do senso comum e a rejeição à linguagem comum estão relacionadas à falta de confiança no que nos circunda, o que nos distancia da vida e do cotidiano das pessoas.

Conforme coloca Hannah Arendt

(...) e o homem quando se confronta com a realidade objetiva, não encontra mais a natureza, mas se desencontra consigo mesmo, isto é, com objetos que criou e processos que desencadeou, que funcionam, mas que não entende porque não é capaz de explicá-los em linguagem comum.

(LAFER, 2003, p.54)

Considerações como essas me levaram a conduzir esta pesquisa através do método biográfico. Optei pela narrativa biográfica por acreditar que é uma possibilidade do fazer pesquisa que pode contribuir para a realização de trabalhos voltados a compreensão do mundo subjetivo, tornando visíveis as experiências que resultam da nossa ação no mundo. Contar histórias é uma forma de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem, é uma capacidade universal.

Mais que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura. É, na verdade, a nosso ver, a renovação do presente.

(GOBBI, 2005, p.84)

Apontando também para o pequeno número de estudos acerca da vida e do cotidiano de pessoas com cegueira, acredito que o presente estudo possa contribuir no sentido de fornecer subsídios para uma reflexão. Assim como servir de estímulo e orientação para as pessoas com cegueira e os profissionais que desenvolvem trabalho junto a essas pessoas.

3.2. Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa consiste em um estudo de campo. Segundo MARCONI (1990), este tipo de pesquisa possibilita conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta; ou de uma hipótese que se queira comprovar; ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

BAUER e GASKELL (2002) assinalam a importância da pesquisa qualitativa para a compreensão dos fenômenos humanos e as propostas para fazer uma releitura das transições que vivemos na tentativa de propor novas metodologias que auxiliem na dinâmica do narrar e do dizer dos seres humanos.

Nesse sentido, o presente estudo utiliza a história de vida como abordagem metodológica por acreditar que permite o acesso ao estudo da vida do indivíduo nas suas dimensões pessoal e profissional.

NÓVOA (1992) apresenta uma ampla discussão sobre a pesquisa em educação e mais precisamente em relação à formação dos professores e a metodologia de história de vida. Segundo o autor, os métodos biográficos assumem desde o final da década de 70, uma importância crescente no universo educacional. Esse crescente desenvolvimento de estudos dentro dessa abordagem já pode ser sentido também no Brasil.

Ao fazer o levantamento bibliográfico constatei isso nos trabalhos apresentados na reunião anual da ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. No GT sobre formação de professores, houve uma concentração de trabalhos apresentados com essa abordagem.

Porém é importante salientar que não tem sido fácil a integração dessas pesquisas para possibilitar novas metodologias de formação de professores.

Mas a integração destas abordagens no espaço educativo, sobretudo na área da formação de formadores, não tem sido fácil: do ponto de vista prático, verifica-se a ausência de uma teoria da formação dos adultos, que forneça um suporte sólido à elaboração de modelos inovadores e à realização de práticas alternativas; do ponto de vista teórico, as fragilidades

conceptuais das Ciências da Educação provocam uma necessidade de afirmação com base nos paradigmas científicos dominantes, o que dificulta a emergência de novas perspectivas.

(NÓVOA, 1992, p.19)

A discussão acima referida está bastante presente no cotidiano das instituições superiores que têm a função de formar os professores. Embora muitos estudos venham sendo desenvolvidos nesse sentido, ainda é urgente que se busquem alternativas para formar os professores para uma atuação consistente frente às dificuldades que vão encontrar no seu mundo do trabalho. É nos cursos de pós-graduação, onde são desenvolvidas as pesquisas referentes à área de formação de educadores, que é preciso encontrar caminhos que viabilizem o preparo dos professores que devem atuar nos cursos de formação.

Pertinente a essa discussão foi a escolha do público-alvo da pesquisa. Para desenvolver um estudo de campo é preciso partir da definição do público-alvo e de quantas pessoas farão parte do estudo. O desejo inicial era estudar pessoas com cegueira que já tivessem concluído ou estivessem concluindo o ensino superior – adultos.

A carência de estudos sobre pessoas com cegueira adultas também motivou a escolha por essa temática, uma vez que o maior número de pesquisas encontradas é sobre crianças. E, mais especificamente na área da educação, sobre a temática da inclusão.

A idéia inicial consistia em utilizar três pessoas em momentos diferentes de suas carreiras profissionais e fazer um estudo comparativo. Essa idéia foi abandonada à medida que houve um aprofundamento teórico e uma reflexão sobre os objetivos do trabalho, que levaram à escolha de um sujeito. A escolha de um único sujeito me possibilitou um aprofundamento maior no estudo, considerando o tempo escasso que dispomos para a realização da pesquisa.

Outra necessidade era delinear o perfil de quem seria esse sujeito da pesquisa. Após um aprofundamento do levantamento bibliográfico sobre as produções da área, acabei definindo que seria um(a) professor(a) universitário(a) com cegueira. Isso foi motivado pelo fato de que eu, enquanto professora universitária em início de carreira encontrava um grande sentido em estudar sobre a docência no nível superior. Também pela grande possibilidade que isso traria em relação à concepção comum de cegueira e à formação profissional desse sujeito.

Elegi então como sujeito uma professora, mulher com cegueira, com nível de formação em doutorado e que atua como professora universitária.

3.3. Contando a história do outro: biografia como método

O objetivo do trabalho acabou se definindo por investigar como uma professora com cegueira constitui sua trajetória de vida e sua relação com o outro e com o mundo. Optei, então, por utilizar a narrativa de vida com tom biográfico.

Dentro do meio acadêmico a biografia ainda é bastante contestada. Os acadêmicos são acusados de usar o método para comprovar ou afirmar suas especificidades de estudo. Outra alegação é a de que a biografia é arte e não ciência. Porém, segundo Vilas Boas, afirmar isso seria negar o caráter transdisciplinar inerente à biografia. “O objetivo macro da narrativa biográfica é gerar conhecimento sobre o passado de alguém ou de alguma coisa.” (VILAS BOAS, 2002, p.21).

Sendo assim, optei pela narrativa biográfica por acreditar que é uma possibilidade do fazer pesquisa que pode contribuir para a realização de trabalhos voltados aos propósitos de examinar o mundo subjetivo. Contar histórias é uma forma de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem, é uma capacidade universal. Segundo ARENDT (1987), aquele que conta uma história fala as coisas que são, e nessa história os fatos perdem sua contingência ao adquirir significados humanos.

É verdade que o contar histórias revela o sentido sem cometer o erro de defini-lo, realiza o acordo e a reconciliação com as coisas tais como realmente são, e até podemos confiar que eventualmente contenha, por implicação, aquela última palavra que esperamos do “dia do juízo”.

(ARENDR, 1987, p.95)

Em relação a isso se percebe o crescente interesse pelo gênero literário das biografias, que demonstra o quanto o indivíduo tem importância e como as pessoas se projetam em outras vivências. “As biografias sugerem o universo embutido na particularidade de um indivíduo.” (VILAS BOAS, 2003, p.37).

Indo ao encontro disso, existe uma dificuldade bastante grande na área da Educação: não sabemos comunicar nossas pesquisas e seus resultados. Os teóricos da Educação são geralmente herméticos, faltando-lhes habilidade para tornar o conhecimento produzido acessível aos professores e à sociedade em geral.

Essa falta de habilidade tem relação direta com a falta de imaginação para tornar os textos atrativos e de fácil compreensão – como explicar que alguns autores, não sendo teóricos

da área e escrevendo sobre educar, ser professor, consigam ser mais lidos e aceitos no meio profissional pelos professores do que teóricos legitimamente formados?

Na verdade, parece haver pouco cuidado com a escrita e com a produção de livros; dominamos a escrita científica, mas não dominamos a escrita pública, aquela que chega a todos e tem a habilidade de comunicar e se fazer entender envolvendo o leitor. Nós, acadêmicos, precisamos aprender a escrever de forma clara para todos os tipos de leitores.

Ao optar pela narrativa biográfica procurei romper com essa forma hermética de fazer pesquisa e de apresentar as conclusões, procurando uma forma prazerosa e fluída de apresentar os dados obtidos no presente estudo. Inclusive porque o gênero da biografia é um dos mais lidos pelo público em geral.

O método biográfico possibilita que se lide com humanidades; que, ao narrar o outro, possamos nos encontrar presente em sua história, ver muito de nós mesmos através das situações que nos são narradas.

Para Hannah ARENDT (2005), a pluralidade da humanidade requer a comunicação, ou seja, um pensar alargado que considera o outro, um pensar que está sempre ligado ao pensamento do que o outro pensa. Desta forma é que precisamos saber como comunicar nossos estudos, voltando-nos para uma forma de comunicação ilimitada, que significa uma compreensão das verdades e uma boa vontade da palavra e da atenção como pré-requisito do viver humano no mundo.

Conforme coloca VILAS BOAS (2002), a biografia tem quatro possibilidades de captação e narração: pesquisar, aprofundar, interpretar e criar.

É possível utilizar as fontes primárias e secundárias para realizar a pesquisa da vida do sujeito que se vai narrar. As fontes primárias são as documentais que não dependem de filtro da memória humana, e as secundárias são aquelas que dependem diretamente da lembrança, ou seja, as entrevistas. Utilizei somente fonte secundária através de entrevistas orais gravadas, por estar buscando escutar a professora para que narre suas experiências e então possibilite um conhecimento do seu universo de pessoa com cegueira e sua relação de ser e estar no mundo.

Acredito que a narrativa biográfica (escrita, oral ou visual) pode ser uma importante aliada na luta contra o materialismo artificializante. Por decorrer da experiência de viver, a biografia visa ao conhecimento das realidades humanas; ela pode – e deve – encantar, humanizar, iluminar os valores essenciais e o sentido que cada um de nós atribui à vida.

(VILAS BOAS, 2002, p.165)

A singularidade humana é a possibilidade que o homem tem de reter a sua individualidade e através do gênero humano poder comunicar aos outros a sua singularidade. Com essa forma de fazer pesquisa e de apresentar os dados, a biografia ou como também posso falar a história de vida, é possível comunicar como uma pessoa constitui sua experiência e desta forma vislumbrar possibilidades para os outros seres.

3.4. Coleta de dados: ouvir o outro

Para realizar a coleta de dados utilizei entrevistas. Optei por entrevistas abertas com a idéia de lançar um tema e deixar que a professora falasse sobre ele. Segundo DUARTE (2005), a entrevista aberta tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada de acordo com aspectos que sejam significativos para o entrevistador. O entrevistado define a resposta conforme seu conhecimento, percepção, realidade, experiência.

Para tanto, estava fundamentada em uma estratégia metodológica de estudo descritivo, em que pesquisador e sujeito se influenciam mutuamente. “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.” (DUARTE, 2005, p.63).

3.4.1. Entrevista inicial

Procurei no primeiro encontro lançar o tema e apenas ouvir a narrativa, com a idéia de que a partir daí, nos próximos encontros, aprofundaria os tópicos que necessitassem. A entrevista aberta proporciona que cada encontro sirva para direcionar o seguinte. Outro fator importante a ser salientado é que, ao trabalhar com a biografia, deve-se ter em vista que o biógrafo precisa apreender o seu biografado; sendo assim, o primeiro encontro teve o objetivo de proporcionar uma aproximação e a criação de vínculos entre eu e a professora.

Nesse momento inicial procurei estabelecer a condição de ouvinte e firmar laços de confiança que possibilitassem um aprofundamento maior nos próximos encontros.

Os encontros aconteceram na casa da professora e conforme a disponibilidade da mesma, o que possibilitou um mergulho em seu ambiente pessoal. As entrevistas foram gravadas e logo após transcritas de forma literal para depois partir para a apresentação dos dados.

Para esse momento foi criado um roteiro com tópicos que possibilitassem à professora narrar sua trajetória de vida. Dessa forma, utilizei o roteiro como um guia para uma conversa informal. Os tópicos lançados foram: a) dados pessoais; b) a infância; c) a primeira escola; d)

o primeiro trabalho; e) o ensino médio e o desejo de ser professora; f) a universidade: o curso de pedagogia, o mestrado, o doutorado; g) o trabalho como docente; h) a relação com os outros; i) contribuições dela para o grupo de pessoas com cegueira.

3.4.2. Entrevistas de aprofundamento

Com a realização da primeira entrevista foi possível delinear o trabalho e definir como ocorreriam os outros encontros para a coleta dos dados. Com o intuito de aprofundar os temas trabalhados no primeiro encontro realizei as entrevistas seguintes.

Conforme DUARTE (2005), a entrevista de aprofundamento é uma técnica útil para a apreensão de uma realidade que pode tanto tratar questões relacionadas ao íntimo do entrevistado como para a descrição de processos complexos nos quais está o sujeito envolvido ou já esteve.

Para que isso ocorresse, era preciso intensificar o vínculo entre eu e a professora. Como na segunda entrevista ainda estávamos travando laços, optei por utilizar os mesmos tópicos da primeira, procurando aprofundar mais as questões em torno dos pontos que ela própria apontou como relevantes para um aprofundamento.

Indo ao encontro do propósito da pesquisa – que é apresentar a experiência da pessoa cega sobre a cegueira, sua relação de ser e estar no mundo – escrevi o trabalho com a participação da professora. Antes de cada encontro, enviava a ela a transcrição da entrevista anterior para ela ler – usando os recursos necessários para tal.

O mesmo ocorreu com o momento da escrita e apresentação da história de vida: a professora leu e opinou. Porém vale ressaltar, que a autoria do trabalho foi minha, pois foi a partir das minhas escolhas que se desenhou a biografia da Solange.

3.5. Revisão bibliográfica

Para discutir a carreira e a profissão docente e, mais especificamente, de professores universitários com cegueira no Brasil, investiguei a produção na área, verificando a relevância acadêmica do tema, as lacunas existentes e as possibilidades de novas contribuições, especialmente para professores universitários, pessoas com cegueira e profissionais que trabalham com essas pessoas.

O ponto de partida para a compilação aqui apresentada foram dados buscados junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que constitui uma referência em pesquisa frente à comunidade acadêmica. O período que serviu de análise fo-

ram os últimos dez anos, de 1995 a 2005 – período que parece mais relevante para esta pesquisa por compreender o tempo de formação da professora pesquisada. Os periódicos pesquisados foram: Educação & Sociedade, Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, Educação e Pesquisa, Cadernos CEDES, Caderno de Educação Especial – UFSM e Revistas do Centro de Educação – UFSM.

Com as palavras-chave *professores cegos*, *carreira docente* e *profissão docente* foram encontrados apenas três artigos, sendo dois artigos referentes à profissão docente (Pacheco, 2004 e Bellochio, 2004) e um referente à formação do professor universitário (ISAIA, 2004). Para ampliar mais o universo de busca, usei a palavra-chave *formação de professores*, que me levou a muitos trabalhos, donde selecionei apenas um voltado a professores universitários.

Outra busca realizada foi no banco de teses e dissertações da CAPES. Inicialmente foram utilizadas as mesmas palavras-chaves: *carreira docente*, *professores cegos* e *profissão docente*. Com a chamada *professores cegos* não foi encontrado nenhum título em nível de mestrado e doutorado. Refinei a busca centrando nos estudos de mestrado e doutorado com a chamada *formação de professores universitários*, foram encontrados ao todo, cinco trabalhos, sendo que nenhum desses enfocava a formação e sim a prática desses professores. Apenas um desses trabalhos enfoca a trajetória profissional de professores universitários do curso de educação física. Referente ao curso de Pedagogia, encontrei apenas um trabalho que enfoca a prática dos professores universitários, sem na verdade fazer uma relação com sua formação.

Com a palavra-chave *educação de pessoas cegas* foram encontrados dois trabalhos em nível de doutorado, um deles voltado à corporeidade do cego (PORTO, 2002), e o outro a histórias da vida escolar de pessoas deficientes visuais (CAIADO, 2002). Em nível de mestrado foram encontrados dez títulos, sendo que oito apresentam diferentes temáticas entorno do processo de inclusão e inserção social, um é sobre sexualidade do sujeito cego (NEDEFF, 2002) e outro sobre processo tátil e processo artístico do cego (JÚNIOR, 2003).

Assim, pude constatar que o material disponível sobre a carreira e a formação de professores universitários com cegueira no Brasil é bastante restrito, podendo se dizer inexistente. Acredito desta forma, que a presente pesquisa pode contribuir significativamente para a ampliação do campo teórico desse tema, para os profissionais da área e acima de tudo para as pessoas com cegueira que estão estudando e constituindo sua profissão docente.

3.6. Biografia e estudos sobre a docência

Os estudos biográficos produzidos no âmbito da profissão docente possibilitam o conhecimento sobre os professores, demonstrando o seu fazer e descrevendo suas vivências. Dessa forma, produzimos através da biografia um conhecimento mais próximo da realidade vivenciada pelos professores em seu cotidiano. Conforme registra NÓVOA (1992), a partir de um dado momento, que desencadeou a partir da década de 1980, houve um crescimento de estudos sobre a pessoa do professor.

As questões que nortearam esses estudos estão centradas no desenvolvimento da carreira docente e na relação que a dimensão pessoal do professor tem sobre o desenvolvimento de sua profissão. Toda essa produção se deu de forma desigual e heterogênea, sendo alvo de muitas críticas por algum tempo, mas teve o mérito de “recolocar o professor no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação.” (NÓVOA, 1992, p.15).

Com relação à carreira profissional, o professor, segundo GONÇALVES (1992, p.147), desenvolve-se por referência a duas dimensões. A *dimensão individual* que está centrada na natureza do seu eu; e a *dimensão grupal ou coletiva*, que é construída no seu campo de atuação, influenciando e determinando a sua individualidade profissional.

Nesse contexto que estuda as problemáticas relativas às questões individuais e coletivas do *ser professor*, este estudo aprofunda através da biografia de uma professora universitária com cegueira, discussões atinentes à docência, buscando contemplar a figura do professor para além das questões que envolvem as visões clássicas que o situam, situações de eficácia e do fazer pedagógico no espaço restrito da escola e da sala de aula. Dessa forma, o que pretendendo aqui é considerar o educador como ser humano, profissional, na sua relação de ser e estar no mundo.

As mudanças ocorridas nos últimos 25 anos vêm desafiando os professores em sua autonomia profissional e suscitando questionamentos em torno do que seja ser um profissional no âmbito dessas cobranças públicas e sociais que vêm ocorrendo. Segundo DAY (2001, p.21), uma tradicional reivindicação dos professores “é a de que são profissionais”; nessa idéia está implícita a percepção de que a formação proporciona ao docente o domínio do conhecimento das disciplinas, da pedagogia e dos alunos e lhes confere certa autonomia. “Saber se os professores são ou não profissionais é uma questão que tem sido amplamente discutida ao longo dos anos.”

Com o presente estudo, foram levantados aspectos sobre a carreira docente do professor universitário que, além da formação inicial na graduação, tem como requisito para sua docência os cursos *stricto sensu* de pós-graduação – mestrado e doutorado – requisito que certamente exige um tempo bem maior de formação e que envolve todo um processo de aprendizagem voltado para a pesquisa e para o trabalho com alunos adultos. Ao me reportar ao ensino de alunos adultos, parto do princípio e concordo com os autores que centram a aprendizagem para a docência na experiência do professor.

A história de vida da Solange, sua passagem pelo ensino superior (pelos cursos de graduação, mestrado e doutorado) e a forma como desenvolve seu trabalho possibilitam refletir sobre como se constitui um professor universitário; como se adquire competência para desenvolver a carreira docente na universidade; e, mais especificamente, como isso se dá sendo ela uma pessoa com cegueira.

Nesse sentido, uma formação docente de qualidade, que contemple o saber-fazer e o saber-ser do professor consciente de seu papel social, implica pensar a relação de diferença e diversidade que deve estar presente nesse processo.

Frente a essa discussão é que cabe perguntar: Em que momento é feita a opção pela docência no ensino superior? O que leva hoje um profissional a buscar os cursos de mestrado e doutorado? Terão os alunos de pós-graduação clareza do que seja dar aulas no ensino superior durante o processo de formação nos cursos de pós-graduação? Em que espaço ocorre essa formação mais específica, voltada para o trabalho com os cursos de graduação?

Dentro dessa perspectiva, ao estudar o desenvolvimento da carreira docente, é necessário ver o desenvolvimento profissional do professor em um quadro abrangente, pois, ao estudar professores, estamos estudando adultos em desenvolvimento e estamos focalizando a sua formação como uma formação de adultos.

HUBERMAN (1992) apresenta questionamentos sobre ciclos de vida profissional dos professores, ciclos que são de suma importância para responder a questões que dizem respeito à carreira dos professores, questões essas que vêm ao encontro desta pesquisa ao estudar uma professora universitária com cegueira.

Que imagem as pessoas têm de si, como professores, em situações de sala de aula, em momentos diferentes da sua carreira? Terão a percepção de que modificam os seus processos de animação, a sua relação com os alunos, a organização das aulas, as suas prioridades, o domínio da matéria que ensinam? Quais são os acontecimentos da vida privada que repercutem no trabalho escolar? E com que efeito?

(HUBEMAN, 1992, p.35 e 36)

Muitos são os autores internacionais que desenvolveram estudos sobre a profissão docente e seus estágios de desenvolvimento a partir da década de 1970. NEWMAN (1979), COOPER (1982), ADAMS (1982), MACDONALD E WALKER (1974), BALL E GOODSON (1985), SIKES ET AL. (1985), PRICK (1986), INGVARSON E GREENWAY (1984), HAMON E ROTMAN (1984), BUTT ET AL. (1985), FULLER E BOWN (1975), VONK E SCHRAS (1987), e HUBERMAN (1989), que fez um exaustivo e profundo estudo sobre o desenvolvimento de toda a carreira dos professores. Outros autores que têm feito um abrangente estudo nesse sentido são os portugueses, que iniciaram suas investigações no final da década de 1980 e nos anos 1990². Muitos são os estágios propostos por esses autores para que se estude e compreenda o desenvolvimento da carreira profissional dos professores.

O aprendizado da profissão ocorre à medida que os profissionais vão articulando o conhecimento teórico-acadêmico, o contexto escolar e a prática docente. Nesse contexto, acabamos por nos deparar com um quadro abrangente e complexo de análise que envolve o saber-fazer, a capacidade profissional e a biografia pessoal e profissional. Segundo DAY (2001), é possível identificar uma série de estágios de desenvolvimento pelos quais passam os profissionais em início de carreira e no exercício da sua profissão. Outro ponto importante a salientar é que, no exercício da profissão, consolidam-se os processos de tornar-se professor.

Diante do quadro teórico que se configura em relação ao estudo do desenvolvimento pessoal e profissional de professores, pude perceber, e isso é uma questão que me inquieta há bastante tempo devido a minha experiência como professora universitária, que é preciso desenvolver estudos referentes aos professores universitários. Não estou afirmando que não existam estudos desse tipo, porém parece haver, ainda, uma lacuna a ser preenchida no que diz respeito aos professores universitários e, mais especificamente, no caso deste estudo, no que tange a professores que têm a experiência da cegueira.

Outros questionamentos que estão presentes neste estudo, dizem respeito ao fato da Solange ser uma pessoa que tem em sua vida a experiência da cegueira. Quando se pensa no professor universitário, na sua formação e na sua atuação, e especificamente em uma professora com cegueira, surge vários questionamentos. Entre esses questionamentos está um que parece bastante óbvio quando se reporta a ele: sendo a Solange uma pessoa com cegueira, a

² ALVES, Francisco Cordeiro. "A (In)satisfação dos professores" *In* ESTRELA, M. T. (org). Viver e construir a profissão docente. Portugal: Porto Editora, 1999.

sua diferença sensorial está imanente na sua constituição profissional? Outro fator importante de questionar é: até que ponto a cegueira influencia as relações que ela estabelece em seu mundo do trabalho e o reconhecimento de suas possibilidades pelos seus colegas e alunos? Terá ela as mesmas dificuldades que os professores que são videntes ou suas necessidades e dificuldades são maiores?

Nesse sentido, é preciso ouvir esses profissionais para que, por meio de suas histórias de vida, seja possível compreender os processos que estão envolvidos no desenvolvimento da carreira profissional.

Pensamos que abordando as problemáticas que envolvem a função docente se facilitará a desocultação das condições reais de trabalho, se permitirá a conscientização dos processos e a aquisição das chaves teóricas da sua explicação, se criarão, assim, as condições para gerir e ultrapassar dificuldades. A clarificação dos mecanismos que estão em jogo nas situações concretas pode estimular a mudança de relações e das práticas e incentivar o professor a investir no sentido da transformação da sua própria realidade.

(CAVACO, 1996, p.190)

Considerando, que esta é uma pesquisa baseada no princípio de estudo descritivo, pois se trata de demonstrar as vivências e os instituídos escutando e narrando a vida da Solange. Acredito que a pesquisa poderá indicar algumas pistas que permitam pensar a formação do professor universitário e a constituição de sua carreira profissional. Tendo a clareza que, ao falar sobre o professor universitário, estou ao mesmo tempo narrando minhas impressões e inquietações enquanto professora.

Parece necessário inverter agora o sentido da investigação. O que é automaticamente imediato não deve ser procurado nas coisas, fora, senão em nós mesmos. O que parece conduzir-nos ao limiar desse imediato não é a natureza como totalidade dos objetos no espaço e no tempo senão nosso próprio eu, não é o básico, o mundo dos objetos senão o mundo da experiência existencial que conta.

(Cassirer apud MORINO E STOBÄUS, 2004)

Nesta pesquisa, ao estudar a trajetória pessoal e profissional de uma professora universitária que tem a experiência da cegueira, considereirei ao coletar os dados e apresentar na biografia algumas categorias como opção pela profissão; anos iniciais de carreira; dinâmicas institucionais; formação; e, ainda, aspectos complexos específicos relacionados à cegueira. Vale ressaltar que essas categorias ao serem construídas por mim estão marcadas pelas minhas buscas pessoais e profissionais. Ao encarar dessa forma as vivências da Solange em relação às

minhas, estou inspirada por uma atitude fenomenológica de ver o ser e as coisas do mundo, utilizada pelos autores que embasam esta pesquisa.



A busca pelo rigor com a pesquisa em relação à coleta e à apresentação dos dados sempre esteve presente. Procurei seguir procedimentos metodológicos específicos como a coerência com marco conceitual no qual se ancora o estudo; os critérios de seleção das fontes; e a realização e o uso adequado das informações obtidas nas entrevistas.

Mas esse rigor objetivo não é o ponto final. A observação não está apenas em olhar para o mundo externo. Mas em perceber, em sentir sua influência em nós. Para isso é preciso alargar a concepção de visão. *Ver* vai muito além de enxergar com os olhos. Da mesma forma que coloca Merleau-Ponty quando se reporta ao olhar “Não se trata mais do ‘pensamento de ver’, mas da reversibilidade de ver/ser visto, em que o enigma da visão se faz no meio das coisas, ‘lá onde o visível se põe a ver’.” (Merleau-Ponty *apud* CARMO, 2002, p.63).



Figura 4: Evgen Bavcar – *Desnudos*

Tocando em Frente

Renato Teixeira

Ando devagar porque já tive pressa
 E levo esse sorriso
 porque já chorei demais
 Hoje me sinto mais forte
 Mais feliz
 Quem sabe
 Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei
 Eu nada sei
 Conhecer as manhas e as manhãs
 O sabor das massas
 E das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Todo mundo ama um dia
 Todo mundo chora
 Um dia a gente chega
 Um outro vai embora
 Cada um de nós compõe a sua história
 E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
 De ser feliz...

4. UMA VIDA, UMA HISTÓRIA: SER PROFESSORA

Agora o leitor vai se encontrar com Solange e suas experiências de vida. Esse encontro está permeado por minhas inserções e reflexões, que são resultado dos meus vividos e das verdades que me propus a confirmar ou que tive de rejeitar em relação à cegueira e à docência. Também, dentro da perspectiva que foi escolhida para a narrativa, apresento aqui uma alquimia entre as experiências da Solange, meus vividos e as idéias dos autores que serviram de base para o estudo.

Coloco-me aqui como narradora, procurando contar os episódios da vida da Solange. Para tanto busquei, durante os momentos de escuta, aguçar minha percepção para tudo que envolvia a fala da Solange, procurando assim compreender as emoções e as intenções que surgiram do nosso encontro.

Foi necessária a reciprocidade entre eu e a professora para que isso ocorresse. Precisei abandonar velhas crenças e me abrir para o novo. Atentei para minhas percepções, indo ao encontro do que já tinha vivido e do cruzamento disso surgiu o que apresento aqui.

Um aspecto importante a salientar é que sempre, em todos os momentos, procurei estar atenta às experiências da Solange vendo ela como um *ser no mundo*.

Nessa perspectiva,

O mundo que eu distinguia de mim enquanto soma de coisas ou de processos que estão ligados por relações de causalidades, eu o redescubro “em mim” enquanto horizonte permanente de todas as minhas *cogitationes* e como uma dimensão em relação à qual eu não deixo de me situar.

(MERLEAU-PONTY, 1999, p.9)

4.1. Chegando ao mundo

Solange nasceu em 1960, em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Quando chegou ao mundo, trazia consigo uma questão que para muitos pode parecer terrível, assustadora, ou até mesmo um fantasma que obscurece o brilho de um nascimento. Mas não foi assim que aconteceu. Nasceu com cegueira e isso não foi causa de espanto para os pais.

Eu não era a única cega da família, eu tenho dois irmãos, um até já faleceu, e o outro reside na cidade onde nascemos, tem hoje quase 60 anos. Eu sou a caçula de uma

família de sete filhos. Eu nasci em casa, não nasci em hospital e meu nascimento não causou tanta surpresa porque a família já estava acostumada com o nascimento de uma criança cega.

Todos chegam ao mundo, a partir do nascimento, como estrangeiros e precisam encontrar seu lugar e sentir-se em casa. Segundo Hannah ARENDT (2002), quando se busca o entendimento do homem como o *Ser do mundo*, o mundo não mais aparece como algo dado ao homem e sim como algo criado por ele.

Nasceu em casa e não no hospital – dessa forma não teve nenhum diagnóstico médico para explicar sua cegueira. Os pais lidaram com isso de forma natural e não nutriram a curiosidade de saber que explicação teria a medicina para a cegueira de suas crianças.

Isso me parece um ponto bastante importante, pois o que se percebe na maioria dos casos de pessoas com uma diferença, é que nos diagnósticos médicos o foco é colocado sobre o organismo, desconsiderando a pessoa. Esse procedimento, muitas vezes, acaba sendo taxativo e determinante podendo acarretar uma série de procedimentos equivocados por parte de quem cuida dessas pessoas. Como coloca SACKS (1995) na epígrafe de seu livro *Um antropólogo em Marte*, “Não me pergunte que doença a pessoa tem, mas antes que pessoa a doença tem”.

Nesse caso, o fato dos pais aceitarem seus filhos como eram e não nutrirem sentimentos de angústia em relação à condição deles foi um fator que proporcionou a Solange possibilidades para seu desenvolvimento futuro.

Solange teve uma infância diferente de seus irmãos, pois desde cedo já mostrou grande disposição para descobrir as coisas do mundo.

O meu desenvolvimento foi um pouco diferenciado dos meus irmãos porque eu era um pouco mais ativa do que eles. Então não fiquei sabendo ainda criança sobre causas ou coisas parecidas em relação à cegueira. Contatos com médicos! Não, não, eu não tive, ou melhor, a minha família não buscou acompanhamento médico.

Tinha uma diferença de idade grande em relação aos irmãos, ela era a caçula e temporária. Por volta de três anos de idade, suas irmãs, com onze e doze anos, devido à necessidade econômica da família, foram ao trabalho. E quem teve que cuidar da menina foram os avós.

O que aconteceu foi que como eu era a caçula de uma família de sete e a diferença de idade entre eu e as minhas irmãs e irmãos era grande, quando eu estava com dois, três anos, as minhas irmãs já estavam com onze, doze anos, pela necessidade econômica, foram ao trabalho. Claro que como empregada doméstica, isso e aquilo. Eu

não tinha quem me cuidasse, só os meus avós, mas como eram pessoas de muita idade, eu comecei a criar problema para os velhos porque eu incomodava muito.

Solange era uma criança ativa e curiosa que requisitava atenção e cuidado. É bastante comum encontrar definições e até observar nas instituições que trabalham com crianças com cegueira que muitas delas são “calmas” e não requisitam tanta atenção, pois muitas vezes apresentam dificuldades de locomoção e de adaptação. Poderia dizer que isso é resultado da falta de estímulos ou do cuidado excessivo por parte de quem cuida dessas crianças. Solange trazia consigo a vontade de conhecer e explorar o mundo a sua volta já desde pequenina e, devido a isso, não foi mais possível que os avós cuidassem dela. Frente a essa necessidade é que surge na vida de Solange a primeira escola.

4.1.1. A primeira escola

O pai tomou uma iniciativa da qual ele não tinha noção ao fazer, mas que foi o que possibilitou a Solange ter um desenvolvimento diferenciado de outras crianças com cegueira e até mesmo de seus irmãos e irmãs. A iniciativa do pai foi a de procurar uma creche municipal, comunitária, que era cuidada por irmãs de caridade, para que pudesse deixar Solange durante o dia.

Então meu pai buscou uma creche municipal, na época uma creche comunitária que era cuidada pelas irmãs de São Vicente de Paula, irmãs de caridade que são as mesmas que na época cuidavam do Instituto Santa Luzia.

Quando o pai chegou à creche, as irmãs disseram que iriam receber a Solange como uma criança, pois não sabiam como lidar com crianças com cegueira, nunca tinham tido esse contato antes. Alegaram ao pai da Solange que iriam “cuidar” da menina dentro da suas possibilidades. A palavra cuidar demonstra a concepção de cuidado que cabia à creche, sem uma aparente ênfase no educar, que hoje vem sendo amplamente discutida em educação infantil.

Para mim foi uma experiência riquíssima tanto da creche como do Santa Luzia, porque o que aconteceu na creche: o pai chegou lá, elas disseram que iam me receber como uma criança porque elas não sabiam lidar, nunca tinham tido uma criança cega, e que dentro das possibilidades elas iam tentar me cuidar, essa era a palavra, cuidar, né. E as outras crianças elas também diziam que cuidavam, mas as crianças passavam brincando, elas ficavam em grupinhos.

Ao escutar esse relato da Solange me reportei a algumas experiências que vivenciei no processo de inclusão de alunos da escola especial no ensino regular. É bastante comum ouvir

os professores alegarem que não sabem como lidar com essas crianças, pois nunca tiveram o convívio. O que fica bastante presente é que essa alegação serve como motivo para o não recebimento das crianças nas escolas e também na maioria das vezes como justificativa do trabalho que não é feito. Quando realizei a pesquisa de iniciação científica na graduação sobre o processo de integração de crianças com diferença no ensino regular, me deparei com um forte discurso por parte das professoras informantes ancorados nesse tipo de alegação.

Porém nesse caso não foi o que aconteceu, essa primeira escola proporcionou para Solange o encontro com a educação desde cedo e mais tarde foi através dessas irmãs de caridade que teve a oportunidade de continuar seus estudos.

O pai respondeu às irmãs de uma forma que possibilitasse a sua filha poder vivenciar essa experiência de forma significativa, pois ele bem a conhecia e sabia que ela queria vivenciar coisas novas. Falou, então, que as irmãs não se preocupassem com a menina, pois ela sabia se cuidar sozinha, que quando quisesse iria pedir para ir ao banheiro, comer, e tudo mais que ela precisasse. E assim foi a primeira escola da Solange. Convivia com as crianças e, à medida que esse convívio foi se tornando intenso, ela foi experimentando e apreendendo seus significados.

Então me soltaram no meio das crianças, e eu tive essa oportunidade de vivenciar, de brincar, de correr, de me machucar, de chorar, tudo que uma criança faz.

Pude perceber durante trabalho realizado em instituição de educação especial, que nem sempre os profissionais sabem o que é bom e correto em se tratando da educação de crianças com cegueira, até mesmo porque costumam ter uma concepção de cegueira a partir da experiência de videntes e, a partir daí definir os princípios fundamentais para a educação dessas crianças.

Porém, não é possível deixar de salientar que esses princípios partem sempre da noção vaga e incerta que os professores videntes têm do que seja o não ver. Mesmo diante da realidade confirmada pelas vivências de pessoas com cegueira, que superaram limites e construíram suas vidas de forma autônoma, ainda existem dúvidas em relação à formação de conceitos e à construção de conhecimentos por parte dessas pessoas.

CAIADO (2002) realizou uma análise das concepções de aprendizagem presentes nos artigos publicados na Revista Benjamin Constant e encontrou a idéia de que crianças cegas aprendem por meio da ênfase na estimulação tátil. Dessa forma, foi possível perceber nesse

estudo que pouco se discute acerca de como trabalhar com conceitos com os alunos cegos, fazendo-o de forma que ultrapassem a experiência sensorial imediata.

Essa perspectiva me reporta à proposição que trago nesse estudo, de que a cegueira é uma experiência perceptiva. Partindo dessa premissa, a questão do ver não mais estaria centrada no sentido da visão. Se os sentidos não estão dissociados do todo, como coloca MERLEAU-PONTY (1999), nossas sensações acontecem numa configuração global em que *ver é tocar, ouvir é ver, tocar é ver*. Assim, há uma unidade dos sentidos, eles se comunicam, e esse todo forma a nossa percepção.

Sendo assim, como é possível, então, pautar um aprendizado com ênfase somente nas sensações táteis? As respostas para esse tipo de questionamentos podem vir à tona ao escutar pessoas adultas com cegueira. Ouvindo sua história de vida, é possível conhecer os processos que utilizaram para construir seus significados e adquirir o conhecimento.

A história de vida de uma pessoa nunca está descolada da história dos seres humanos. Poderia, segundo Hannah Arendt, perguntar: “o que é o ser humano sem sua história?” Ela responde dizendo que seria apenas e tão somente produto da natureza e nada de pessoal.

Quem deseja ajuda e proteção da vasta história, na qual nosso insignificante nascimento rapidamente se perde, deve ser capaz de conhecê-la e compreendê-la. A História golpeia o “produto da natureza” na cabeça, não permite nenhuma saída para as suas qualidades úteis, deixa-as degenerar – “como uma planta que cresça ao contrário, para dentro da terra: as mais belas características tornam-se as mais repulsivas”.

(ARENDR, 1994, p.16)

As pessoas que têm uma diferença³ sofrem com o preconceito e com o resultado dele em suas vidas. Dessa forma é que a História pode atuar sobre as experiências de vida dessas pessoas, pois ainda é bastante presente a idéia de que as pessoas com uma diferença não têm como contribuir com a sociedade e são incapazes, limitadas em seu viver.

Essas considerações me possibilitam pensar sobre o estigma e sinalizam como se portar frente às pessoas que têm uma diferença. Como registra GOFFMAN (1982), é costume acreditar que as pessoas que têm um estigma não são totalmente humanas e com base nisso muitas vezes reduzir suas chances de vida. Constrói-se, assim, uma teoria do estigma, onde é desenvol-

³ Será utilizada a expressão “pessoas com diferença” para se referir a pessoas que tenham algum tipo de diferença física, sensorial, auditiva.

vida uma ideologia para explicar a sua inferioridade, justificando o perigo que ela representa e legitimando ações em relação a esse “outro” que é diferente.

Quando me proponho a escutar a Solange para que fale de suas experiências e relate suas sensações frente ao que vivencia, tenho clareza do entrelaçamento que minhas experiências têm com as dela. No caso específico dessa relação de estigma, através das falas da Solange pude perceber como as pessoas que têm uma diferença precisam aprender a lidar desde cedo com essas situações.

Não pretendo aqui dar conta dessa intensa discussão sobre preconceito e estigma, mas não posso deixar de considerar o quanto esses fatores estão presentes na vida das pessoas com cegueira. Considerando que a nossa história de vida está ligada à história da humanidade, vêm sendo assistido durante séculos as pessoas que têm uma diferença serem submetidas a preconceitos que em certos casos não são menos graves do que os sofridos pelas minorias raciais. É preciso ter clareza do que está envolvido nessa relação de preconceito e estigma para poder atentar e buscar alternativas. Como apresenta SINGER (1993) em suas considerações sobre igualdade e diferença:

A mera igualdade de oportunidades não será suficiente em situações nas quais uma deficiência impede que alguém se torne um membro igual da comunidade. Dar aos deficientes oportunidades iguais de freqüentar a universidade não adianta muito, se o acesso à biblioteca só se dá através de uma escadaria impraticável para eles. Muitas crianças deficientes são impedidas de fazê-lo devido à inexistência de recursos adicionais imprescindíveis para as suas necessidades específicas.

(SINGER, 1993, p.63)

Certamente o que o autor citado apresenta não é novo, mas optei por apresentar aqui, devido a grande urgência que ainda se faz sentir em relação a esses fatores para o processo de inclusão escolar das pessoas que têm uma diferença. Pode-se ainda alargar isso para a discussão da inclusão social, pois socialmente ainda é difícil encontrar garantias às necessidades dessas pessoas.

Destarte acredito que para estudar a cegueira e suas concepções, é preciso, além de ouvir, procurar ter uma compreensão verdadeira do que seja não ver, e das necessidades que isso acarreta. Quem pode falar sobre isso são as pessoas que têm essa experiência, pois dessa forma é possível conhecer os processos que se fazem presentes nas relações que estabelecem com o outro e com o mundo.

4.1.2. Uma grande mudança

Solange ficou na creche até os cinco anos de idade e um acontecimento mudou sua vida para sempre – foi o que lhe possibilitou se constituir na pessoa que é hoje e construir sua carreira profissional, além de experimentar a autonomia de forma muito intensa. O que, aliás, é uma das maiores buscas por parte das pessoas com cegueira.

Na creche eu permaneci dos dois até os quatro anos e meio, as irmãs é que fizeram contato com Porto Alegre para eu vir para o Santa Luzia. Até aí eu não conhecia ainda a minha história da perda da visão, etc. e tal. Então eu vim para o Santa Luzia, meu pai me trouxe, com 5 anos de idade; e com o tempo é que eu fui investigando as causas da minha deficiência. Eu tenho causa genética, tenho problemas maculares e cetoconi, que são as causas que levaram a minha deficiência. Tenho resíduo visual, é baixíssimo, é 1%, mas eu tenho percepção de luz, vultos e uma série de coisas que me ajudam na minha orientação, cuidar da minha casa e tal.

O pai de Solange foi quem promoveu essa mudança, quando ela estava com cinco anos. Apesar dos protestos da família, ele a levou para estudar no Instituto Santa Luzia, na cidade de Porto Alegre, que ficava a uma grande distância da sua cidade natal, onde tinha vivido até então. Seus pais se separaram entre seus quatro e cinco anos, e uma das grandes disputas entre eles era a história da Solange. A mãe, preocupada, queria acolher e proteger sua caçula que mamou no peito até os quatro anos de idade. Com a separação dos pais, ficaram claras as posturas que cada um tinha em relação aos cuidados com ela. Quando estava com o pai, ia sempre para a creche; e quando estava com a mãe, nos finais de semana, voltava a mamar no peito. Foi então, a partir daí, que viveu sua primeira ruptura na vida, quando estava com quatro anos e meio e foi morar definitivamente com o pai para se preparar para ir estudar no Instituto Santa Luzia.

Hoje eu sei, mas quando ela conseguia me levar no final de semana eu continuava mamando no peito (risos), então houve um rompimento sério e eu perdi a teta e perdi a família ao mesmo tempo. Isso com quatro anos e meio quando eu fui ficar definitivamente com o pai para me preparar para vir ao Santa Luzia.

Essa primeira ruptura, a separação da mãe, e conseqüentemente da teta, não foi a maior e sim a primeira de uma série de coisas que estavam por vir. Quando ela estava com nove anos, quatro anos após ter vindo para o Instituto Santa Luzia, seu pai faleceu de câncer. Ficou marcado para ela e depois para toda a família, o quanto foi importante a iniciativa que ele teve de encaminhar a filha para uma escola especializada na educação de pessoas com cegueira.

Inicialmente quando o pai tomou essa decisão, enfrentou protestos de todos da família que diziam para ele o quanto estava sendo “louco” em mandar uma criança de cinco anos viver assim longe da família e morar em um internato. Mas como pai que queria buscar uma alternativa para a filha com cegueira, ele se agarrou na oportunidade que a vida apresentou para a Solange. Foram as irmãs da creche, que eram da mesma congregação que as irmãs do Instituto Santa Luzia, que conseguiram a vaga para que ela fosse estudar na escola especializada.

E as minhas tias relatam que a atitude dele em me encaminhar para a creche e posteriormente para o Santa Luzia, foi em razão da aposta que ele fazia na minha pessoa. Ele entendia que eu não era uma criança apática, uma criança passiva, e que, por isso, ele de alguma forma tinha que me oportunizar algumas experiências. Eu era diferente das minhas irmãs, segundo ele. Porque eu não teria condições de ser empregada doméstica, como elas já eram todas, praticamente. A minha irmã depois de mim, com doze anos já trabalhava numa casa de família. Eu pela deficiência não poderia fazer isso, então a alternativa que ele teve foi essa, de buscar uma creche onde poderia me deixar durante o dia e posteriormente me encaminhar à escola.

Não foi um processo fácil para o pai, que enfrentou a família e ainda a separação da filha, mas em sua simplicidade percebia que estava certo.

Ele sempre dizia assim: – Já que eu não consegui oportunizar que as outras filhas... Ele viu nas irmãs uma luz, uma possibilidade do encontro de oportunidades facilitadoras para o meu processo de crescimento e de aprendizagem e resolveu apostar. Ele chegou para minha avó e disse: – Eu tenho tanta certeza do que eu estou fazendo. Porque toda a família dizia: – Que horror! Como é que tu vais mandar uma criança com cinco anos de idade para tão longe? Ele respondia: – Eu não posso fazer mais e nem melhor do que elas vão fazer por ela. Essa era a frase dele. Eu custei muito para entender isso.

Ouvindo essa narrativa percebi algo que já faz parte dos meus vividos, mas que pude constatar através dessa experiência: a vida pode nos oferecer oportunidades que num primeiro momento parecem ser muito complicadas de aceitar ou até mesmo de levá-las a cabo. Para uma criança de cinco anos, ir morar longe e ainda ter um contato muito pequeno com a família pode ser algo bastante difícil. Mas como é possível afirmar que em certas circunstâncias isso seja bom ou ruim, sem ter a dimensão exata do que a vida pode oferecer? Para Solange foi bastante difícil de entender ainda na infância o valor que a atitude de seu pai teria para a sua vida pessoal e principalmente profissional.

Eu achava assim, que eu tinha deixado muitas coisas para trás, que eu gostava e tal, e que lá eu também descobria muitas coisas. Claro que eu fui sentindo saudades, eu fui sentindo falta com o tempo, a ausência do vínculo à medida que eu convivia com pessoas que tinham família, essas coisas todas. Mas com a constituição da nova família, que foi dentro da escola, algumas coisas foram se recolocando, foram se acomodando, e deu para viver. Ninguém morre por causa disso.

Como sua família era de muito longe Solange ficava sempre na instituição, até mesmo nos finais de semana quando todos saíam para visitar e ficar com seus familiares. Devido à distância de sua cidade natal até Porto Alegre, onde ficava o Instituto Santa Luzia, ela via a sua família duas vezes por ano, em julho, quando a família vinha e ficavam juntos por quinze dias, e durante as férias de verão, quando ela ia e ficava na casa da família de dezembro até março. Hoje o instituto não aceita mais crianças de fora de Porto Alegre que não tenham condições de ter acesso a suas famílias todos os finais de semana. Apesar da distância e da saudade, foi ter se agarrado a essa oportunidade que fez a diferença na vida da Solange. Não posso e nem quero generalizar e colocar que uma vivência possa ser o exemplo para todos, mas é possível refletir através da história de vida de alguém como seria se mais pessoas tivessem a mesma oportunidade.

Hannah ARENDT (2003) coloca que através das experiências privadas de alguém que se tornam públicas podemos pensar o particular sem dissolvê-lo no geral através de sua validade exemplar, que pode ser realçada e comunicada. Existe o limite que deve ser percebido sobre a impossibilidade de aplicar uma regra universal de entendimento a um caso em particular, porém, escreve ARENDT (2003, p.235) “aquele que fala as coisas que são sempre conta uma história e, nessa história, os fatos particulares perdem sua contingência ao adquirir significado humano”.

Dentro dessa perspectiva ficou claro para mim como a vida da Solange pode servir para iluminar as idéias e perspectivas que se tem acerca da educação de crianças com cegueira, confirmando assim o que me moveu a fazer esta pesquisa e a narrativa da história de vida. Mesmo que diante de vivências iguais os sujeitos se comportem e percebam as coisas de maneira diferenciada, ainda assim pode-se partir dessa experiência para pensar em possibilidades de ação para a educação dessas pessoas.

A visão que as pessoas com cegueira têm em relação ao processo de inclusão quase sempre é distinta da perspectiva dos que formulam as políticas e dos que aplicam as leis educacionais. Essas pessoas têm seu próprio entendimento sobre sua situação e suas experiências,

por isso torna-se importante ouvi-las para compreender o que pensam e como vêm a educação que estão recebendo. Conforme apresenta NOGUEIRA (2002), é importante ouvir as pessoas com cegueira em relação à educação que recebem para que possam denunciar a problemática do processo educacional a que são submetidas e trazer as possibilidades e necessidades de uma educação inclusiva significativa para elas.

Para Solange, que estuda e vivenciou em sua experiência de vida o processo de inclusão, é preciso que seja revisto o que se apregoa sobre inclusão. É preciso, segundo ela, partir do cotidiano da escola para estudar esse processo, pois é no cotidiano escolar que acontecem as situações de preconceito explícitas e implícitas, com as quais aprendem a lidar, os profissionais que trabalham nas escolas e, principalmente, as pessoas que estão sendo incluídas.

ARENDT (1994, p.20) registra que uma pessoa pode se libertar dos preconceitos do passado e orientar o futuro através da razão. Mas isso não basta, pois só podemos fazer isso individualmente, segundo as ações pessoais e as experiências.

As situações de preconceito explícitas tu consegues resolver, pelo menos trabalhar e falar com elas. Agora, as implícitas tu não consegues trabalhar, porque elas vão se repetindo. E como as implícitas estão por detrás do discurso, o que acontece: elas vão ser empurradas com a barriga, seja por uma direção de escola, seja pelo grupo de professores, seja pelos colegas.

Na relação eu e o outro, entre as pessoas com cegueira e as videntes, está bastante presente a marca velada do preconceito que acaba por ser fator determinante de julgamento por parte das pessoas videntes em relação à vida e às possibilidades das pessoas com cegueira.

Mas uma coisa que eu quero te dizer é que não se derruba preconceito, eu acredito que nesse caso ele voltou para fila de espera, ele tá lá na fila. Cada ação tem uma reação, eu acredito que o preconceito não se elimina, tu podes fazer com que ele seja minimizado. Como nós somos seres humanos, nós somos preconceituosos e como as pessoas precisam conviver comigo no dia a dia o preconceito em algum momento ele surge, e nós professores cegos temos que estar preparado para isso. O que tu não podes esperar é que as pessoas sejam no todo respeitadas porque elas não são.

Para TAJFEL (1982, p.147), o preconceito implica uma atitude a favor ou contra a atribuição de um valor positivo ou negativo, de um componente afetivo, ou sentimento. Normalmente há, além disso, uma prontidão para traduzir em ação os juízos ou sentimentos vividos, para nos comportarmos de uma forma que reflete a aceitação ou rejeição dos outros: é este o aspec-

to conotativo, ou comportamental do preconceito. É possível, portanto, definir o preconceito como um pré-juízo infundado de um indivíduo ou grupo.

Falar em preconceito é algo bastante difícil, mas não se pode negar o quanto está presente na vida e os efeitos que causa, para todos. Quando escutei Solange falar sobre preconceitos implícitos, me reportou aos momentos em que me senti julgada por realizar um trabalho com pessoas diferentes. Seja esse julgamento num sentido tanto positivo quanto negativo, ele sempre imputa ao outro algo que não é real e sim baseado em evidências inadequadas, fruto de imaginação. Em relação a isso GOFFMAN (1982) registra que:

Um segundo tipo de pessoa “informada” é o indivíduo que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social – uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa. Assim a mulher fiel do paciente mental, a filha do ex-presidiário, o pai do aleijado, o amigo do cego, a família do carrasco, todos estão obrigados a compartilhar um pouco o descrédito do estigmatizado com o qual eles se relacionam.

(GOFFMAN, 1982, p.39)

O problema do preconceito é um problema da humanidade, um problema que se configura como coletivo nas vivências de todos os seres humanos. A visão que tenho das pessoas irá direcionar as ações para com elas, e a forma como elas são vistas as reduz a essa possibilidade de ser diante das expectativas. Estou aqui falando de intersubjetividade, do resultado da relação entre eu e o outro e como isso pode estar “contaminado” por um juízo de valor.

OMOTE (1994, p.66) coloca que:

Nenhuma diferença é, em si mesma, vantajosa ou desvantajosa do ponto de vista psicossocial. A mesma característica pode ter o sentido de vantagem ou desvantagem dependendo de quem é o portador ou o ator e de quem são os seus “outros”, isto é, a sua audiência, assim como de outros fatores circunstanciais definidos pelo contexto no qual ocorre o encontro.

Não posso negar a presença e a importância que o “outro” tem na minha vida. E, em se tratando das pessoas com cegueira, isso se torna muito relevante, pois através das relações estabelecidas é que são determinadas muitas das ações entre pessoas videntes e pessoas com cegueira. “A percepção do outro para quem não vê é silenciosa, não se trata de um objeto que está diante de si, mas de um convite, às vezes um confronto, ou ainda, um desafio para que ele se desdobre, se descentre” (FREIRE, 2005, p.5).

Sem contar com a questão da superação. Ou seja, tem coisas que tu não podes passar por cima porque a cegueira é limitante, sim, e não tem nada de sexto e sétimo sentido. Ela limita sim, e no processo de interação entre dois grupos e duas pessoas, entre eu e o outro, existem variáveis, como o problema da comunicação visual, o problema da comunicação do corpo, problema da voz. Quer dizer, se eu não me voltar ao meu interlocutor que está me olhando, eu já estou criando um impasse na nossa comunicação.

Essa relação eu e o outro que nas pessoas cegas envolve diretamente a fala – eu falo e meu interlocutor ouve, ou vice-versa, MERLEAU-PONTY (2002, p.40) apresenta ao colocar que o falar e o compreender correspondem a um mesmo sistema eu–outrem, e que esse “eu” não é puro, é dotado de um corpo que às vezes lhe rouba seus pensamentos para atribuí-los a si ou para imputá-los a um outro. “Por minha linguagem e por meu corpo, sou acomodado ao outro.”

Essa fala da Solange está presente nas dificuldades que as pessoas com cegueira têm para se relacionar socialmente frente as suas necessidades. BULLINGTON e KARLSSON (1997) registram que em algumas situações o comportamento social razoável para pessoas com cegueira entra em conflito com regras sociais dos videntes, como por exemplo, mover os olhos na direção de quem está falando, pois para as pessoas com cegueira é mais prático que vire a cabeça em direção a quem está falando para poder ouvir melhor. Porém é preciso que as pessoas com cegueira tentem direcionar os olhos para quem está falando, pois do contrário parece para o vidente que a outra pessoa está desinteressada.

O que é importante é perceber que essa relação de fala e escuta entre as pessoas com cegueira e as pessoas videntes, que envolve o corpo e sua postura, podem proporcionar descrever como a cegueira vem sendo vista e entendida. Quando Solange fala sobre essa relação com seu interlocutor, pode reportar à idéia de que a cegueira se define nas reações do outro.

Quando escuto, cabe dizer que tenho a *percepção auditiva** dos sons articulados, mas que o discurso se fala dentro de mim; ele me interpela e eu ressoo, ele me envolve e me habita a tal ponto que não sei mais o que é meu, o que é dele. Em ambos os casos, projeto-me no outro, introduzo-o em mim, nossa conversação assemelha-se à luta de dois atletas nas duas pontas da única corda. O “eu” que fala está instalado em seu corpo e em sua linguagem não como numa prisão, mas, ao contrário, como num aparelho que o transporta magicamente à perspectiva do outro.

* Grifo do autor.

(MERLEAU-PONTY, 2002, p.41)

Nesse caso, conforme coloca o autor, é possível ver presente a intersubjetividade entre quem vê e quem está sendo visto. E, desta forma, a cegueira pode ser entendida como uma experiência perceptiva que difere em cada um de seus atores e contradiz as versões carregadas de preconceito que tentam defini-la muitas vezes negando suas possibilidades.

4.1.3. Um novo convívio

Quando chegou ao Santa Luzia, Solange estava acostumada a correr, brincar, cair, se machucar, a fazer tudo que faz uma criança que não está em uma situação de proteção que a impede de experimentar a infância. Isso foi uma das “marcas” que a vida deixou em Solange, uma infância simples, mas cercada de possibilidades de aprendizado. Isso fez a diferença no seu aprendizado durante todos os momentos.

Muitas experiências eu posso te dizer que eu aproveitei por ter conceitos já da minha primeira infância. Eu fui uma criança criada no interior, na campanha. Então, eu tinha muitas experiências que as minhas colegas não tiveram, como é que eu vou te dizer, da pobreza vamos dizer assim. Eu não tinha quem me cuidasse, eu não tinha empregada, eu não tinha quem me proibisse. “Não, cuidado! Não faz aquilo porque é perigoso, não corre no campo porque não sei o quê!” Não, eu tive essas experiências: de repente eu ia para chuva, eu tinha contato, por exemplo, com animais, cães, galinhas, gatos, essas coisas todas.

Devido a essas experiências, quando Solange começou a conviver com as outras crianças com cegueira dentro do Instituto Santa Luzia, sentiu falta da convivência com as crianças da creche, pois seus colegas do instituto eram mais parados, não tinham a mesma curiosidade que a sua. Essa falta de curiosidade não impulsionava as crianças com cegueira para que saíssem bisbilhotando as coisas a sua volta, procurando dominar o ambiente. É claro que com esse tipo de comportamento a Solange era considerada pelas irmãs que trabalhavam no instituto como uma criança arteira, uma criança que incomodava muito e que era “difícil”.

Eu exigia muito das irmãs, claro que quando eu comecei a ter outros professores que não as irmãs aqui no Santa Luzia, os professores diziam “Não, essa guria tem outras experiências, por isso que ela é assim”, começaram a conhecer a minha história.

ARENDR (1994, p.96), diz que é da curiosidade que emerge um caminho para a percepção, para a habilidade de compreender. Isso sempre esteve muito presente na vida da Solange –

através de uma família que não foi, que não pôde ser protetora e acabou por proporcionar uma imensa riqueza de experiências para ela.

Percebo que muitos pais de crianças com cegueira não expõem seus filhos ao convívio com crianças videntes com receio de que possam sofrer algum acidente. Porém me parece que é preciso rever esse tipo de postura, pois cair e se machucar faz parte da infância. Pergunto, então: por que não pode fazer parte da infância das crianças que têm a experiência da cegueira?

Quando eu cheguei no Santa Luzia, eu percebi essa diferença, que eu tinha vivências que as minhas colegas da cidade não tinham. O que acontece com qualquer pessoa, não pela deficiência visual, mas isso foi o diferencial na minha construção. Então, para mim todas as coisas daqui da escola eram novas também, assim como também para essas crianças. Mas eu hoje entendo que os mapas conceituais são extremamente importantes na construção do conhecimento para qualquer pessoa. Então isso me favoreceu muito. Por outro lado, eu sempre fui uma criança que teve a oportunidade de ser curiosa, de ter essas minhas sedes assim saciadas, pelo meu pai principalmente, porque eles eram separados e eu tive mais convívio com meu pai.

Essa fala da Solange apresenta aspectos que servem de indicativos para pensar sobre a educação de crianças com cegueira. Ao me deparar com esse relato sobre sua infância e as experiências que vivenciou, percebi que muitas vezes não é possibilitado que as pessoas com cegueira experienciem certas vivências e desta forma os videntes que trabalham com essas pessoas, acabam por limitar seu aprendizado.

A sede por conhecimentos, aprender coisas novas, movia Solange a buscar por seus professores, para que pudesse perguntar e perguntar tudo. Toda a criança tem a curiosidade inerente, tenha ela a experiência da cegueira ou não, e precisa ter saciada sua sede por conhecimento, sua vontade de aprender. Mais que isso, entender – compreender – as coisas do mundo. Para Hannah ARENDT (2002), o conceito de compreensão, que desenvolveu amplamente em suas obras, é uma atividade interminável que se inicia com o nascimento e termina com a morte, é a maneira especificamente humana de estar vivo. É através da compreensão que “aprendemos a lidar com a nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo.” (ARENDR, 2002, p.39).

Solange, em sua vida até o momento presente, demonstra que tem buscado fazer o exercício da compreensão e, através desse exercício, encontrar seu lugar em um mundo de pessoas

videntes, porém é preciso que fique claro que tudo é uma luta para as pessoas com cegueira, a cada dia precisam vencer uma batalha.

Então, essa sede me levava a buscar muitos professores (...) Eu perguntava tudo; como toda a criança é perguntadeira, a criança cega também é, até pela questão da curiosidade. O que é isso? O que é aquilo? Como é que faz um pássaro? Como desabrocha uma flor? Essas coisas assim, essas curiosidades, que para quem enxerga é muito complicado de explicar. Como é que tu vais explicar para uma criança que a flor abre. Tudo bem! Mas o que é uma flor abrir? É diferente de uma margarida abrir, e uma rosa, não tem como explicar algumas peculiaridades para uma criança, conforme acontece, é complicado isso.

TOBIN (1998), em seu artigo *Is blindness a handicap?*⁴, apresenta que uma das barreiras que existem para o desenvolvimento das crianças com cegueira está na comunicação. Nem sempre as crianças com cegueira recebem uma quantidade suficiente e clara de informação que lhes dê suporte. Uma informação adicional não é necessariamente essencial, mas serve para preencher espaços, lacunas. O que o vidente geralmente faz é dar uma visão geral de uma informação.

O autor conclui em seu artigo que a cegueira não é uma deficiência. O que torna uma pessoa com cegueira um deficiente – handicap – segundo ele, seria a falta de informação que recebe. Se a pessoa tiver uma assistência de professores e de pais presentes na sua educação, então eles podem ser pessoas normais e fazer tudo normal sem problema algum. Isso dentro das suas limitações é claro, mas podem agir e fazer as coisas como qualquer pessoa. O que é essencial para isso é que recebam uma informação boa desde crianças. O mesmo ocorre com um bebê vidente, ele também precisa de informação para aprender a falar e para conhecer as coisas. Com as crianças que têm a experiência da cegueira não é diferente, porém deve ser prestada muita atenção à forma de informar as coisas para essas pessoas.

Eu tive três professoras no SL que fizeram essa leitura a respeito da minha vida e da minha prática, porque eu era muito chata, muito pentelho. Sabe aquele sujeito de que tu queres te libertar? Então elas começaram a me explorar e a me dar mais oportunidades, essas daí me ocupavam mais. E essas professoras... tiveram uma convivência conosco. Quando elas foram passar uma semana nas férias de julho no SL, elas usavam vendas e iam para o refeitório conosco, pra ter esse tipo de vivência e conseguir falar do nosso lugar. Claro que elas poderiam falar do nosso lugar simuladamente,

⁴ Tradução livre da autora

porque estavam só com vendas; mas a experiência que elas tinham... Achavam horrível comer com os olhos vendados, elas achavam horrível caminhar de bengala no espaço onde nós corríamos soltas, e elas tinham que depender ou do nosso auxílio ou de uma bengala pra conseguir ter a dimensão do corredor, porque a dimensão que elas tinham até então era visual e não da percepção do corpo. Eu gosto do Merleu-Ponty nesse sentido. Elas foram importantes porque nós – na época eu era criança – ajudamos a que elas nos entendessem um pouco melhor também nesse sentido. E aí esse ponto é que eu considero importante num processo de formação, tanto do professor especializado como em encontros de formação continuada num processo de inclusão dentro de uma escola, por exemplo, do ensino regular. Poderiam fazer umas falas assim e se proporcionar experiências nesse sentido. Não te esquece que a gente só aprende mais com a dor, com o sofrimento, com a vergonha muitas vezes.

Essa discussão sobre educação de pessoas com cegueira me possibilitou repensar questões que há muito tempo trago comigo, referentes à escola especializada e ao processo de inclusão. Ao me deparar com esse relato de vida, as questões que ficam são as seguintes: deveria a escola especializada fazer parte ou não da educação das crianças que nascem com cegueira e dos adultos que adquirem a cegueira durante a vida? Qual é, afinal, o lugar da instituição especializada no ensino das pessoas que têm uma diferença? Onde deve entrar o processo de inclusão?

Quando formulei este estudo não tinha intenção de me debruçar sobre essa discussão, mas foi uma temática amplamente apresentada por Solange tanto em seus relatos como em seus estudos. Desta forma, me propus a trazer essas questões para que seja possível pensar o quanto ainda é necessário e pertinente estudos sobre essa temática.

Quanto à educação especializada, encontrei nas falas da própria Solange indicativos para que se repense o papel e a função dessas instituições na vida das pessoas com uma diferença. Quero deixar claro que não estou defendendo que se deva tomar uma determinada postura, mas sim que se devem rever algumas coisas em relação ao ensino em instituições especializadas. O que percebi é que as vivências da Solange em relação à escola tanto regular como especial são sinalizadoras do quanto ainda temos, nós pesquisadores, que estudar para encontrar respostas sobre inclusão e tudo que está envolvido nesse processo.

Ter passado uma parte de sua vida na escola especial foi muito marcante para a Solange, que através dessa vivência pôde construir uma série de significados em sua vida e até mesmo superar dificuldades que de outra maneira seriam mais difíceis de serem superadas.

Se eu te sintetizar com uma única frase a minha história no Santa Luzia: Eu só sou doutora porque eu passei por uma escola especial ou especializada.

Foi a passagem pelo Santa Luzia – escola especializada – que marcou profundamente a forma como a Solange construiu e constrói sua subjetividade, suas relações com o mundo e a forma como lida com suas necessidades. Essas necessidades são externas, de sobrevivência num mundo de videntes, como também internas, de compreensão de sua condição e das possibilidades que tem e que podem ser implementadas no viver cotidiano com a cegueira.

Uma das contribuições fundamentais que eu considero na minha vida é ter passado por uma instituição especializada e ter tido as conquistas que eu tive ao longo da minha vida, em todos os sentidos. Desde a questão de postura, apresentação, experiência, a ter que aprender a saber lidar com as minhas coisas, as minhas coisas internas: conflitos, não aceitações, recalques, frustrações. Sabe? E saber que tem gente com o mesmo problema que eu e faz melhor as coisas, ou saber que tem gente que não enxerga como eu e que também faz as coisas que eu faço de outra forma. E essas coisas eu gosto de dizer, para que as pessoas não generalizem. Cego é uma pessoa e cada pessoa, por ser única, é individual. É o que nos diferencia: as nossas individualidades e as nossas idiosincrasias. Porque tu não estás falando de outra espécie, tu estás falando de seres humanos. O erro que as pessoas incorrem é achar que nós pertencemos a outra espécie animal; e, na verdade, não é: nós somos seres humanos racionais, imperfeitos, finitos. E tudo que é finito está sempre chorando pelas perdas, está sempre lutando para ganhar tempo. Então na medida em que tu tens esse pensamento, tu podes trabalhar com várias pessoas cegas por nascença e cada uma vai ter o seu entendimento de cegueira. Cada uma vai ser cega do seu jeito, cada uma vai enxergar do seu jeito e do seu modo vai construir os seus conceitos.

Com o levantamento bibliográfico na literatura internacional, encontrei o estudo de BULLINGTON e KARLSSON (1997) que se intitula *Body Experiences of Persons Who are Congenitally Blind: A Phenomenological-Psychological Study*⁵ que apresenta o quanto é necessário que as pessoas com cegueira aprendam linguagem corporal para serem levados a sério nesse mundo de videntes. Elas precisam aprender quais os gestos e comportamentos que são aceitáveis no mundo social, através do treino social. Para as pessoas com cegueira, por não fazerem uso de informação visual, fica difícil entender por que elas precisam, por exemplo, virar os olhos em vez dos ouvidos em direção às pessoas que elas estão se endereçando ou por que precisam acender a luz do banheiro. Devido a isso, existe um conflito entre as suas necessida-

⁵ Tradução livre da autora.

des naturais e as regras sociais, o que se torna uma batalha que soa como uma submissão, uma dominação.

Nesse estudo, muitos sujeitos descreveram essa batalha e explicaram que se rebelaram e se recusaram a obedecer até que eles finalmente entendessem que poderia ser bom para a vida deles seguir essas regras sociais. Aprender como uma pessoa com cegueira deve se comportar em um mundo de pessoa vidente, como já foi mencionado, é um processo que acarreta ao longo do tempo oportunidades iguais entre pessoas com cegueira e videntes.

Com base no que é apresentado acima e na vivência da Solange, acredito que é possível indicar a importância do trabalho das instituições especializadas no desenvolvimento de aspectos relevantes para o viver das pessoas com cegueira. O que me parece ficar claro, nesse sentido, é que ao pensar em necessidades específicas relacionadas à cegueira e como isso deve ser trabalhado com as crianças e adultos com cegueira, não seria as escolas de ensino regular o lugar em que se trabalhariam essas especificidades.

Em um de nossos encontros pedi a Solange que me falasse sobre um aspecto que ela já tinha relatado em encontro anterior, referente à passagem dela pela escola especializada:

– Tu me falaste que chegou até aqui profissionalmente porque teve uma passagem pela escola especial.

Exatamente! Eu não sei nem se o nome é escola especial, eu não gosto desse nome. O que eu gostaria é de ter um lugar onde os alunos, as pessoas cegas, que hoje eu conheço, que participaram até como sujeitos das minhas pesquisas, tivessem a mesma chance que eu – isso eu gostaria. Eu vejo quanta defasagem elas têm em termos de conhecimento, em termos de luta, em termos de preparo para enfrentar as coisas na vida. Tanto é que a própria escola de Segundo Grau que hoje os alunos se dirigem é o Protásio Alves, onde eu fui a primeira aluna com deficiência visual. Só que na época foi a única escola que me aceitou para eu fazer o Segundo Grau.

Os alunos com cegueira precisam chegar ao ensino regular com esses aspectos já desenvolvidos para que possam vivenciar melhor o processo de inclusão. Isso vem sendo denunciado por pessoas com cegueira que já passaram por instituições especializadas e pelo ensino regular; também é nítido nas crianças que não passaram por um trabalho mais direcionado as suas necessidades, como têm dificuldades de adaptação ao chegarem a espaços de convívio público.

Porque a postura na época da escola – estou falando da minha época, quando eu estive no Santa Luzia – não era essa postura que normalmente os teóricos conceitualizam, o fato de uma escola ser especializada é segregadora, é um câncer para as pessoas que têm uma deficiência. Não é nada disso, as pessoas pecam quando generalizam, elas não conhecem as escolas especiais a fundo, elas costumam se basear só na palavra da escola ser de cegos ou de surdos etc. Infelizmente, se tu fores falar com qualquer professor que lida nas escolas, esses teóricos nunca foram fazer uma visita in loco e muito menos conversar com os alunos. Se tivessem acompanhado a história de alunos tanto no Rio de Janeiro, formados pelo Instituto Benjamim Constant, como em São Paulo, formados pelo Padre Chico, como Minas Gerais, formados no São Rafael, teriam outra leitura e nós teríamos outras bibliografias paralelas.

Através dos dados encontrados nesta pesquisa, creio ser importante salientar que não é possível abandonar os recursos existentes nas escolas especializadas por conta da inclusão. Conforme coloca NOGUEIRA (2002, p.4), o conhecimento acumulado nessas escolas deve servir de apoio às escolas regulares; os profissionais especializados devem ter novos papéis e responsabilidades através de um trabalho planejado e incorporado na educação regular. Pois a adoção da educação inclusiva não significa que se prescindia de especialistas e de uma educação especializada que atenda as necessidades diretas das pessoas que têm uma diferença, seja essa diferença física, auditiva, visual, etc.

Entretanto, vale registrar que acredito no processo de inclusão como uma conquista que não pode ser abandonada, seria um grande retrocesso não continuar investido e aprimorando esse processo.

4.2. Entrando no mundo

Cada ser tem a sua história, cada um constrói sua realidade a partir de sua singularidade. Somos seres únicos partilhando da pluralidade do mundo. Um ser que não é vidente, que constrói sua subjetividade tendo a cegueira como companheira. Assim pude perceber a vida da Solange. Que desde cedo partiu em busca de suas verdades e enfrentou suas dores e dissabores de ter que viver sua singularidade de pessoa com cegueira e contribuir para a pluralidade num mundo de pessoas videntes. Para narrar a vida da Solange tive o entendimento de que minhas experiências transparecem na intersecção das experiências dela, pela engrenagem de umas nas outras.

Parece-me então que para definir a cegueira faz-se necessário ir além daquilo que é dado. Devo me propor conhecer a história daquele corpo como um entrelaçamento do meu pró-

prio corpo. A história de sua vida perpassa a história da minha vida, configurando-se um modo peculiar de ser no mundo. Um ser singular, contribuindo para a pluralidade do mundo. Um ser não visual, que não usa a visão como sentido prioritário para conhecer o mundo. A cegueira deixa de ser objeto e passa a ser uma experiência perceptiva. Trata-se mais de lidar com a invisibilidade que com a escuridão. A cegueira está para quem não vê, assim como a invisibilidade está para quem vê.

(FREIRE, 2005, p.8)

Quando Solange estava com quinze anos, concluiu seus estudos no Instituto Santa Luzia. Tinha terminado a oitava série e seu tempo de estar na escola especial e no internato tinha chegado ao fim. Era, então, hora de entrar no mundo. Muita coisa tinha aprendido nesse convívio que teve na escola especializada. Porém agora precisava aprender a lidar com uma realidade mais intensa, com o mundo e principalmente consigo mesma. Ela optou por viver em Porto Alegre, em não voltar para o interior, mas já não tinha mais seu pai amigo para ajudá-la nessa nova investida.

Com quinze anos de idade eu enfrentei vários problemas porque eu era menor, mulher e cega. Então eu não podia alugar, não podia ter conta bancária, não podia fazer nada. Tive que arrumar um tutor porque a minha família sempre viveu em outra cidade e eu, sozinha. Aí eu comecei a trabalhar nas Confecções Liz, eu consegui com muito custo esse emprego e esse emprego me sustentava.

Nessa etapa que se iniciava tinha que aprender a trilhar um novo caminho, que só pode ser trilhado através da sua história de vida. Precisava acreditar em si mesma e em tudo que havia aprendido. Foi assim que surgiu seu primeiro trabalho.

Eu colocava, sabe, o zíper, eu colocava numa maquininha que era encaixada na ponta de uma mesa, eu colocava o zíper ali para encaixar um terminalzinho para o zíper não fugir, era isso que eu fazia. Eu fui treinada para fazer essa função, e lá eu permaneci durante três anos fazendo isso.

Durante o tempo em que esteve nesse emprego, Solange continuou buscando por novas e mais significativas oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Queria continuar estudando e aprendendo, tinha um desejo: SER PROFESSORA. Ela era curiosa e queria continuar conhecendo e podendo, através do estudo, adquirir mais conhecimento e encontrar respostas para sua vida. Ficou por um tempo procurando um curso de magistério.

Nesse meio tempo eu procurava curso porque eu queria ser professora, então eu procurava os cursos de magistério, eu não queria entrar para um clássico normal para fa-

zer faculdade, eu queria magistério. Só que na época eu não fui aceita em nenhuma escola. Claro que eu ia pessoalmente lá buscar porque eu não tinha pai, mãe, ninguém que fosse buscar comigo. Porque o teu filho, por exemplo, quando tiver quinze anos tu vais à escola ver se tem vaga para ele, certamente eu imagino que sim.

Essa vontade de ser professora surgiu dentro do Instituto Santa Luzia. Pois, como era bastante ativa e aprendia com facilidade, sempre foi solicitada para dar aulas a seus colegas.

Eu sempre trabalhei com colegas de tudo que é idade, só me avisavam assim: olha tu pegas na hora depois da janta, fulano, fulano, fulano, tanto rapaz quanto guria. Às vezes, para tu teres uma idéia, eu tinha dez, onze anos e eu estava trabalhando com pessoas de dezoito anos. Já nessa idade eu era induzida a esse tipo de trabalho. Então com quinze anos tranqüilamente eu achei que seria uma profissão boa para mim.

Aqui, frente a essa situação fica um questionamento importante que me parece ser muito relevante, pois se tratando de educação, não deveria encontrar histórias de exclusão, negação de oportunidades como vivenciou Solange. O direito à educação é universal e vem ao longo dos tempos sendo apregoado, inclusive no discurso dos que pensam as políticas públicas. Porém o que se assiste é um descumprimento desse direito primordial.

Deveria ser a escola o espaço em que o exercício pleno da cidadania acontece de forma intensa, deveria ser o lugar em que o preconceito é anulado e não se tornar impedimento para que certas pessoas estudem, como é o que acontece. Devido ao preconceito presente em relação à educação de pessoas com alguma diferença é que as respostas prontas que surgem muitas vezes negam as possibilidades e oportunidades para essas pessoas. Além do preconceito, muitos outros aspectos estão presentes nesse processo. É sabido que as instituições estão despreparadas e os professores não têm formação. As pessoas que têm uma diferença não têm garantidas suas necessidades educativas e, desta forma, o que deveria ser uma inclusão se torna muitas vezes uma exclusão.

Nesse sentido, não estou querendo afirmar que o processo de educação inclusiva não deva existir, mas sim que precisa ser revisto com urgência, pois desde o surgimento das leis que deram a garantia de acesso à escola regular, apesar das queixas dos professores e de inúmeros estudos, pouco se tem investido para mudar essa realidade.

Os episódios da vida da Solange me reportam aos discursos sobre inclusão, que apontam para a escola e como deve ser esse processo. Na grande maioria das vezes, esses discursos estão distanciados da realidade das escolas e, principalmente, das necessidades e possibilida-

des das pessoas com cegueira. Acredito que quando se fala em inclusão é preciso que falar em permanência, em oferecer, além de vaga, condições de desenvolvimento e aprendizagem. Esse princípio da permanência acredito que deva ser um dos indicativos para a escola regular estar buscando alcançar no processo de inclusão

Quando a temática inclusão é abordada em espaços coletivos de discussão, gera um interminável debate. Por um lado, como motivo de preocupação pela carga de preconceito que acarreta. Por outro, devido às mudanças que se fazem necessárias em todo o sistema educacional e da sociedade em seu conjunto.

Outro fator importante, com o qual este trabalho pode contribuir por estar falando da vida de uma pessoa adulta, que estudou até o nível do doutorado e trabalha com educação e formação de professores, é que, ao abordar o tema inclusão, precisamos falar em “pessoas” e não em “crianças” – que é o discurso mais encontrado atualmente nos estudos sobre essa temática. Pois é urgente que se pense no processo de incluir desde a infância até a fase adulta, desde a escola de educação infantil até o ensino superior, pois, mais que pensar em incluir, é preciso pensar na permanência e no desenvolvimento com sucesso dessas pessoas na educação.

Hannah ARENDT (2002), ao falar sobre a crise da educação na década de sessenta, coloca que nos momentos de crise – e pelo que vemos a educação há bastante tempo vem enfrentando crises – temos a oportunidade de dilacerar preconceitos, de explorar a essência da questão. E a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo.

Nascer para o mundo significa que é necessário encontrar um lugar seguro para viver neste mundo no qual se chega como estrangeiro, e isso é bastante significativo quando me reporto às pessoas que têm uma diferença. Pude perceber que para Solange não foi fácil por algum tempo, e porque não dizer por muito tempo, encontrar seu lugar de direito e de merecimento no mundo da educação.

Solange procurou muito por uma escola onde pudesse estudar para ser professora, ou seja, cursar o magistério, mas não foi aceita em nenhuma. Nesse meio tempo surgiu um curso de massagem para pessoas com cegueira, tinha nessa época dezessete anos, fez o curso e antes de terminar já estava trabalhando como massagista.

Nesse meio tempo, aconteceu na secretaria da saúde e educação um curso de massagem para cegos. Eu tinha nessa época dezessete anos e aí eu fiz esse curso de massagem e, antes de terminar (tinha uma duração de umas trezentas horas por aí), estava na metade do curso, eu consegui um emprego. Então a partir daí eu me tornei

massagista, e quando eu tinha uns dezoito anos eu fui para o Colégio Protásio Alves, que daí já havia a reforma no segundo grau nos cursos profissionalizantes. Nós tínhamos que fazer aquelas provas de sondagem para entrar, ingressar no segundo grau.

A persistência é uma das marcas da Solange, e, devido a isso não desistiu da sua idéia de estudar, continuou em sua busca por um lugar que a aceitasse para que pudesse fazer o segundo grau. A idéia de estudar magistério já não era o que mais importava frente às dificuldades que encontrou. Partiu, então, em busca de uma escola de ensino médio. Procurou o Colégio Protásio Alves e, como sempre acontecia, pediu uma vaga, ou melhor, queria se inscrever para as provas!⁶ Mas não foi aceita, como de costume. Nesse momento lembrou que alguém havia lhe aconselhado a falar com a diretora, e foi o que fez.

Ai eu resolvi falar com a diretora do colégio, e a diretora disse: – Olha, se tu quiseres estudar eu tenho compromisso de te aceitar, agora nós não temos nada para cego, não sei como lidar, mas tu te dispões a colaborar para que nós possamos construir juntas todo um processo? E eu disse:– Eu quero mesmo! Aí eu ingressei no Protásio.

A chance que encontrou através dessa diretora, que soube escutá-la e ouvir seus argumentos, foi a possibilidade que teve de continuar seus estudos.

Não há nada mais reconfortante do que uma pessoa ser capaz de ouvir a razão. A compreensão é a razão que leva em conta os outros e não obstante retém sua autonomia como humanidade. A razão é a garantia de que uma pessoa não está à mercê de poderes externos e de si mesma, como é. É o conforto de que sempre se pode apelar para algo – não importa qual a natureza do outro, estranho. A estranheza, a ordinariedade, ou a vaidade nunca são incompreensíveis e destrutivas dos relacionamentos humanos, mas unicamente a inutilidade desse apelo, onde desejamos que seja reconhecido que somos seres humanos.

(ARENDR, 1994, p.130)

A compreensão da diretora ao ouvir os argumentos da Solange não só possibilitou que ela estudasse como criou novas possibilidades para as pessoas com cegueira. Mal sabia a diretora que estava dando início a um processo sem volta. Hoje o Colégio Protásio Alves é referência em ensino médio para pessoas com cegueira. Para a Solange foi tudo novo, pois foi ela a primeira pessoa com cegueira a estudar nessa instituição. Teve que enfrentar barreiras, bri-

⁶ Na época houve uma reforma no ensino de segundo grau profissionalizante e os alunos tinham que prestar provas de sondagem para ingressar.

gar por seu lugar e, como sempre acontece com as pessoas que têm uma diferença, mostrar suas capacidades.

Quando os meus colegas descobriram que eu tinha sido aceita numa escola foi aquilo, foi uma invasão. Aí os cegos começaram a procurar o Protásio, que na verdade não tinha nada mesmo. Tudo começou assim, eu comecei a adolescência lá na sala de aula, brigando com os professores, e os professores iam se queixar de mim para direção, para o SOE⁷, aquela coisa toda. Aí alguém lá da direção, que no era caso essa diretora, fazia o meio de campo, ela dizia: “Não, calma aí, isso é um problema natural do aluno, o aluno tem que reivindicar”. Ai eu ia lá, sentava com os professores, conversava, aquela coisa toda.

A partir desse momento a vida da Solange teve um *efeito pedagógico* sobre outros seres humanos, pois o que acontece “com alguém distingue a pessoa; que o ser humano não é apenas sua felicidade ou infelicidade.” (ARENDR, 1994, p.130).

Isso me levou a pensar na condição da pluralidade através da qual cada ser humano é um indivíduo igual aos outros, vivendo no mesmo meio, mas sendo um indivíduo singular, exclusivo, único.

Porém, dada a condição humana da pluralidade, esses tempos de duração peculiares aos indivíduos se entrelaçam. De tal modo que constituem uma teia comum através da qual o arcar com a vida é jamais meramente individual, peculiar e incomunicável. Ao contrário, o arcar com a vida é acontecimento individual e coletivo, inesgotavelmente herdado e engendrado pelas gerações que se sucedem. A herança recebida por todos os que nascem está sempre aí, instaurada e objetivada no mundo, de modo a constituir-se numa nova *condição* de se ser homem conquistada e consolidada.

(CRITELLI, 1993, p.115)

Cada ser vai construir sua história e a história de vida de uma pessoa pode servir para mostrar como o ser se movimenta no mundo. A cegueira e seus diferentes significados estão inseridos na história da humanidade. As atitudes para com as pessoas cegas passaram por mudanças ao longo da história e essas mudanças ocorrem da mesma forma, dentro do contexto pelo qual a humanidade se movimenta. Mas quero ressaltar com este estudo que ainda existem muitas barreiras para enfrentar em relação ao reconhecimento de direitos e das garantias de uma vida digna para as pessoas com cegueira. Muito embora várias pessoas que têm essa con-

⁷ Serviço de Orientação Educacional

dição de vida já provaram as possibilidades que podem ter as pessoas com cegueira, ainda existe muito descrédito por parte da sociedade.

Na maioria dos estudos sobre pessoas que têm uma diferença, encontram-se categorizações sobre essas diferenças e sobre como tais diferenças se apresentam; como no caso da ausência da visão, havendo uma forte tendência em conceber essas pessoas como pertencentes a categorias especiais de indivíduos. Para Solange, isso não poderia ocorrer.

A escola de segundo grau para onde hoje os alunos se dirigem é o Protásio Alves, onde eu fui a primeira aluna com deficiência visual. Só que na época foi a única escola que me aceitou para eu fazer o segundo grau. Então, quando eu perguntava para alguns alunos cegos que foram sujeitos da minha pesquisa, para dissertação de mestrado: por que vocês não vão conquistar outros lugares que preparem mais para o vestibular? – Ah, porque aqui no Protásio Alves é mais fácil, nós somos mais aceitos, aqui nós podemos entrar a qualquer momento de bengala, podemos sentar na escada como qualquer aluno, podemos fumar, podemos fazer qualquer coisa como qualquer aluno e não somos vistos como pessoas assim especiais. Tá entendendo? Eles são encarados como alunos nessa escola. Então para mim, a questão do especial é o verdadeiro câncer da inclusão.

O rótulo de “especial” carrega, para as pessoas que o têm, um referencial ligado a “anormalidade” segundo NOGUEIRA (2002). Dentro dessa perspectiva, todas as atitudes e comportamentos, assim como as expressões de subjetividade, são vistas como exemplos e características de sua condição.

Câncer é uma doença dificilmente curável, a não ser quando detectável no início. E essa questão do especial é exatamente assim. Só que claro, é por isso que, quando chega à questão da inclusão, as pessoas lá no ensino regular questionam: se eles são tão especiais e têm todo um sistema preparado para eles, o que eles querem dentro da escola regular? Por que, então, que não constituem um sistema totalmente paralelo? Isso é uma questão que os professores fazem. Na minha tese de doutorado tem uma pesquisa só com professores, que tem toda uma fala deles a respeito disso e deixa muito claro o paralelismo na cabeça dos professores.

Através dessa iniciativa de partir em busca de uma escola, um lugar onde pudesse continuar seus estudos, Solange desencadeou a possibilidade de que outras pessoas com cegueira estivessem também estudando e construindo sua história. Cada ser é único, mas deve através dos exemplos buscar por suas verdades. E foi assim que aconteceu com muitas das pessoas

com cegueira que buscaram o Colégio Protásio Alves, que devido a isso é hoje uma escola que contempla em seu projeto político pedagógico o trabalho com essas pessoas, tem em seu corpo docente professores especializados e um número significativo de alunos com cegueira.

Cada um vai construir a sua história, vai depender da motivação e dos recursos, dos estímulos que a pessoa vai encontrando ao longo da sua vida. O fato de tu seres cego pode servir de motivação para que tu desenvolvas uma vida. Tu encontras uma pessoa cega bem sucedida e tu pensas que todos têm condições de ser bem sucedidos. Aí então eu poderia dizer que toda a pessoa que enxerga teria essas condições. Na verdade não é assim, tudo vai depender da história e das circunstâncias de vida que cada um tem. Porque tu podes trabalhar com várias pessoas cegas de nascença e cada uma vai ter o seu entendimento de cegueira. Cada uma vai ser cega do seu jeito, cada um vai enxergar do seu jeito e do seu modo vai construir os seus conceitos.

Embora saiba que cada pessoa constrói sua realidade a partir de suas vivências, que mesmo trilhando caminhos iguais, de forma parecida não se chega ao mesmo lugar. E, se chegar, com certeza terá experimentado experiências distintas; ainda assim, no caso das pessoas com cegueira, olhar para a história de vida de alguém que venceu barreiras e está conquistando seu espaço no mundo, pode servir para ficar atento às possibilidades que essas pessoas podem ter.

E assim Solange entrou no mundo, conquistou um lugar de direito e iniciou sua trajetória rumo à profissão que escolheu. Foi apenas e tão somente o início de uma trajetória que ainda está em construção e que precisa de investimentos constantes.

4.3. Ser professora

As vivências de um professor, através das experiências que se dão ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas na perspectiva de construção do tempo presente.

Para Merleau-Ponty, o tempo está imbricado na estrutura explicativa das experiências, a noção do passado e do futuro está ausente da compreensão e não se restringe às representações que se faz a respeito deles. “Em outras palavras, a estrutura implicativa característica de cada uma de nossas experiências é a ocorrência imaterial do passado e do futuro junto ao nosso presente.” (MÜLLER, 2001, p.30).

Reconstruir os vividos como professora permite esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios da atividade docente, em que as motivações de vida estão intimamente ligadas. O

pessoal e o profissional estão imbricados, fazendo parte de uma totalidade. A subjetividade docente é construída com essas “marcas, que são transversalizadas pelo desejo imanente a todo ser humano de orientar sua vida por construtores de um devir prazeroso ético/estético/político”. (COLLA, 1998).

Falar sobre o *ser professora* está intimamente relacionado com minhas vivências; ao realizar este estudo estou buscando colocar as vivências da Solange em sua trajetória pessoal e profissional e desta forma atentando para meus vividos, que estão diretamente relacionados com a forma como construo a narrativa, através de um estilo fenomenológico que inspirou minha atitude de pesquisar.

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha.

(MERLEAU-PONTY, 1999, p.18)

Solange teve que aprender a ensinar desde muito cedo, suas vivências lhe proporcionaram o exercício do ensinar ao outro e, mesmo sem ter a intenção, acabou sendo um modelo a ser copiado. Nesse sentido é que nossa vida pode ter um efeito pedagógico sobre outras pessoas.

Eu chamava atenção pela minha inquietude, porque os pais das minhas colegas do Santa Luzia falavam: – A minha filha é tão parada, não se mexe tanto, vai brincar com a Solange. E eram crianças bem abastadas, que os pais não davam folga, e isso tinha muita importância. Isso não está ligado à questão econômica e cultural, está muito mais ligado à formação de cada pessoa.

4.3.1. A universidade: a formação para professora

Após concluir os seus estudos no ensino médio, segundo grau na época, Solange ficou sem estudar por um ano. Tinha uma grande insegurança, pois acreditava que não passaria em um vestibular sem fazer um cursinho devido à dificuldade que pensava ter em matemática. Porém não teve condições financeiras para pagar um cursinho e depois de um ano resolveu prestar o vestibular assim mesmo, sem o dito “preparo”, e passou logo na primeira tentativa.

Aí eu saí do segundo grau dei o espaço de mais ou menos um ano porque na minha cabeça eu tinha muita dificuldade em matemática, eu queria fazer um cursinho por-

que eu achava que não passaria na minha primeira prova. Só que as minhas condições financeiras não me permitiram fazer, então eu encarei o vestibular e passei de cara no vestibular da PUC para pedagogia habilitação em deficiência mental. Porque a pedagogia formava para o magistério naquele tempo, nós nos formávamos em duas habilitações magistério primeiro, depois deficiência mental.

Dentro da universidade passou por uma série de dificuldades e experimentou o amargo gosto da desconfiança e do descrédito em suas possibilidades de exercer a profissão. Um fator importante que ocorre e está diretamente relacionado a esse aspecto, situa-se na representação que se tem dos universitários como futuros profissionais. Segundo RODRIGUES (2004), muitas das dificuldades de sucesso na universidade situam-se nos conceitos que os professores universitários têm a respeito do campo profissional de seus alunos.

Quando há uma idéia específica formada do que seja ser um professor, pode-se a partir daí não acreditar na capacidade de alunos com cegueira de realizar certas tarefas e conduzir um trabalho em sala de aula. Essa idéia formada não condiz com o que se pode observar, pois existem inúmeros perfis profissionais. E pode ainda influenciar na credibilidade em relação a esses alunos. Nesse sentido, uma contribuição que o processo de inclusão pode oferecer à universidade é proporcionar que reflita sobre a formação de seus alunos e do perfil profissional de seus cursos.

O fato de que o ensino superior é cada vez mais acessível e a formação universitária, cada vez mais essencial para o desenvolvimento profissional e a obtenção de um emprego melhor, leva ao questionamento sobre o caráter inclusivo da universidade. Neste caso surge a necessidade de se criar mecanismos que possibilitem o acesso e a permanência dessas pessoas no ensino superior.

Quando eu cheguei à faculdade, a clássica pergunta durante as apresentações, no primeiro dia: dizer o nome e porque vocês escolheram pedagogia. Aí, quando chega na pessoa cega, sempre tem que ter uma explicação a mais, sei lá, eu escolhi porque eu gosto, porque a minha mãe é professora e tal. Aí, quando chega na pessoa cega: – Tá, mas e tu com essa deficiência, tu achas que vais ter condições disso, disso e disso? Eu já fui questionada desde o primeiro momento e não foi um nem dois professores, foram quase todos os professores, principalmente os da psicologia é que fizeram esse questionamento com mais ênfase. Isso é até uma reflexão; eu pergunto: por que só eu tinha que explicar? Só pela minha deficiência? É claro que hoje eu já faço todo esse questionamento, essas mesmas pessoas continuam lá na PUC, e hoje estão discutindo, estão usando o discurso da inclusão.

Sua primeira barreira foi para realizar o vestibular, não teve prova em Braille e sim prova oral. As pessoas com cegueira têm por direito realizar provas em concursos e seleções em Braille que é a forma como lêem e escrevem com autonomia, sem a intervenção direta de outra pessoa. Porém, essa não foi a prática com a qual Solange se deparou em sua vida. Em várias oportunidades teve que usar do recurso da prova oral por não ter a opção do Braille.

Na minha época lá no Protásio, fazia prova oral que é uma coisa que eu nem concordo hoje, porque o professor não podia avaliar a minha escrita; como é que ele vai fazer uma coisa dessas? Como teve uma prova de direito tributário que a gente tinha que saber fazer cheque – eu sabia lá fazer um cheque? Mas verbalmente eu sabia e daí eu fui ótima. É nesse sentido que eu te falo, esse é um entendimento que muitos professores têm: – Ah! Já que ela não pode escrever, então vamos a uma prova oral! E aí acaba que tem pessoas cegas que até passam pelo ensino superior sem que sejam avaliadas da mesma forma que os outros alunos. Também sem ter tido as mesmas oportunidades de aprendizagem, porque elas lêem pouco, elas não dão conta do grande número de obras que têm para ler, uma série de dificuldades, e aí acabam tendo todo o processo comprometido. Será que é isso que nós consideramos inclusão? É simplesmente estar ali? O sujeito nem se sente incorporado, não se sente parte integrante de todo o contexto.

Um fator que percebi através do meu trabalho na universidade com alunos com cegueira e nas experiências relatadas pela Solange é que, para que seja possível acontecer a tão esperada inclusão na universidade, é preciso que se tenha clareza dos fatores que estão envolvidos na relação desses alunos com a instituição. É preciso, pois, que fique claro que o reconhecimento de direitos iguais a todos deve estar presente e deve ser colocado em prática através do reconhecimento de que direito a igualdade implica em diferença de tratamento, pois é preciso considerar e assegurar as necessidades educativas para esses alunos.

É só ver, as universidades não têm nada, e para nós conseguirmos alguma coisa, os cegos têm que ir lá brigar com alguém que trabalha lá dentro; e aí fica mal visto pela instituição como sujeito que... Ainda mais sendo instituição privada, aí ele é convidado a se retirar. A passagem por essa universidade não foi muito tranqüila. O desafio de ter que provar cotidianamente a minha eficiência em razão da limitação visual dentro de um curso de pedagogia constituiu-se em um enigma que me causou desassossego. A freqüente necessidade de ter que procurar professor a professor, solicitar materiais com antecedência, tratar das avaliações, era uma tarefa tão desgastante, e alguns dos professores não demonstravam ao menos interesse no que lhes estava sendo solicitado. Interessante que o curso era de pedagogia, habilitação em educação especial

– área da deficiência mental. Pergunto: o que poderia esperar dos professores em outros cursos que não da educação especial no que tange à atenção às minhas necessidades educativas especiais?

Quero apontar aqui que a inclusão dos alunos que têm uma diferença possibilita repensar as metodologias de ensino presentes na universidade. O processo ensino-aprendizagem ainda tem um caráter de transferência de informação e que requer para isso o uso de técnicas que servem de alicerce para esse tipo de prática. É difícil para o professor universitário pautar seu trabalho em um ensino significativo para seus alunos e se ver no processo como um mediador e aprendiz.

Solange, ao estudar no curso de pedagogia, viveu grandes desafios, que foram marcantes. Ao me deparar com os relatos dos acontecimentos que permearam seus estudos na universidade, algumas dúvidas surgiram. Essas dúvidas estão diretamente relacionadas com a formação e com o preparo que os professores universitários devem ter para atuar. Questiono como em um curso de formação de educadores podem existir posturas carregadas de preconceito. Qual é a postura que deve ter o professor de futuros professores? Serão as relações estabelecidas no curso de graduação determinantes para a postura dos futuros pedagogos?

Outro fato ocorrido no primeiro semestre do curso de pedagogia, foi na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento. O início não foi diferente, o momento das apresentações individuais: – Estou aqui por isso.... Na minha vez, a professora interferiu perguntando: – Mas você tem certeza de que é isso que quer? Respondi que sim. Ela continuou: – Vamos ver! Naquele momento, entendi: Vamos ver o que vai acontecer! Contudo, percebi que se tratava do sentido: – Vamos ver se poderá mesmo! As aulas eram somente expositivas, baseadas em um livro organizado por ela. Eu tive que providenciar as formas para acessá-lo e proceder a leitura do mesmo. Pouco conversamos. Nas vezes em que a procurei, não senti reciprocidade. Dois dias antes de uma prova, solicitou-me que trouxesse dois gravadores e uma fita cassete virgem pois, segundo ela, eu não poderia usar o Braille. Alegou que a prova havia sido gravada em fita cassete e eu deveria apenas ouvi-la, e utilizar o segundo gravador para gravar as respostas. Descreveu-me a prova dizendo que eram trinta e cinco questões, com cinco alternativas cada uma. Cheguei à Universidade e dirigi-me à sala dela. Como não dominava a disposição das salas e o horário do início das aulas estava próximo, solicitei a uma colega de aula que me acompanhasse até o local de encontro com a referida professora. Quando chegamos, a professora disse: – Viu? Nem aqui você consegue vir sozinha.... Ela examinou cuidadosamente o material que eu havia trazido, inclusive a sacola, que era de papelão. Comentou que iria verificar para ver se não havia nada escrito

em Braille na sacola e usou a expressão: Vocês são muito espertos. Não entendi se com aquela expressão a professora referia-se a mim como aluna ou como cega. Examinou, inclusive, a fita cassete para ver se realmente era virgem e resolveu mudar a estratégia. – Acho melhor, já que vão ficar duas pessoas aqui para te fazer companhia para qualquer eventualidade, que podes ditar para uma delas as respostas. O tempo disponível para a realização da prova correspondia a dois períodos de aula. Quando comecei a ouvir a fita gravada, vinte e cinco minutos já haviam passado. Eu permaneci na sala com duas pessoas desconhecidas. Com o passar do tempo, a angústia foi aumentando. Era uma prova longa, cujas questões eram textos retirados do livro adotado em aula. Após o término da prova, a professora se ofereceu para me acompanhar até a sala de aula. No caminho, ela falava: – Pense bem! Você cria problemas para você e para as outras pessoas, insistindo em fazer coisas que você não pode pelas inúmeras dificuldades que existem e poderão surgir. Quem sabe você volta para casa e pensa melhor no assunto, busque outra coisa para fazer que não lhe traga tantas dificuldades. Eu comentava: – É verdade, professora, a senhora tem razão! Às vezes, a gente teima com a vida e as pessoas e não sei se vale a pena! E ela: – Sim! Estou lhe mostrando que não vale a pena! E você está me dando razão. Eu sou professora e psicóloga, sei do que estou falando. Quando chegamos à sala de aula, agradei sua companhia e ela rapidamente se foi. As colegas me indagaram como tinha sido a prova, e eu respondi que havia me submetido a duas provas: uma prova de fogo, onde tudo em mim queimava: a cabeça, o estômago, a alma e o coração. Nesta, não sei se vou passar! Conte a sensação de ter engolido um boi pelos chifres. Sem conseguir controlar a indignação diante da violência que havia sofrido por aquela situação criada pela “professora psicóloga”, fui para casa. Por muitos dias não frequentei as aulas: precisava decidir se continuaria ou não o curso. Dias depois, fui procurada por um grupo de colegas representantes da turma para que retomasse as aulas. Falaram que o grupo demonstrou solidariedade diante do que ocorrera. A minha nota na prova era sete e eu não deveria desistir, pois a turma havia procurado a coordenação do curso e, pelo ocorrido, pedira a substituição da professora.

Esse tipo de acontecimento demonstra o quanto ainda existem barreiras para o processo de inclusão. Nesse sentido, acredito que estando no convívio com esses alunos é que se aprende a lidar com as especificidades que devem ser contempladas para garantir aos mesmos os mecanismos necessários para sua aprendizagem bem como estabelecer relações de respeito e aprender a trabalhar com a diferença. E quem sabe, encontrar novas estratégias de ensino.

Mas a vida acadêmica como aluna não foi permeada somente de momentos difíceis para Solange, também houve importantes e significativas trocas com alguns professores.

O professor de matemática, no primeiro dia de aula, apresentou-se e em seguida propôs as apresentações individuais. Essa foi uma das vezes em que não precisei explicitar as razões que me trouxeram a esse lugar. Nos últimos minutos da aula, o professor aproximou-se e perguntou: – Você gosta de matemática? Respondi: – Não. E ele: – Você sabe matemática? Respondi: – Muito menos! – Você quer aprender a gostar dela? Respondi que sim, com a mesma veemência das respostas anteriores. Ele prosseguiu comentando e propondo: – Bem, então juntos vamos dar um jeito, você como aluna e eu como professor. Combinamos que alguns recursos seriam de uso sistemático e que ele iria providenciá-los: cordões, colas, tesouras, moedas etc. – De acordo com a necessidade, vamos providenciando. Além disso, um bom tempo depois, trouxe o conjunto de barras, algumas peças de blocos lógicos, entre outros materiais. Em certos momentos eram perceptíveis algumas demonstrações de inconformidade de parte do grupo através de perguntas como: – Por que só para a Solange? Ele, sério, sem dar explicações, dizia: – Vocês sabem para que estão no curso de educação especial?

A atitude desse professor demonstra que sempre é possível encontrar formas de proporcionar vivências significativas que possibilitem às pessoas que têm uma diferença realizarem seus estudos. Porém vale ressaltar que mesmo frente às dificuldades, muitas pessoas, e com a Solange também foi assim, conseguem conduzir seus estudos.

Em sua vida acadêmica, desde a graduação até o doutorado, Solange vivenciou a dificuldade do acesso a esses mecanismos que são muito importantes para garantir que as pessoas incluídas se sintam parte do grupo e de todo o processo.

Quando eu fiz o doutorado, não tinha Dosvox⁸, ele surgiu paralelo ao meu mestrado e ao meu doutorado, isso é coisa nova e a disponibilização dele pela internet só aconteceu há três anos. Na época em que eu fiz o mestrado nós estávamos conseguindo computadores para todos os alunos, que fossem instalados lá no nosso andar. Aí depois, no doutorado, eu queria instalar o Doxvox. Mas me disseram: – Solange, é mais fácil nós te conseguirmos uma bolsista que tu leves para casa para ela te ajudar, do que colocar o programa aqui.

Esses alunos são catalisadores de práticas e valores novos e podem estimular a reflexão sobre novas metodologias de ensino realizadas pela universidade. Dessa forma, mais uma vez brigando, Solange concluiu seu curso de pedagogia e agora tinha uma profissão, a profissão que escolheu e que, a despeito de toda a adversidade, ela se julgava capaz de exercer. Mas seu

⁸ O DOSVOX é um sistema para computadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz.

desejo era maior, queria continuar estudando. Foi então que resolveu partir em busca do mestrado em educação.

Muitos até me perguntavam por que eu não fiquei trabalhando lá no Protásio, e eu dizia: – Não, porque eu não quero ser professora de sala de recursos, eu não estudei para isso. Eu, com a minha carreira, quero influenciar lá em cima, os professores que estão lá no período de formação, para quando forem para um sistema, uma sala de aula, possam contribuir de uma forma mais... contundente e eficaz, e não reproduzindo modelos já prontos. Só que claro, eu sou uma andorinha, e uma andorinha só não faz verão. Mas eu não paro de falar, eu falo tanto que... eu digo que o fruto caiu não sei aonde, que a Gardia resolveu me descobrir.

Com sua vontade e determinação, Solange partiu em busca de mais uma conquista em sua existência. Queria mais interlocução, mais conhecimentos e, mais que tudo, poder ensinar a quem vai ensinar. Para isso resolveu buscar o mestrado em educação e já na hora de fazer a inscrição para a seleção surgem os primeiros desafios. Solange foi fazer a inscrição para a seleção do mestrado e levou a inscrição de outras colegas para fazer.

Fui à Educação, cheguei lá e a moça que me atendeu mal queria pegar as inscrições dos outros, ela só dizia: – Não, mas nós não temos cursos para pessoas assim como a senhora. Isso em 1995, quando eu entrei para o mestrado.

Dúvidas, questionamentos e insegurança permeavam o ar, as palavras eram soltas, as frases incompletas, ninguém sabia ao certo o que falar, mas para quem não tem o convívio e o conhecimento em relação à cegueira o que fala mais alto é o descrédito e a idéia de incapacidade associadas às pessoas com cegueira. Na secretaria do programa ninguém queria pegar “as inscrições” que a Solange estava trazendo, só o que alegavam era que não tinha nenhum curso para pessoas cegas.

Aí a moça só dizia: – Mas eu já lhe disse, nós não temos curso... Só que o material que eu estava alcançando para ela era dos outros. Daí a pouco eu disse: – Escuta! Tudo bem, só que tu vais ter que me explicar duas coisas: que curso é para pessoas assim como eu e por que tu não estás aceitando o material que eu estou te dando, são materiais de outras pessoas. Aí ela disse: – Desculpa! – Pois é, tu não estás prestando atenção em quem tu estás atendendo, eu falei para ela. Ela pegou o material, demorou uns dois minutos e então buscou alguém para conversar comigo. Aí veio: – O que a senhora gostaria? Eu disse: – Eu gostaria de me inscrever para o mestrado. – Ah, pois é, é que na verdade eu não sei se a senhora já conversou com alguém, já conhece al-

gum orientador, porque nós não temos nenhum curso para pessoas com deficiência visual.

Os seres humanos através da ação e do discurso se revelam uns aos outros; de acordo com Hannah Arendt, através das histórias que são resultado da ação e do discurso se desvendam os sujeitos. Para as pessoas videntes é só no momento do confronto, na ação, que vêm à tona os sentimentos que acabam se mostrando na fala e nas posturas em relação à cegueira. Como no conto de Clarice Lispector, ao encontrar uma pessoa com cegueira em seu caminho, a personagem Ana sente o mundo pesado sobre si, depara-se com sentimentos antes desconhecidos.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobre-aviso, tinham um ar mais hostil, perecível ... O mundo se tornara de novo um mal-estar.”

(LISPECTOR, 1960, p.26)

Frente a todo o mal-estar que se instalou, Solange continuou argumentando o que estava buscando ali.

Eu disse: – Mas eu não vim buscar curso para deficiência visual, eu vim buscar o mestrado em educação. – Pois é, mas nós não temos... – Tu não entendeste o que eu falei, eu vim buscar o mestrado, eu quero saber se eu posso ou não posso me inscrever, eu conheço sim professores, assessoro a UFRGS já há mais de três anos. Aí nesse meio tempo alguém da secretaria disse: – Gente, pelo amor de deus, ela só quer se inscrever no mestrado, o resto vocês perguntam depois.

Para resolver a questão, tomou a mesma iniciativa da época do segundo grau e foi falar com o coordenador do curso, que a questionou sobre a forma como faria a prova de seleção. Solange explicou que deveria fazer a prova em Braille e depois o programa mandaria transcrever em um centro especializado. Desta forma, então, ela fez a prova e ingressou no curso de mestrado.

O mesmo não aconteceu com a seleção do doutorado. Como teve alguns entraves com a prova do mestrado, pois a transcrição demorou, no doutorado, que foi realizado no mesmo programa, já foi feita a opção por uma seleção diferente. Solange escreveu a prova em Braille e depois, em outro, dia ela leu a prova para uma banca de professores que a avaliaram.

No doutorado eu fiz a prova assim também, só que eles não transcreveram a minha prova, eles me pediram a leitura. Eu fiquei uma semana longe da prova, aí eles constituíram uma banca de sete professores que não me conheciam e que vieram de outras áreas para eu ler para eles. O que eu não considero a melhor forma, porque como eu falo bem, e eu sabia o que eu tinha escrito e sabia por onde eu poderia ter ido, tá entendendo? Então de certa forma eles me facilitaram, eu considerei uma facilidade. Eu não aconselho que seja feito isso. Eu acho até que no doutorado, se eu usasse como eu uso hoje o computador, eu teria feito no computador e teria imprimido ali mesmo e tudo bem. É assim que eu sugiro.

Esse tipo de estranhamento em relação a sua “competência” profissional, que tem relação direta com a questão da cegueira, se fez presente em outros momentos na vida de Solange. Em outro concurso que prestou para atuar na universidade, seu atual trabalho, viveu mais uma vez uma situação onde ficou claro, através do discurso e da ação, o descrédito em relação às pessoas com cegueira e sua capacidade profissional. Bem como a não garantia de seus direitos para a realização da prova em Braille.

Logo que surgiu o concurso, entrou em contato com a instituição que estava realizando o mesmo e solicitou a prova em Braille; a partir disso se desencadeou uma série de acontecimentos. Primeiro, negaram-se a fazer a prova em Braille com uma alegação nada consistente.

Não me deram a prova em Braille, eles me alegaram o seguinte: que eles tinham feito um concurso há dois meses atrás e três pessoas cegas tinham solicitado prova em Braille e não compareceram. E eu respondi: – Tá, mas o que eu tenho a ver com isso? Essa foi a minha resposta. É um direito deles terem pedido a prova e é um direito deles não terem ido fazer a prova, porque cada um pode ter as suas razões. Aí eu pergunto para vocês, “por telefone”, para onde vocês mandam ou onde “estão” os livrinhos das pessoas que enxergam e não foram fazer a prova? Eles não souberam dar a resposta.

Além disso, ao perceberem que era uma pessoa cega que estava fazendo a solicitação, por telefone insistiam em informar para Solange que o concurso era só para mestres e doutores.

Durante todo o meu processo, elas me falavam por telefone: – professora, nós queremos lhe orientar que esse concurso é só para mestres e doutores. Eles diziam porque na cabeça deles não existia nenhuma pessoa cega doutora. Isso não é uma coisa comum, a tendência das pessoas é pensar: – Mas será que ela sabe que é um concurso

para mestres e doutores? Então já tinha essa preocupação aí. Esse foi o último concurso que eu fiz, onde eu dou aula hoje.

Mais uma vez, brigando por seus direitos e tendo que se adaptar ao mundo vidente, Solange realizou o concurso. Fez as provas com a ajuda de alguém que lia as questões para ela, o que não foi nada fácil. Ficou claro para Solange que a instituição que realizou o concurso em nenhum momento teve a preocupação de buscar esclarecimentos e tentar disponibilizar recursos para que ela pudesse ter as mesmas condições que os outros candidatos. Percebo que esse tipo de acontecimento permeia as relações que as pessoas com cegueira estabelecem quando o assunto está relacionado às suas competências.

Aí quando eu critico o pessoal diz: – Ah! Mas tu passaste? – Passei. – Bom, mas então o que tu estás reclamando? – Exatamente por isso que tu estás me dizendo, só porque eu passei não invalida a minha reclamação, porque eu estou preocupada com aqueles que não têm as mesmas condições intelectuais que eu tenho e se eu tivesse tido as condições em Braille, eu poderia ter tirado o primeiro lugar certamente. Porque eu fiquei em terceiro lugar na classificação entre 800 candidatos: então imagina se eu tivesse tido a minha possibilidade real de fazer. Por que há disputa, como foi eu considero injusta.

O Braille é a forma como as pessoas com cegueira escrevem e lêem, e, dessa forma, podem desvendar o mundo e ter autonomia em relação ao conhecimento produzido e registrado. Porém, devido ao avanço da tecnologia, hoje estão disponíveis *softwares* que fazem leitura e possibilitam que as pessoas com cegueira escrevam utilizando o computador. Assim, o Braille vem sendo abandonado por muitas das pessoas com cegueira. Nesse sentido, quero defender que é preciso que seja reavaliado qual é o papel da tecnologia, onde ela deve atuar e como, pois é através do uso do Braille que um professor com cegueira pode ter acesso à escrita de seus alunos, como também os professores videntes que trabalham com pessoas que têm a experiência da cegueira podem ter acesso à forma como essas pessoas escrevem e produzem o conhecimento sem a mediação da tecnologia.

Eu comecei tudo sem nada, eu comecei no Braille mesmo, na reglete e punção dentro das minhas salas de aula, sempre foi assim, no mestrado. Agora, no doutorado é que eu já tinha segurança no uso do computador, e olhe lá. Eu penso muito mais com a reglete e a punção que no teclado do computador, eu tenho um computador portátil, eu o levo, mas mesmo assim ele entrou na minha vida como auxiliar já no doutorado. Porque eu confio, me sinto muito mais segura, tanto é que por onde eu ando, eu tenho na bolsa uma reglete e um punção. Isso é uma coisa que como eu aprendi, eu fiz a

maior parte das minhas coisas assim, eu continuo fazendo. Claro que eu vou para o computador hoje escrever, mas eu sei dizer que intimamente o Braille para mim é essencial. E vou te dizer, eu só entendo que uma pessoa cega consegue se desenvolver na informática se ela dominar muito bem o Braille; se ela não fizer isso, ela vai ter problemas na escrita – se ela não ler – porque ouvir é uma coisa, ler é outra. Nós não podemos sintetizar que cego vai aprender só ouvindo, não existe isso, se ele não ler ele não vai saber escrever. Por exemplo, não vai conhecer a ortografia, e é uma coisa que as pessoas não se dão conta disso e entendem que um computador é a solução de todos os problemas. Não é por aí. Principalmente no ensino médio e no primeiro grau. Porque quem adquire hábito de leitura e escrita nessa fase, certamente quando entra na universidade só vai solidificar; mas quem não adquire esses hábitos não vai ser na universidade que vai adquirir. Até pode adquirir, mas vai ser à base de pancadas.

Diante disso, surgem os questionamentos sobre a substituição do Braille pelos softwares de voz. Segundo BELARMINO (2004), que é uma jornalista e professora universitária com cegueira, o Braille não pode ser substituído pelos computadores, pois é o único meio direto e natural para o aprendizado da leitura e escrita das pessoas com cegueira. Quanto mais ágeis e competentes elas forem no seu uso, mais poderão se beneficiar com a tecnologia, que nada mais é que uma ferramenta complementar.

Para realizar seus estudos no mestrado, no doutorado e para exercer sua profissão, Solange sempre contou com o auxílio de uma pessoa para lhe secretariar. Mesmo desenvolvendo uma total autonomia frente ao cotidiano, as pessoas com cegueira necessitam de auxílio em alguns aspectos que possibilite que desenvolvam certas atividades. Devido a isso foi que Solange encontrou um caminho para desenvolver seus estudos e seu trabalho como docente.

Todo o cego, para chegar ao nível que eu cheguei de doutorado e de ter uma independência – porque nós não somos auto-suficientes – sempre dependemos de alguém. Assim, eu sempre contrato alguém, eu troco trabalho por dinheiro. Eu tenho uma secretária. Aliás, estou procurando outra, porque o problema da minha secretária atual é a leitura, porque eu preciso que leia bem, assim pontuação, por exemplo. Eu estou precisando de alguém que trabalhe manhã e tarde aqui comigo, que agora com esses novos projetos de publicação, eu tenho muito trabalho. Nós que chegamos a esse nível, a esse patamar, temos muitas tarefas a cumprir. Veja, eu trabalho em dois lugares – e eu tenho quase oitenta alunos; e tenho que lidar com todo esse universo. Mas a gente sempre vai depender de alguém. Bom, eu não tenho a pretensão de ser auto-suficiente e nem tenho vergonha, porque muitos colegas meus não estudam por causa

disso, de ter que depender. Eu já acho que isso faz parte do mundo e não adianta. Então eu sempre vou procurando alguém que vá me preenchendo algumas lacunas.

4.3.2. As primeiras experiências como docente

Iniciar a carreira docente é um momento bastante conflitante para os professores. Essa etapa na profissão está recheada de medos, inseguranças, dúvidas e incertezas. Há algum tempo já vêm sendo desenvolvidos “estudos empíricos sobre a escolha da carreira docente e vários outros que tratam dos 2-3 primeiros anos de ensino”. (HUBERMAN, 1992, p.39)

Muitas questões me levaram a querer discutir a carreira docente, desde minha conclusão do curso de graduação em pedagogia até o momento presente. Sendo assim, ao estudar o processo de vida da Solange e de constituição de sua profissão como docente, estou aqui também me relatando, falando do meu ser que é uma professora.

Para estudar o ser professora e sua constituição profissional, procurei estar atenta às relações que estão presentes como a preocupação comigo mesma e com os outros, buscando assim um entendimento do ser no mundo. Desta forma, procurei aguçar minha escuta ao mesmo tempo em que observava minhas reações frente ao que a Solange vivenciou como professora universitária nas suas primeiras experiências. A partir do que emerge entre o que fala e o que escuta é que surge a intersubjetividade. “A pluralidade da intersubjetividade requer a comunicação, e a troca. O pensar nas coisas sempre ligado ao pensamento do que o outro pensa.” (LAFER, 2003, p.24).

Entre o mestrado e o doutorado, Solange parou um ano e ficou trabalhando já como professora na universidade, dando início a sua carreira como docente no ensino superior e tendo que se constituir como professora, mostrando para o mundo suas possibilidades e exibindo com suas posturas toda a problemática que a cegueira pode causar perante as pessoas videntes.

Eu trabalhava na UNISC, eu tinha uma colega de mestrado e ela foi uma das pessoas que veio de Santa Maria para cá e não tinha condições de sobreviver porque não tinha nada, ela não ganhou bolsa, não aconteceu nada, aí eu comecei a pagá-la para trabalhar comigo. Ela era minha secretária na época. Porque infelizmente eu não ia dar conta de fazer oito disciplinas no mestrado e seguir o curso da história, isso é muito complicado para quem não tem recurso. Então o que ela fazia: nós líamos juntas os mesmos livros, porque servia para mim e para ela, isso foi uma vantagem. O que aconteceu é que quando nós estávamos no segundo ano do mestrado, ela enviou o currículo para a UNISC e fez uma seleção. Aí, quando eu defendi a minha dissertação no

outro ano, ela fez uma proposta. Falou com a coordenação que estavam precisando de um profissional com o meu perfil para trabalhar na educação especial. Só que tinha que ser uma professora de didática e orientação educacional. Como eu sou orientadora educacional também – como eu te falei, fiz várias habilitações dentro da pedagogia – então eu tenho muito campo dentro da Pedagogia. Eu comecei a trabalhar na UNISC já com duas disciplinas, didática e orientação educacional, isso antes do doutorado.

O trabalho como professora não era novo para Solange, que já tinha desde cedo tido a oportunidade de vivenciar a experiência de ensinar. Porém, novas perspectivas e possibilidades surgiram ao dar início a sua atividade na universidade. Começou já atuando em sala com turmas entre 30 e 40 alunos no curso de Pedagogia com Habilitação em Educação Especial.

O que pude perceber ao voltar minhas leituras para as questões relativas à formação docente e o início da carreira é que há pouco material produzido no Brasil. Os autores internacionais têm atribuído grande relevância à experiência pessoal e profissional dos docentes numa tentativa de ultrapassar a visão da formação apenas direcionada para o sistema educacional, fundamentando as suas convicções em três dimensões básicas – a pessoal, a profissional e a organizacional. Nesse sentido, NÓVOA (2002, p.56) apresenta esse aspecto como a *trilogia da formação contínua: produzir a vida, a profissão e a escola*.

Essa discussão centrada na formação que os professores recebem para atuar nos anos iniciais da profissão na literatura internacional é bastante presente em relação à formação de professores para atuar no ensino fundamental e médio, mas no caso deste estudo estou enfocando o professor universitário que para atuar deve ter formação em nível de mestrado e/ou doutorado.

Quando procedi com o levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da CAPES com a chamada “formação de professores universitários”, foi encontrado ao todo, entre teses e dissertações, cinco trabalhos, sendo que nenhum desses enfocava a formação e sim a prática desses professores. Apenas um desses trabalhos enfoca a trajetória profissional de professores universitários do curso de educação física e usa os estudos de Huberman para fazer a análise. Referente ao curso de Pedagogia, encontrei apenas um trabalho que enfoca a prática dos professores universitários, sem na verdade fazer uma relação com sua formação.

Partindo do pressuposto que através da prática, das experiências, se adquire as competências para lidar com o cotidiano ao exercer a profissão docente é que apresento a seguinte pro-

posição: é preciso compreender como os conflitos e as dificuldades no desenvolvimento das práticas podem ou não se converter em saberes para a aprendizagem da docência.

Solange vivenciou momentos conflitantes em suas primeiras experiências ao ensinar na universidade. HUBERMAN (1992, p.39), apresenta uma descrição de tendências, sobre o desenvolvimento da carreira docente, que permite identificar como se caracteriza *o ciclo de vida dos professores*. De acordo com os estudos apresentados por esse autor, o professor passa por uma fase de *sobrevivência e descoberta*, ao iniciar seu percurso profissional, que possibilita o confronto com o *novo* e a *exploração* de possibilidades de ação, avançando, gradativamente, para uma fase de *estabilização*, onde se inicia uma tomada maior de consciência do seu papel e responsabilidade. Este *ciclo*, conforme HUBERMAN (1992), não se constitui em etapas fixas e sim em tendências centrais, pois é um processo dinâmico e peculiar ao percurso pessoal de cada professor.

Sendo assim, para Solange, além do que os estudos apresentam, está presente na relação pessoal a questão da cegueira.

Eu tenho uma dinâmica que aplico em todas as minhas aulas: quando eu chego, conto a minha história acadêmica e depois mando que peguem uma folha de papel, e todo mundo se assusta. Eu digo que não precisam colocar o nome, só colocar aí vinte perguntas sobre cego ou cegueira que vocês gostariam de ter feito e não tiveram a oportunidade ou coragem de fazer, aí elas entram em pânico, elas entram em crise existencial. Eu digo não podem comentar com o colega, que abram a sua mente para o papel. Por que eu tenho que fazer isso? Porque nas minhas primeiras práticas na sala de aula eu era interrompida. Na primeira universidade que eu trabalhei foi assim: no segundo mês os alunos procuraram a coordenadora e disseram que eu não era aquela boazinha do primeiro dia de aula, eu era muito rigorosa, eu era muito exigente, e que eles achavam que eu era boazinha. E a coordenadora falou: – Mas quer dizer que o único argumento que vocês têm é que ela não é boazinha, mas vocês queriam uma professora boazinha? – Claro, professora, ela é deficiente!

Esse relato da Solange responde os questionamentos que apresento ao dar início a esta pesquisa: Sendo a Solange uma pessoa com cegueira, a diferença sensorial está imanente na sua constituição profissional? Até que ponto a cegueira influencia as relações que ela estabelece no seu mundo do trabalho e o reconhecimento de suas possibilidades pelos seus colegas e alunos?

Poderia salientar que a cegueira influencia as relações que a Solange estabelece com seus alunos e colegas, e que a diferença sensorial está imanente na sua constituição profissional. Mas também vale salientar que, perante esses aspectos, a cegueira não é o único fator que a Solange vivenciou.

Foi para uma professora que tinha sido minha colega de mestrado que as alunas reclamaram, e ela veio me contar. Eu disse: – Que bom que elas usaram essa expressão. Eu entrei na sala de aula e comecei a dar o conteúdo, e de repente, eu disse: – Gente, nós vamos parar por aqui e vamos fazer um trabalho diferente. Vamos pegar as cadeiras e sentar numa rodinha de amigos, como se fôssemos tomar chimarrão juntas. Aí eu comecei a descascar: – O que vocês estão pensando de uma pessoa com deficiência? Porque elas estavam na habilitação educação especial. Nesse círculo eu disse: – Bom, então vocês vão me dizer por que vocês pensam que eu deveria ser boazinha? Porque era um entendimento na cabecinha delas que toda a pessoa deficiente tinha que ser boazinha, maleável, condescendente e assim por diante. E, a partir daí, nós começamos a estudar sobre a questão da competência, o papel do professor, e eu entrei nas perguntas clássicas que te falei. Esse dia foi o único dia que elas não quiseram intervalo. Elas preferiram continuar até o final da aula porque a conversa estava boa. Nós falamos sobre tudo, desde o nascimento de uma criança, como as pessoas cegas namoram, falamos tudo. Também, terminando ali, eu disse: – Quem tiver outras perguntas, me procure em separado, porque a partir de hoje nós vamos desenvolver nosso conteúdo e eu espero que vocês me respeitem como professora porque eu vou respeitá-las como alunas e amigas. Só que daí eu continuei mais rigorosa ainda em todos os sentidos: na questão da frequência, porque elas viviam matando aula, e elas saíam escondidas, havia umas que jogavam bolinhas de papel umas nas outras. Eu tive que escolher uma monitora. Essa foi a turma mais difícil para mim até hoje, porque elas faziam coisas de propósito. Eu dizia para elas: – Vocês criticam o magistério o ensino e fazem isto! Elas faziam isso com outros professores também e foi depois das minhas aulas que elas melhoraram um pouco. Eu reclamava com a coordenadora porque elas eram alunas em véspera de formatura, a coordenadora dizia: – Mas Solange, os outros professores... – Mas comigo elas não vão fazer, eu não vou deixar.

Outro questionamento que apresentei e que se responde nas experiências da Solange é o seguinte: Terá ela as mesmas dificuldades que os professores que são videntes ou suas necessidades e dificuldades são maiores? Nesse aspecto, fica bem presente o quanto as dificuldades em relação à prática em sala de aula com alunas do curso de graduação para os professores videntes não são muito diferentes do que vivenciou a Solange. Porém o que também fica mui-

to presente em se tratando da cegueira é que ela pode determinar algumas relações que se estabelecem com os alunos e com os colegas de profissão.

Eu sou muito faladeira, extrovertida, já de natureza. Então eu acabo dominando, eu acabo falando sobre o assunto que me interessa, que me diz respeito e eu já tenho o hábito de contribuir por ser muito falante, isso já vem lá da minha infância. Eu percebo quem não está falando muito e acabo fazendo falar. Isso é um cacoete meu na sala de aula e com colegas mesmo da universidade. Quando tem um grupo de pessoas que não fala muito eu tento me aproximar. Eu me pergunto por que eles não falam muito, será que eles não se aproximam porque têm vergonha minha, ele acha que vai ficar cego se aproximando de mim? E às vezes é isso mesmo que eu estou falando, na maioria das vezes é por isso. Aí as pessoas dizem: — Pois é, eu tinha vergonha; eu achava que tu não ias gostar; que eu poderia fazer alguma pergunta que tu poderias ficar chateada comigo e tal; essas coisas que acontecem em todos os níveis. Não é porque o fulano é doutor que ele não tenha as suas..., esses medinhos bobos aí. Para eu te dizer, sobre uma aluna, foi o seguinte: na turma da universidade que trabalho atualmente eu tenho uma aluna que trabalha com cegos em uma sala de recursos e faz educação especial, é a pessoa que me cria problemas na surdina. Ela buscou a coordenação esses dias para dizer: — Eu quero que tu interfiras na aula da professora Solange porque ela está usando um texto que outro professor já usou. Aí a pessoa só ficou ouvindo e disse: — Que bom que ela está usando, então é sinal que vocês vão poder aprofundar o assunto. — Não, mas eu já sei de cor e salteado o texto. A coordenadora perguntou então para ela: — Mas o que aborda o texto, afinal? — Bom, sabe que agora eu não me lembro. — Mas tu não disseste que sabes décor e salteado o texto? Mas olha só o que essa aluna fez: ela foi falar do meu planejamento, da minha estratégia dentro de sala de aula, isso que ela lida com cegos e que eu saiba com outros professores ela ainda não fez. O que eu estou te dizendo assim, é que eu poderia esperar menos dela esse tipo de atitude. Eu sempre estou lidando com esse tipo de preconceito.

Um estudo bastante relevante para esta discussão é o realizado por MARIANO (2005) que se intitula “*Aprendendo a ser professor no início da carreira: um olhar a partir da ANPEd*”. O autor apresenta nesse estudo um levantamento sobre trabalhos apresentados nas reuniões da ANPEd e no ENDIPE com um recorte equivalente a dez anos, em que encontrou ao todo 26 trabalhos, sendo 5 na ANPEd e 21 no ENDIPE.

MARIANO (2005, p.2), em seu estudo apresenta que para os professores em início de carreira aparece como aspecto recorrente a “dificuldade no manejo da classe tanto no que diz

respeito ao trato com os alunos quanto no que se refere à postura do professor em sua prática”. Um dos trabalhos apresentado na ANPEd, argumenta acerca da dificuldade do professor na relação com o aluno, o conteúdo escolar e a sociedade. “No que diz respeito à postura do professor, há a dificuldade em aliar a postura idealizada com a realizada. O professor não consegue conciliar o ser bonzinho e o ser rigoroso.”

Referente a essa discussão está a questão da autoridade do professor. Qual é a relação que sua formação pode ter com a autoridade que lhe é conferida pelos alunos e colegas de trabalho? Nesse sentido, ao falar sobre a crise permanente que vive a educação na América, Hannah ARENDT (2002) relaciona a responsabilidade que o professor tem pelo mundo.

Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade. A autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa. Embora certa qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo.

(ARENDR, 2002, p.239)

Em se tratando do professor universitário, essa responsabilidade pelo mundo se volta para a forma como vai se colocar frente ao conhecimento, pois é preciso ter claro que essa área de ensino lida com adultos e adultos em formação para atuar no mundo. Quero aqui indicar de forma bastante ousada que os professores irão adquirir essa autoridade e responsabilidade pelo mundo através da formação, mas principalmente através da experiência, à medida que vão se constituindo como profissionais e aprendendo a lidar com seus momentos de crise e dificuldade.

Mais uma vez fica bastante claro o quanto são importantes os estudos; e, mais que estudos, encaminhamentos referentes ao ingresso na carreira docente. Esse problema no Brasil se acentua bastante no caso dos professores em início de carreira, para o qual não se prevê nenhum tipo de transição até que adquira autonomia no seu trabalho. O número de pesquisas encontradas confirma isso, embora seja uma fase importante do processo de aprender a ser professor, o início da carreira não tem sido muito investigado pelos pesquisadores brasileiros. De fato, em relação ao número total, os estudos sobre o início da docência correspondem a 0,5%. (LIMA, 2004).

Considerando o valor que a experiência tem na constituição do professor ao aprender no cotidiano e através da troca com o outro, no enfrentamento de situações, resolvendo proble-

mas e dificuldades, avaliando e reavaliando as formas de proceder e de perceber – é que estão colocadas as questões do preparo que os estudantes de educação. E, no caso dos professores universitários, estudantes de pós-graduação *stritu sensu* estão recebendo para poder lidar com toda essa complexidade que se apresenta no início de sua trajetória profissional. Se considerar que os professores ao chegar à escola/universidade encontram uma série de normas e valores dos quais devem dar conta, fica claro o quanto existe uma lacuna a ser preenchida em termos de pesquisas que possam apontar para o suprimento dessa necessidade através da formação recebida.

Direcionando o olhar à formação do professor universitário, o que os cursos de pós-graduação colocam para seus estudantes está centrado no desenvolvimento de habilidades para a pesquisa e a docência no ensino superior. Desta forma, quero apontar aqui que não pretendo com o presente estudo aprofundar a discussão acerca da formação dos professores universitários e nem o ingresso na carreira docente dos profissionais dessa área de ensino, mas sim apontar possibilidades futuras de investigações referentes a essa área de atuação.

Procurando ultrapassar essa idéia de formação inicial e continuada, que no caso dos professores universitários não corresponde à formação recebida nos cursos de pós-graduação, encontrei os estudos de GARCIA (1995) que aponta para essa necessidade de ultrapassar um conceito unívoco em relação à formação de professores. Segundo o autor, é preciso prestar mais atenção ao conceito de *desenvolvimento profissional dos professores*. Nesse sentido, a formação tem uma conotação de evolução e de continuidade que supera a justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento.

Um primeiro aspecto que nos parece conveniente destacar é a necessidade de conceber a formação de professores como um *continuum*. Apesar de ser composto por fases claramente diferenciadas do ponto de vista curricular, a formação de professores é um processo que tem de manter alguns princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, independentes de nível de formação em causa.

(GARCIA, 1995, p.54)

4.4. Mulher e professora

Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito.

Isak Dinesen

No exercício da fala é que constituímos a pluralidade humana, que é a condição básica da ação e do discurso. A pluralidade humana tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. “Se não fossem iguais os homens seriam incapazes de compreenderem-se entre si. (...) Se não fossem diferentes (...) os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender.” (ARENDR, 2005, p.188).

Somos seres singulares contribuindo para a pluralidade do mundo através da nossa existência. A condição de singularidade é o que permite aos homens distinguir-se e não apenas permanecerem diferentes. Solange cultivou a vontade de ser professora desde cedo e partiu em busca dessa vontade. Quer contribuir com sua singularidade de ser uma mulher que tem a experiência da cegueira, para que as pessoas possam compreender melhor a cegueira. Partindo disso é que ela nutriu e nutre até hoje, através de suas ações e do seu discurso, expectativas em torno do ser professora.

Que eu poderia contribuir tranquilamente com aquelas pessoas que gostariam de entender um pouco mais a questão da deficiência visual. Que eu teria condições de estudar mais, e de ensinar alguém e dizer: – Olha, para nós as coisas podem ser construídas assim e assim; isso serve, isto não serve. Isso é importante, de que forma os futuros professores poderiam contribuir no nosso desenvolvimento. Até pelas observações que eu fazia do exercício do magistério de alguns professores meus do Santa Luzia eu aprendi o que poderia ser feito e o que não deveria jamais ser feito com uma pessoa cega.

Com sua história de vida, Solange pode contribuir para a vida de outras pessoas com a mesma condição de existência que ela. Desta forma, através da profissão encontrou uma maneira de contribuir não só com as pessoas com cegueira, mas também com as pessoas que virão a trabalhar com estas. Formar os futuros professores e poder causar uma mudança que tenha um alcance maior.

O que pude perceber ao conduzir este estudo e na minha trajetória profissional é que constituir-se professora não é um caminho fácil, é uma profissão que tem muitos aspectos envolvidos. Até mesmo do ponto de vista de reconhecimento social. Já vai longe o tempo em que os professores tinham um lugar reconhecido na história da humanidade. Porém sabe-se que todos os homens vivendo na nossa sociedade ocidental passam pela escola, e passam um longo tempo de suas vidas envolvidos com a educação.

Hannah ARENDR (2002) coloca que à educação cabe a responsabilidade pelo mundo no qual vivemos e os professores frente a seus alunos devem ser representantes desse mundo.

Embora possam desejar que ele seja diferente do que é, essa responsabilidade está implícita ao professor.

Assumir uma responsabilidade frente ao mundo para Solange é poder atuar na mudança de visão em relação à cegueira e para isso atuar na formação dos futuros professores. Logo que terminou o mestrado, foi trabalhar na universidade como professora no curso de pedagogia. Atuava em duas disciplinas na área de educação especial: didática e orientação educacional. A partir desse momento iniciaram vivências que foram se constituindo e fazendo parte da sua formação.

A cegueira é uma experiência que marca as relações que se estabelecem na trajetória profissional e pessoal e pode ser determinante em alguns aspectos na vida das pessoas que têm essa experiência. Ser uma mulher e professora e ter a experiência da cegueira são aspectos que influenciam na condução da vida da Solange e nas suas relações.

Eu encontro mais dificuldade de convívio, muito mais com as outras mulheres do que com homens, eu estou falando num nível profissional. No nível sexual a tendência do homem de visão normal é de sempre me achar assexuada, a grande maioria é assim, esse é o pensamento. Tanto é que o número de pessoas cegas, principalmente mulheres, casadas com homens videntes, é pequeno. É mais comum o homem cego ser casado com mulheres videntes. Eu fui casada com marido cego. Claro que tem uma explicação, os homens em geral buscam na mulher uma proteção materna, eles querem aquela pessoa que limpe, que cozinhe, que faça tudo para eles poderem se preocupar com outras coisas, em regra é isso. Essa divisão de papéis eles não acreditam que a mulher cega tenha capacidade de desempenhar, principalmente de administrar uma casa, de cozinhar, de limpar, de procriar, isso e aquilo. Eu não falo nem na relação sexual, porque é para isso só que eles buscam muitas vezes as mulheres cegas, sem aquele compromisso, sem aquela intenção. Eu estou falando isso no sentido de gênero, até pelo papel que a mulher desempenha como a organizadora do lar. Então a gente ouve: – que lindinha, que gostosa, é pena que seja ceguinha. É muito comum, isso nós comentamos entre as pessoas cegas. Nós sabemos de muitos colegas cegos, rapazes que jamais se casariam com uma mulher cega, até por essas outras questões internas de cada um. Eu tenho a impressão que na minha adolescência eu deveria ter vergonha de usar bengala, eu não lembro muito disso, mas eu acredito que sim. Chiqueríssima andando de mini-saia, cabelos longos e de bengala, eu ouvia: - Ah, que bonitinha, pobrezinha, ceguinha. Eu pensava: ah, se eu não fosse cega, era um namorado que eu poderia conseguir, de repente era uma possibilidade.

A questão do gênero, neste caso, está relacionada com a cegueira e pode ser determinante na forma como se estabelecem as relações no campo pessoal como mulher, com cegueira, independente, e que está buscando um lugar. Tentando com sua condição de diferença sentir-se em casa neste mundo. Porém nem sempre é fácil conviver e aceitar a forma como se estabelecem as relações.

Mas eu vejo a resistência que o homem tem, ele até pode apresentar a tendência de me cantar ou aquele indício de querer ter alguma coisa, mas não há um desfecho. Eu já tive vários namorados videntes, pessoas que enxergam, mas por alguma razão não deu certo. Não chegaria a um casamento só porque o outro enxerga. Agora, eu tenho amigas cegas que se juntaram com pessoas que enxergam mais pelo conforto de que o outro enxerga; não pelo que fecha, não pelo que gosta, essas coisas todas. O que eu não faria, entendeu?

Pude perceber que ser mulher com cegueira, marcou as experiências da Solange em relação a seus parceiros. As pessoas com cegueira, em suas atividades de vida cotidiana e da profissão geralmente precisam estar provando sua capacidade mais que qualquer outra pessoa, pois são comumente desacreditadas por seus pares, e isso fica bem presente através dos relatos da Solange. Mas isso é algo que com o tempo e com o convívio vai sendo superado ou, melhor dizendo, amenizado.

Porque nós só nos estabelecemos conseguindo provar que somos um pouquinho mais do que a média deles, no caso os outros professores. Eu não posso ser igual aos meus colegas senão eu sou menos valorizada. Infelizmente nós temos que trabalhar um pouquinho mais, eu não sou mais inteligente que ninguém, mas eu tenho que mostrar concretamente alguma coisa que eu posso mais, pela questão do preconceito, pela questão da valorização, pela questão da disputa e uma série de outras coisas. E porque nós temos que estar provando, a todo o momento, que somos capazes. Então eu sempre digo assim: – Não te preocupa em dizer que tu és capaz, te preocupa em fazer e mostrar que tu és capaz. Eu deixo na surdina, eu deixo isso por detrás. Porque as limitações que nós tivermos serão vistas não como uma limitação igual a dos outros.

As pessoas com cegueira em vários momentos e em diferentes espaços, vivenciam a questão do preconceito, mesmo frente a sua profissão. Dentro da universidade como uma profissional, Solange enfrenta situações onde fica claro a dificuldade que as pessoas têm de conviver com a diferença. Conforme registra GOFFMAN (1982), as pessoas que têm um estigma visível, suas possibilidades de convívio já acarretam uma interferência na interação quando o

estigma é imediatamente perceptível. Desta forma, através do estigma acaba se determinando as reações do outro que não têm um conhecimento mais íntimo desse indivíduo.

Eu sempre estou lidando com esse tipo de preconceito, porque eu não paro estou sempre circulando, vou almoçar, vou a um hotel, eu tenho uma vida normal. No primeiro dia em que eu fui para uma das universidades em que eu trabalho atualmente, precisei dormir lá e fui ao hotel. Não quiseram me aceitar por causa do cachorro e um dos donos do hotel é aluno da universidade. Aí a coordenadora disse para eu falar com ele à noite. Nós nos encontramos no corredor e a discussão começou ali mesmo. Ele disse que no hotel dele eu não entraria, e eu falei que ia entrar sim, que ele poderia me esperar nem que eu fosse com a polícia, mas eu iria entrar. Saí e não dei mais conversa. Mas ele começou a argumentar e a me oferecer uma cabana, porque ele queria me colocar em uma cabana afastada dos outros hóspedes. Porque ele alegava que iria perder hóspedes por minha causa. E eu gosto desses desafios, aí eu disse que não queria uma cabana, eu queria o quarto que é um direito que eu tenho. Quando eu falei que ia lá com a polícia, ele então disse que tudo bem e ligou para o hotel na minha frente e reservou o quarto. Claro que foi o pior quarto que já dormi, o chuveiro estava frio, mas eu não reclamei nada disso, eu entrei, e provei para ele que eu entrava. Hoje todo mundo quer que eu vá à sua casa: — Ah, professora, a minha mãe quer que a senhora vá lá em casa. E na prefeitura já sabem que tem uma professora que é cega, que anda com um cão, que viaja de ônibus; e está o prefeito lá querendo que eu dê palestra. Só que, ao contrário de muitos cegos, eu não dou projeção para isso.

Nesse sentido, ao escutar esse relato da Solange sinto confirmada uma das proposições que apresento no trabalho e que me motivaram para esse estudo de sua vida: que no convívio com as pessoas que têm uma diferença é que se aprende a lidar com as situações cotidianas que esse convívio apresenta. Referindo-se à vida cotidiana de uma pessoa com cegueira, Goffman coloca que:

aqueles que têm um estigma corporal contam que, dentro de certos limites, as pessoas normais com as quais têm uma relação freqüente aos poucos chegarão a ser menos evasivas em relação à sua incapacidade, de tal maneira que algo semelhante a uma rotina diária de normalização pode-se desenvolver.

(GOFFMAN, 1982, p.62)

Solange em seu trabalho na universidade em relação a seus colegas, alunas e as exigências do trabalho, precisou aprender a depender do outro para fazer suas aulas e buscar o mate-

rial que necessita. Também precisa estar sempre se preparando para lidar com os desafios diários que sua condição lhe coloca.

Tu vais me perguntar como é que eu preparo uma aula? Eu tenho que fazer um estudo, um levantamento bibliográfico, então eu tenho que sair correndo e depender dos outros para fazer. Porque eu não tenho autonomia para pegar um livro ainda, retirar e ficar lendo na biblioteca para ver se vale a pena eu utilizar. Muitos livros que eu peguei, que trouxe para casa, até eu escanear, a pessoa que me assessora ler para mim, isso leva um bom tempo.

Constituir-se um profissional e um bom profissional é tarefa difícil no momento atual: A competição e a grande importância que se coloca atualmente sobre o trabalho têm influenciado enormemente a humanidade, causando mudanças de hábito e uma série de enfermidades advindas disso. Para ARENDT (2005, p.15) o trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, não está relacionado a qualquer ambiente natural. A condição humana do trabalho é a mundanidade. Trabalhar entre as pessoas videntes, para Solange, é ter que provar sua capacidade a todo o instante e também saber lidar com todo o tipo de situação.

A minha limitação visual é um verdadeiro desafio. A todo o momento que eu acordo, que eu durmo, ela sempre é um desafio. Então quando eu me deparo com meu grupo de alunos, de professores colegas, no início eram mais “interrogantes” as situações entre eu e o grupo. Por exemplo: quando vou fazer uma aula expositiva eu tenho que usar eu mesma, pois não posso escrever palavras-chave no quadro, eu sempre me preocupo com o estímulo visual para os que enxergam, porque eu sou única no grupo, eu sou a única que não enxerga, eu dou aula para pessoas que enxergam. Então essa minha limitação está sempre me colocando em alerta para que eu mantenha num nível satisfatório o grupo na mão, mas de vez em quando eu perco. Porque daí todo mundo fala, todo mundo grita. Os outros professores dizem: – Mas, Solange, é com todo mundo assim. Mas eu não uso recursos como transparências, que a moda agora é usar recursos, eu tenho que me preparar muito, tenho que ter muito domínio de conteúdo, eu tenho turmas de quase cinquenta alunos na universidade estadual. Então eu sei, tenho que estar além do texto que vou trabalhar com elas, me colocar, trabalhar bem isso na minha cabeça. Tudo isso eu faço! Elas ficam impressionadas. Ontem mesmo uma me disse: – Solange, tu sabes que a nossa turma, tu podes até pensar que não te dêem bola, mas quando chega na terça e na quinta, todo mundo diz que hoje tem aula. Isso me deixou muito feliz, porque elas apontaram como dois pontos negativos meus: primeiro, que eu faço chamada três vezes e, segundo, que eu dou aula. Veja que pontos negativos eles apontam, que eu faço a chamada, que eu mantenho

o controle do grupo e que ao mesmo tempo eu dou aula. Isso para mim foi uma leitura muito boa da minha pessoa, eu sou assim mesmo. Em síntese, a minha deficiência é um desafio e, eu estou sempre me preparando para que ela não venha contribuir negativamente, ou melhor, que ela não venha atrapalhar o meu trabalho. Ela pode interferir, mas eu procuro que ela não atrapalhe.

Na sua vida, nem sempre foi fácil driblar as situações onde o preconceito e o descrédito em relação à sua pessoa foram manifestados. Mas a vida, o tempo e a experiência ensinam a saber se movimentar melhor.

É doloroso, vamos dizer assim, lidar com relações de preconceitos, quando não se têm instrumentais internos para conviver e administrar bem essas situações. Então, até um determinado ponto – por exemplo, na adolescência – todos os preconceitos assim eram muito fortes. Às vezes eu não tinha elementos para driblar. Eu não tinha construções internas necessárias para suportar. Muitas vezes eu chorei; muitas vezes eu me desanimei de prosseguir; mas hoje eu já tenho estruturas bem estabelecidas que me permitam suportar. Porque eles fazem parte da vida humana, os preconceitos, eu também sou preconceituosa. Então eu aceito hoje, entendo e trabalho melhor com isso. E a relação de ajuda, como eu partilho da idéia de que eu não vivo de outra forma senão com o outro, essa relação é recíproca, assim como eu sou ajudada eu ajudo muito também.

Aprendeu a lidar com as manifestações através da vivência, quando no discurso e na ação de seus colegas ficava claro o pensamento em relação a sua situação de cegueira, pois os atributos do discurso e da ação vêm à tona através do convívio com o outro.

Eles não verbalizam, mas eu percebo, nos discursos e nas atitudes. Principalmente de colegas que não me acompanharam durante a minha trajetória, até porque eu não estou dentro da UFRGS, eu estou em outras instituições. Em outras instituições, quando aparece uma professora cega eles se surpreendem sim. E aí, cada coisa que eu faço de trabalho eu escuto: – Ai, mas que maravilha, como tu és capaz! Se alguém faz esse discurso é porque ele achava que tu não eras capaz, só que as pessoas não se dão conta do que falam. Eu analiso muito, para mim o que a pessoa fala é muito mais importante porque ela verbaliza o que está por detrás de tudo. Mas se eu disser assim: – Ah! Quer dizer então que tu não achavas que eu era capaz? – Não, não foi isso que eu quis dizer. Mas claro que foi isso que ela quis dizer sim, só que daí ela se atrapalha porque percebe o furo que deu.

Com este estudo percebi em certos momentos que é bastante difícil aceitar as situações de dificuldade que a vida apresenta. Porém, ao aprender a lidar com elas, é possível ir significando nossa história e nos tornando sujeito dela.

Ninguém é o autor da sua própria vida, mas sim seu sujeito – na dupla acepção da palavra. Toda vida humana, compreendida entre o nascimento e a morte, constitui uma história, que se insere na História – livro de muitos atores e narradores, mas sem autores tangíveis.

(ARENDR, 2003, p.235)

Uma das etapas da história da nossa vida está voltada à busca por reconhecimento, e isso está relacionado com os esforços que se faz para encontrar um lugar no mundo. Mas essa busca pelo reconhecimento diz respeito à presença do outro na minha vida. A existência de cada um está implicada na existência do outro.

(...) sempre acreditei que ninguém pode conhecer-se a si mesmo, porque ninguém *aparece* para si do modo como parece para os outros; somente o pobre Narciso deixa-se iludir por sua imagem refletida, fixando-se para sempre no amor por uma miragem.

(ARENDR, 2002, p.172)

Por isso, para Solange, o convívio com seus pares é importante, pois demonstra como se estabelecem as relações com as pessoas que têm uma diferença e como isso pode ser lapidado no convívio.

As relações com os meus colegas vão se construindo. Primeiro, eu sou uma personagem intocável, e depois, quando elas começam a conviver, a conversar, elas se aproximam de forma mais delicada. E à medida que elas vão convivendo comigo, aí elas vão se dando conta que eu sou normal que nem elas. Que eu tenho problemas, que eu tenho rotinas, que eu tenho gostos, que eu tenho as minhas preferências, e assim por diante. Claro que, assim como eu uso o cão guia agora, muitas se aproximam pelo cão também. Então o cão funciona muito mais como um elemento facilitador do que uma bengala, então isso representa muito.

E, assim, Solange vem construindo sua carreira e significando sua vida através do reconhecimento de suas capacidades e verdades, que vão sendo lapidadas no convívio intenso com seus pares.

No palco que é o mundo sempre aparecemos e somos reconhecidos de acordo com os papéis que nossas profissões nos conferem (...) as máscaras ou os papéis que o mundo nos

atribui, e que devemos aceitar até mesmo para chegar a tomar parte do espetáculo do mundo são intercambiáveis.

(ARENDR, 2002, p.176)

4.5. Compreensão e cegueira

A cegueira não foi para mim uma desgraça total, não deve ser vista de modo patético. Deve ser vista como um modo de vida: é um dos estilos de vida dos homens.

Jorge Luis Borges

Os seres humanos são condicionados, pois tudo com o que entram em contato torna-se uma condição de sua existência. “A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem” (ARENDR, 2005, p.17). Pois além do que foi dado pela vida, os homens criam as suas próprias condições, que também possuem a mesma força condicionante.

A cegueira é uma condição de vida para quem a possui. Porém, a concepção do que seja a cegueira não está dada pela natureza, pelas coisas naturais, como temos a tendência em acreditar. Na verdade, a forma como é concebida a cegueira é o resultado do que os homens criam constantemente na teia de suas relações e que envolve a subjetividade humana. Nessa teia está presente o discurso e a ação determinando as relações estabelecidas com o outro e com o mundo.

A existência de cada um está implicada na existência do outro, porque eu acredito muito na questão social, a gente se constrói no convívio, na troca com o outro. Só que nós pecamos é na idealização do outro, ou seja, o que as pessoas querem que um cego seja? Bonitinho e simpático, que eu possa sentar no colo dele e que ele não se excite; que ele seja um assexuado, que eu possa beijar e abraçar e tudo isso. Que eu possa ser aluna da Solange, mas que ela seja maravilhosa, e que me dê sempre o melhor conceito. Eu já passei por todas essas situações. Isso é muito importante, não idealizar as pessoas, porque nós criamos um estereótipo daquele sujeito e queremos que ele seja assim.

O discurso e a ação são a forma como os seres se mostram uns aos outros. É através da fala que são externalizadas as crenças em verdades que nem sempre decorrem de uma com-

preensão verdadeira de uma determinada condição – como no caso do que seja “não ver”. É comum assistir na sociedade voltada a padrões estabelecidos de certo e errado, definições do que seja a ausência do sentido da visão que estão distanciadas da realidade vivenciada por essas pessoas.

A minha vida toda sempre me locomovi andando sozinha com uma bengala, desde que eu saí do Instituto Santa Luzia. Mas eu aprendi muito mais andando sozinha na rua do que em algum curso. É assim que a gente aprende, entrando nos lugares errados, errando as portas. Eu sempre carreguei muitos livros, sempre tive meu material em Braille. Sempre carreguei mochila, bengala e guarda-chuva, e utilizei muito transporte urbano: ônibus, metrô. Eu uso transporte público para ir para as aulas normalmente quem me vê, em geral, todo mundo me considera como aluna, o senso comum nunca pensa que é possível uma professora ser cega e andar de ônibus. Porque ser professor de universidade tem status, normalmente os professores andam de carro, então quando eu digo no metrô que eu trabalho na universidade as pessoas nunca perguntam: ah tu és professora? Não! Normalmente o pessoal pensa que eu estudo nas universidades. A conversa é assim: Eu estou indo para tal universidade trabalhar. – Ah, a senhora é telefonista? É que já viram cego telefonista, então acham que todo cego é telefonista. – Não, eu não sou telefonista, eu sou professora. – Professora! Isso surpreende as pessoas, quando digo que eu sou professora.

Escrever e ouvir sobre a vida da Solange me possibilitou trazer à tona verdades sobre o que seja não ver para uma pessoa que tem a experiência com a cegueira. A compreensão é o que possibilita essa busca de sentido do que é não ver para os videntes. A compreensão, define ARENDT (2002, p.39), é uma atividade interminável que se inicia com o nascimento e termina com a morte, é a maneira especificamente humana de estar vivo. É através da compreensão que “aprendemos a lidar com a realidade e nos reconciliamos com ela tentando nos sentir em casa no mundo”.

Sendo um processo complexo, a compreensão distinguiu-se da informação correta do conhecimento científico, jamais produzindo resultados inequívocos. O resultado da compreensão é o resultado do que é produzido em nossas vidas, em nosso próprio processo de viver, à medida que se tenta reconciliar com o que se faz e com o que se sofre. É desta forma que Solange tem vivido e mostrado ao mundo como é possível uma pessoa com cegueira conquistar seu espaço profissional, seu reconhecimento dentro de suas possibilidades.

Seus pais não tiveram a “ansiedade” e a vontade de saber o motivo de sua cegueira e dos seus irmãos, mas também através disso possibilitaram que ela própria buscasse seus significa-

dos e as respostas que necessitava para construir sua existência. Com certeza, não ter um “diagnóstico” determinado sobre a cegueira, que muitas vezes é taxativo, abriu uma porta à liberdade para Solange construir sua singularidade a partir de vivências que ela própria estabeleceu.

Nesse sentido é que uma vida privada pode servir de exemplo para que se pense em possibilidades para outros seres. As vivências íntimas e que decorrem do que é privado para os seres, podem se tornar públicas através da narração de histórias, que comunica aos homens as experiências individuais. Segundo ARENDT (2003, p.8) o domínio público é aquele espaço que, quando não está obscurecido, tem a função de iluminar a conduta humana, permitindo a cada um mostrar, para o melhor e para o pior, através de palavras e ações, quem é e do que é capaz.

Solange não tem a intenção de que suas vivências sejam encaradas como um grande e nem como o melhor exemplo. Quer mostrar através de ações e do seu discurso como professora, que é possível ver a cegueira como uma forma de vida, e que essa forma possibilita que as pessoas possam construir sua história.

Eu trabalhava com um grupo outro dia e dizia para elas: – Quando vocês pensam numa pessoa cega, o que vocês imaginam? – Ah, uma pessoa frágil, que tem medo. Eles acham que eu tenho que ter medo de tudo. Quando eu digo que eu moro sozinha, ninguém acredita: – Mas que horror, tu não tens medo? – Não, não tenho. Mas eu sei que o medo está muito mais ligado a minha cegueira, porque eles acham que eu não posso ter a coragem de administrar a minha vida.

É comum, na vida de Solange, se deparar com situações em que fica clara a forma como as pessoas vêem e projetam expectativas em relação a sua condição de cegueira. Porém pude perceber, através das suas experiências, que é preciso lutar e mostrar determinação frente aos desafios, esse tipo de conduta sempre foi algo que a instigou bastante. Claro que devido a isso nutriu muitas inimizades e desafetos, por parte das outras pessoas com cegueira e até dos videntes que trabalham com cegueira e nem sempre estão preparados para ouvir a realidade nua e crua que uma pessoa sincera e que não tem receio de falar, como no caso da Solange, tem a dizer.

Às vezes tu tens um chefe, um coordenador de um outro curso que até faz uma fala bem mais organizada que os teus próprios colegas em relação a tua pessoa. Que nem me conhecem tanto, mas tem outras leituras de vida. Porque não vai ser no banco da universidade e nem na decoreba de muitas teorias que as pessoas vão entender o ou-

tro, pode ter certeza disso. Na rua eu encontro pessoas que conseguem lidar muito melhor com essas questões de cegueira e surdez do que pessoas teóricas que eu acompanho na universidade. Por quê? Eles só lidam com esse fenômeno dentro da academia. Passou da academia, os cegos continuam esmoleiros.

Para construir sua carreira profissional, que passa pela idéia do que seja a cegueira para as outras pessoas, Solange tem buscado alternativas que possibilitem enfrentar as dificuldades abordando o que a pessoa com cegueira pode fazer e como pode levar uma vida normal. Se é que alguém tem uma vida “normal” ou, como diz o compositor Caetano Veloso: “de perto ninguém é normal”.

Eu tenho uma dinâmica que aplico em todas as minhas aulas: quando eu chego, eu conto a minha história acadêmica. Depois eu digo: peguem uma folha de papel, não precisam colocar o nome, só coloquem aí vinte perguntas sobre cego ou cegueira que vocês gostariam de ter feito e não tiveram a oportunidade ou coragem de fazer. Depois de cinco minutos eu pergunto: – Aí escreveram? Elas respondem: – Eu não estou nem na primeira. – Como tu não tens nenhuma coisa para me perguntar? Vocês podem perguntar abertamente passando por sexo, drogas e rock and roll. Elas dão risada, porque é só o que elas querem saber, as curiosidades. Aí, quando um começa, é aquela avalanche. Aí eles começam a perguntar tudo que tu possas imaginar. Ficam rodando em volta até chegar ao ponto, assim: se eu transo, como é o namoro, como é que é não sei o quê. Isso aí, eles entram num orgasmo mental porque é tudo o que eles querem perguntar.

É preciso fazer o exercício da compreensão para entender esses acontecimentos. Segundo Hannah ARENDT (2002), só através da compreensão é possível se reconciliar com o mundo e então se sentir em casa. Do contrário, continuaria a sentir-se um estranho dentro do mundo. O resultado da compreensão é o significado do que é produzido no próprio processo de vida.

Em relação ao que seja não ver encontrei muitas definições que estão longe de ser resultados do processo de compreensão. É comum associar, por exemplo, cegueira à escuridão, como observa OLIVEIRA (2004) em seu artigo sobre cegueira e metáfora. Por motivos de analogia, encontrar um vínculo semântico entre cegueira e escuridão, enquanto ser ou estar cego não coincide necessariamente com o enegrecimento da visão. Para os videntes, que crêem nisso, essa metáfora torna-se praticamente universal, além de haver aí uma relação negativa do que seja não ver.

Borges, o grande poeta, ao falar sobre sua cegueira coloca que as pessoas imaginam o cego preso em um mundo negro, que para ele não faz sentido, pois a cor da qual sente saudades é o preto.

A mim, que tinha o costume de dormir em plena escuridão, durante muito tempo incomodou-me ter de dormir neste mundo de neblina, de neblina esverdeada ou azulada e vagamente luminosa que é o mundo cego. (...) O mundo cego não é a noite que as pessoas supõem.

(BORGES, 2000, p.311)

Assim, através dessa metáfora – cegueira e escuridão constituem-se a idéia de que ser cego é não ver, de que a cegueira representa a face negativa da visão. A definição de cegueira a partir da ótica de pessoas que têm a visão geralmente traz consigo a idéia de negação, de ausência de uma capacidade, de privação, para que essa pessoa possa se relacionar com o mundo de forma legítima, como nesse caso em que se concebe uma pessoa vivendo na escuridão.

Solange também não experimenta essa vivência de escuridão, ela possui um resíduo visual de 1% que lhe permite ver vultos e ter a percepção de luz. Além dessa metáfora da escuridão passar uma idéia negativa em relação à cegueira, aponta para uma limitação negativa. Segundo Borges, muitos cegos que foram pessoas ilustres souberam transformar essa condição de não ver em uma possibilidade, um instrumento.

Ser cego tem suas vantagens. Eu devo à sombra alguns dons: devo-lhe o anglo-saxão, meus parcos conhecimentos de islandês, o prazer de tantas linhas, de tantos versos, de tantos poemas, e de ter escrito outro livro, intitulado com certa falsidade, com jactância, *Elogio da Sombra*.

(BORGES, 2000, p.317)

É nesse sentido que aponto a cegueira como uma experiência perceptiva em contraposição a uma visão de cegueira como desvantagem. “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.6).

Através das experiências de vida de muitas pessoas com cegueira é possível perceber isso. Solange mostra que é capaz de realizar seu trabalho como professora e de construir sua vida de forma independente.

Na questão do ser professora e querer ser uma boa profissional, para isso eu tenho mais dificuldades que as outras pessoas que trabalham junto comigo, tenho que gas-

tar bem mais. Por quê? Porque eu tenho que ter uma secretária, tenho que comprar os meus livros, devido à falta de acesso e à falta de sensibilidade das editoras de fornecer para nós os livros digitais, porque eles alegam uma série de coisas. Então sou obrigada a comprar o livro impresso e pagar alguém ou eu mesma perder um tempo para escaneá-lo, quando na verdade eu deveria comprar, pagar o mesmo valor, mas ter o livro em formato digital. Isso é uma batalha que nós estamos enfrentando junto à câmara brasileira do livro e aos editores.

Ao narrar a história de vida da Solange, procurei estar atenta ao que ela indicaria e como se colocaria em relação a cegueira e sua concepção, pois ao ouvir o depoimento das pessoas que têm essa experiência em suas vidas é que será possível apontar caminhos e possibilidades de trabalhos para com essas pessoas. Como a própria Solange colocou quando questionei sobre as expectativas que construiu em torno do ser professora e a cegueira.

Ah! Que eu poderia contribuir tranquilamente com aquelas pessoas que gostariam de entender um pouco mais a questão da deficiência visual. Que eu teria condições de estudar mais, e ter condições de ensinar alguém e dizer: – Olha, para nós as coisas podem ser construídas assim e assim; isto serve, isso não serve. Isso é importante, de que forma os futuros professores poderiam contribuir no nosso desenvolvimento. Até pelas observações que eu fazia do exercício do magistério de alguns professores meus do Santa Luzia, eu aprendi o que poderia ser feito e o que não deveria jamais ser feito com uma pessoa cega.

Pude perceber que em relação à cegueira ainda existem muitos questionamentos, inclusive sobre sua definição. Existem definições em relação à acuidade visual e campo de visão. Mas esse tipo de definição não consegue atingir a forma como uma pessoa faz uso de seu resíduo visual ou até mesmo a forma como as pessoas que não têm resíduo algum se utilizam dos recursos próprios desenvolvidos por elas mesmas. Tudo isso é muito particular, mas sem dúvida interfere diretamente na relação que as pessoas estabelecem com sua condição de não ver.

LOWENFELD (1987), no artigo *What Is Blindness?*, coloca⁹ que, para responder a questão *o que é cegueira?*, dever-se-ia primeiro olhar para o que dizem aqueles que têm a experiência da cegueira, essas respostas são muito mais qualificadas para definir cegueira. Entre vários autores com cegueira que têm discutido essa questão existem dois que se destacam e que são apresentados pelo autor, os quais as posições parecem estar opostas. Esses autores são repre-

⁹ Tradução livre da autora.

sentantes de duas avaliações de cegueira que são amplamente aceitas entre as pessoas com cegueira.

O primeiro representante dessa definição de cegueira é Jacobus tenBroek. Ele descreve a cegueira como uma inconveniência, uma situação constrangedora às vezes, que incomoda. Mas o que apresenta como contribuição para a cegueira é que as pessoas com cegueira são mentalmente competentes, estáveis psicologicamente, socialmente adaptáveis e que as suas necessidades são acima de tudo aquelas das pessoas comuns, de homens e mulheres que são pegos em uma desvantagem física.

Por outro lado, são pessoas com cegueira que acham que a cegueira é um handicap – um defeito, uma desvantagem. Essas pessoas são representadas por Thomas D. Cutsforth que é um psicólogo social. Ele coloca que se supõe geralmente que a cegueira representa a mera falta ou a deficiência de um único sentido, mas que pelo contrário, ela muda e enormemente reorganiza toda a vida mental do indivíduo. Isso acontece porque o indivíduo cego precisa ficar mais maduro para aceitar a ele mesmo como é num mundo social.

O que difere em relação a esses autores é a ênfase na reorganização e na aceitação do indivíduo como ele é. Nesse estudo breve onde os autores que têm a experiência da cegueira estão apresentando a sua definição, a cegueira aparece como uma condição que necessita de uma adaptação, de uma reorganização, mas que não afeta a continuidade da existência desses indivíduos. Quem costuma apresentar a concepção de cegueira como um “desastre” são as pessoas que enxergam. Mas o que é realmente um desastre são essas concepções, é o fato das pessoas com cegueira terem que viver com essas definições. O que os autores colocam é que essas pessoas podem superar e dar a volta por cima das coisas erradas que falam sobre cegueira. “Deveríamos baixar as cortinas para sempre desse drama ficcional intitulado a tragédia da cegueira” (LOWENFELD, 1987, P.225).

Estudos como esse comprovam o que coloquei ao longo da pesquisa, demonstrando o quanto é importante que as pessoas que têm a experiência da cegueira em suas vidas falem sobre a definição de cegueira e as concepções do que seja não ver. Pois o que é possível perceber é que diferem bastante as concepções apresentadas pelas pessoas videntes das apresentadas pelas pessoas com cegueira. Outro fator é que se observar a vida de pessoas com cegueira é possível perceber é que não se encontra confirmação para muitas das definições que são apresentadas sobre a cegueira.

Problemas é o que eu mais tenho. Eu te diria assim: maior número de problemas em relação ao número de felicidade, só que tem um detalhe, o significado das coisas boas é tão intenso que supera as dificuldades. As dificuldades são cotidianas, do dia a dia que todo mundo tem: dificuldade familiar, falta de dinheiro, quero fazer dieta e não consigo, as gordinhas vão se encontrar no mesmo problema, então eu não sou diferente disso. Eu tenho as mesmas necessidades que as outras pessoas.

Desta forma, acredito e apresento aqui a cegueira como uma forma de ver o mundo, uma forma de ser e estar no mundo. Cada pessoa com cegueira é uma, e nessa diferença está constituída a singularidade. Confirmando essa idéia de que cegueira é uma forma de ser e estar no mundo, encontramos estudos que mostram que a questão de visão vai muito além do ato de ver com os olhos e que envolve todo um processo.

Conforme registra, o fotógrafo cego EVGEN BAVCAR (2002), que “o olhar físico que quer ver não é aquele olhar da verdade, pois a presença de um objeto só pode ser confirmada pelo toque físico”. As obras de Bavcar estão ilustrando este trabalho e mais uma vez confirmando através de sua arte e profissão que as pessoas com cegueira podem realizar as mais diversas atividades.

Oliver SACKS (1995, p.154) argumentou e comprovou, em um estudo de caso que intitulou *Ver e não ver*, que a visão não é algo inato ao homem; ao contrário, necessita de aprendizado. Cegos congênitos adultos, quando têm restaurada sua visão, precisam de experiência e aprendizado para que possam ver. O autor argumenta, ainda, que, além de problemas cognitivos, existem também problemas de identidade, pois essas pessoas se constituem como indivíduos cegos e o fazem dentro das possibilidades que lhe são apresentadas. Existe uma diferença entre bebês que estão aprendendo a ver e adultos que têm recobrada sua visão, pois o adulto não é psicológica e neurologicamente como um bebê, “já está comprometido com uma vida de experiências perceptivas”.

Por meio do estudo de pessoas cegas que tiveram sua visão restaurada, foi possível, para o neurologista, perceber que a questão de ver e não ver vai muito além do mero sentido da visão: a cegueira tem uma positividade própria, é uma das ordens do ser humano. O paciente de Oliver SACKS, personagem do conto *Ver e não ver*, que tinha como profissão massagista, relata que “ficava espantado ao ver os corpos e as peles que antes conhecera apenas pelo toque. Sentia um alívio, ao fazer massagens, quando fechava os olhos” (SACKS, 1995, p.156).

Mas então surgiram os problemas, os conflitos, de ver e não ver, de não ser capaz de criar um mundo visual e, ao mesmo tempo, ser obrigado a abrir mão do seu próprio mundo. Viu-

se entre dois mundos, exilado em ambos – um tormento ao qual não parecia ser possível escapar. Mas aí, paradoxalmente, veio uma libertação, na forma de uma segunda e derradeira cegueira – uma cegueira que ele recebeu como uma dádiva. Agora, por fim, a Virgil é permitido não ver, escapar do mundo ofuscante e atordoante da visão e do espaço, para retornar ao seu próprio e verdadeiro ser, o mundo íntimo e concentrado de todos os outros sentidos que havia sido seu lar por quase cinqüenta anos.

(SACKS, 1995, p.164)

Para Solange, a cegueira tem um significado de vida, uma forma de ser e estar no mundo. E essa forma lhe possibilita transitar com alegria por sua existência.

Bom, a cegueira para mim é um estado, é um estado diferente de vida. É um estado diferente de vida assim: que, a partir dela, eu precisei trilhar um caminho diferente daquelas pessoas que não a tem como companheira. E eu acabei fazendo dela uma companheira de 24 horas. Que ao mesmo tempo em que me dificulta o exercício de algumas coisas, me motiva e contribui para o exercício de outras. E eu procuro fazer, dessas outras, degraus, motivações, alicerces, para uma grande construção.

Nessa intensa relação com o mundo é que os seres constroem sua singularidade. Desta forma, também através de sua profissão as pessoas com cegueira podem confirmar suas possibilidades. Estão aí as pessoas com cegueira que são: massagista, fotógrafo, cantor, compositor, advogado, político, empresário, professor, jornalista, bibliotecário e todas as que mais tiverem e não foram aqui citadas, mostrando ao mundo que ter a cegueira em sua vida é uma possibilidade de ser e estar no mundo.

É através da compreensão como um ato interminável “que não pode produzir resultados finais, (...) que toda pessoa tem a possibilidade de reconciliar-se com o mundo onde nasceu como um estranho e no qual permanecerá sempre um estranho, em sua inconfundível singularidade” (ARENDDT, 2002, p.39). Como coloca o compositor, “Cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz” (Renato Teixeira).

Uma vida pode encerrar em si muitos significados, pode trazer consigo muitas verdades que aos olhos dos outros pode parecer compreensível. Porém, para compreender, conforme registra Hannah Arendt, é preciso ter clareza de que só a mera reflexão, ou o mero sentimento não basta: somente um “coração compreensivo” pode dar conta disso.

4.6. Razão e percepção

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.

Hannah Arendt

Toda a vida na Terra está permeada pelo viver conjunto dos seres humanos. A presença do outro em minha experiência é a relação que revela a minha forma de *ser e estar no mundo*.

Hannah Arendt sempre procurou ver o homem e sua relação com o mundo buscando, através da verdadeira compreensão, demonstrar como estamos todos procurando se sentir em casa neste mundo do qual fazemos parte.

Quando penso sobre viver no mundo e sobre sentir-se em casa, me reporto às pessoas que de alguma forma, devido a sua condição de vida, precisam estar se afirmando em relação à hostilidade deste mundo. Percebe-se que ainda se está frente a uma realidade que, apesar de ser antiga, está latente na condição humana dos tempos atuais.

De uma coisa eu estou certa, que é muito mais fácil escrever sobre o outro do que conviver com ele. Hoje, nas minhas experiências docentes, a exemplo das anteriores, as conversas a meu respeito, enquanto pessoa cega, docente e mulher, estiveram sempre presentes. Nas oportunidades em que me dirijo para ministrar aulas ou palestras, as situações se assemelham. Isso evidencia o quanto a falta de informação e a curiosidade ainda marcam presença no contexto educacional mesmo no interior da educação especial.

Solange relatou alguns episódios bastante significativos que demonstra o quanto ainda é preciso avançar em questões primordiais em relação às pessoas que têm uma diferença e sua atuação frente ao mundo, seja de forma pessoal, seja através de profissão.

A docência acadêmica exercida por pessoas com diferenças marcantes – como a etnia ou deficiências visíveis: cegueira, surdez, dificuldades motoras, etc. – costuma surpreender os/as professores ditos normais. Estes não previram a possibilidade de conviver com portadores de NEEs, e menos ainda a de ter estas pessoas como companheiras de profissão.

(SOUZA, 2002, p.16)

Perceber essas relações que se estabelece entre as pessoas videntes e as pessoas com cegueira, mesmo que não seja algo novo ainda causa bastante incômodo, pois ao querer contribuir nas situações adversas que envolvem descrédito em relação a essas pessoas, alguns ques-

tionamentos ficam presentes: Como estão sendo garantidos os direitos das pessoas com uma diferença? Como lidar frente às situações em que os seres humanos são fruto de preconceito e descrédito por seus semelhantes? O que a humanidade vem construindo em seu viver conjunto que assegure a convivência e o respeito à pluralidade humana?

Neste sentido, acredito que a contribuição de Hannah Arendt sobre as direitos humanos é profundamente pertinente e possibilita refletir sobre a situação das pessoas com diferença no mundo.

Os direitos humanos estão colocados como uma garantia de boas condições de vida na Terra, essas garantias devem possibilitar que todos tenham assegurada sua cidadania. Porém sabe-se que a situação de muitos povos e pessoas, apesar de constar em lei, não está assegurada. As pessoas que têm uma diferença enfrentam ainda hoje dificuldades para ter assegurada sua cidadania e o pleno desenvolvimento de suas vidas. A existência das leis não é garantia de cidadania.

Se eu precisar entrar com meu cão-guia em um lugar..., sempre me perguntam se eu nunca fui barrada ao entrar, eu já fui sim! Eu deixei de entrar quando realmente não me fazia falta, mas se eu precisasse entrar eu entrava. Sempre evitei travar grandes discussões quanto ao cão, eu explico “olha, o cão não morde, não é feroz”, eu tenho direito e pronto e faço o que tenho que fazer. Esse papel da vitimação eu não assumo, pelo contrário, eu sou briguenta e entro na marra. Porque quem conhece seus direitos não briga, quem conhece argumenta. A autoridade policial é a última arma que eu utilizo, na verdade nunca precisei utilizar, mas tenho colegas que já precisaram.

Esse relato da Solange, como muitos outros que foram apresentados aqui, demonstra o quanto os direitos que estão colocados em leis não são garantias de um viver melhor. A função dos direitos humanos, que é garantir uma vida digna para os seres humanos, não aconteceu. Hoje ainda se vivenciam situações em que os seres humanos não têm garantida sua cidadania.

Hannah Arendt, como registra LAFER (2003, p.114), concluiu através da experiência histórica que a “cidadania é o direito a ter direitos”. A igualdade em dignidade e direito dos seres humanos é um construído da convivência coletiva, que requer o acesso a um espaço público comum. É nesse sentido que coloco aqui uma possibilidade de reflexão sobre as condições das pessoas com cegueira através da asserção dos direitos humanos. Ou seja, o direito a ter direitos.

Eu ia à biblioteca e a minha grande questão era esta: eu não tinha independência para trabalhar com uma pesquisa na informática, eu ia naquela hora, eu só podia naquele momento, e eu não tinha isso que todo mundo tem. Daí as pessoas falam: tu tens que aceitar. Eu pergunto: Por que eu tenho que aceitar? Vocês não dizem que a inclusão é a pessoa ter oportunidade, ter os mesmos espaços, os mesmos direitos? Então por que, na hora H, aí a pessoa tem que aceitar o que o sistema oferece? Então alguma coisa está errada. O discurso e a prática estão muito distantes, ou nós pensamos em trabalhar uma prática ou então nós vamos ter que ficar só no discurso e esquecer que a prática existe, nós temos que viver num campo teórico e esquecer do resto. Essas questões muito práticas que eu vivenciei, Gardia, e continuo vivenciando.

Assiste-se no curso da história da humanidade situações que contribuem para tornar os homens supérfluos e sem lugar no mundo. Este é um dos argumentos básicos de Hannah Arendt quando fala sobre o crime de genocídio contra o povo judeu, argumenta que é um crime contra a humanidade, pois é uma recusa à diversidade e à pluralidade, características da condição humana em um mundo plural. Em se tratando de pessoas que têm uma diferença marcada como as pessoas com cegueira, a marca da diferença se torna uma forma de legitimar muitas vezes a exclusão e a falta de investimentos, tanto na garantia de direitos como na preservação de um espaço público que possibilite a essas pessoas estarem em “casa no mundo”.

Houve uma época em que não se tinha esse recurso – não se tinha nem legislação para isso e nós optávamos pela prova oral. Pois, mesmo que nós pedíssemos a prova em Braille, não era fornecida. E hoje ainda ela não é fornecida, eles usam alguns instrumentos, alguns argumentos como um edital, por exemplo. Tu vais fazer um concurso e lá no edital eles dizem, por exemplo, que a pessoa pode solicitar o atendimento especial. Mas tem a comissão que vai optar pelo tipo de solicitação. É claro que normalmente eles não dão a prova Braille porque alegam que não têm condições. E aqui no Rio Grande do Sul em alguns concursos eles não fazem porque tem por detrás disso pessoas que fazem a prova Braille, usam os recursos, os equipamentos do estado, mas cobram e cobram bem. Eu fiz um concurso e não me deram a prova Braille.

Segundo LAFER (1991, p.151), a reflexão arendtiana dos direitos humanos pressupõe cidadania como um princípio que deve ser garantido, pois a falta de cidadania afeta substancialmente a condição humana. Pois sem a garantida da cidadania os seres humanos estão privados de suas “qualidades acidentais” e acabam por “perder a sua qualidade substancial, que é de ser tratado pelos outros como *um semelhante*”.

Dentro dessa perspectiva, segundo ARENDT (2002, p. 37), o moderno sentimento de alienação do mundo pode ser sentido como a vontade de criar um mundo novo, humano, que possa ser um lar para o homem que já não sente mais o mundo como uma casa.

Ao falar sobre razão e percepção, me reporto à questão que envolve o público e o privado na condição humana. Conforme demonstra ARENDT (2005), houve uma perda da sensibilidade no projeto da modernidade, ela apresenta isso em seu pensamento procurando resgatar os significados do público e o privado.

A perda da sensibilidade está diretamente relacionada a essa falta de confiança e segurança dos seres humanos em relação ao mundo. A falta de aceitação em relação à condição humana de pluralidade. Pude constatar através deste estudo como a vida na Terra ainda está permeada por relações adversas, essas relações acabam tornando o viver mais difícil para muitos seres que têm uma diferença.

Nos tempos modernos, a igualdade e a liberdade se tornaram noções dicotômicas e a individualidade evoluiu em individualismo, que resultou na perda da sensibilidade. À sensibilidade restou o domínio da esfera familiar, onde ainda é permitido ao homem se expressar relativamente livre da racionalidade e do discurso competente. O mundo privado familiar possibilita ao homem um espaço para extravasar sua dimensão sensível. No entanto, ainda que isto proporcione certo conforto, não é suficiente para torná-lo humano, pois não supre a condição humana da pluralidade.

Nesse sentido, ao falar sobre a humanidade deve-se reportar à condição humana, em como vivem os homens na Terra. É importante salientar que essa discussão torna-se pertinente ao estudar uma vida, ao contar uma história de vida de alguém e sua relação de *ser no mundo*. Tudo que vem a público pode ser visto e ouvido por todos, e desta forma ter uma ampla divulgação; o que é visto e ouvido pelos outros e por mim mesma, constitui a realidade. A realidade do que é visto e estudado tem uma existência incerta e obscura até que passe por uma transformação e se torne desprivatizada, ou seja, pública.

A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e, de modo geral, na transposição artística de experiências individuais. Mas não necessitamos da forma do artista para testemunhar essa transfiguração. Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes.

(ARENDT, 2005, p.60)

Solange, ao longo da pesquisa, à medida que ia lendo e opinando sobre a narrativa de sua história de vida, teve a oportunidade de reviver vários aspectos de sua vida que lhe proporcionaram uma visão de sua existência. Desta forma, na troca que estabelecemos, construímos uma vivência que está recheada de certezas, dúvidas, alegrias, tristezas, ou seja, nossa existência conjunta. O resultado disso é este trabalho que está aqui, apresentado a todos, conforme coloca Solange.

Claro que me chamou atenção este estudo sobre minha vida. Num primeiro momento eu achei assim: mas o que eu tenho de tão importante? Será que as coisas que eu fiz e que eu faço são tão relevantes assim a ponto de despertar em alguém o interesse de escrever sobre a minha vida? Essas foram às primeiras interrogações que eu me fiz. Contar a minha história foi reviver alguns acontecimentos, resgatar algumas percepções, alguns sentimentos. Foi muito gratificante, foi enriquecedor. Eu vi o quanto eu cresci nesse tempo, o quanto eu amadureci e hoje eu tenho entendimento das coisas em relação aos períodos que eu passei, na minha vivência em uma escola especializada, minha trajetória acadêmica, a minha construção pessoal, meu amadurecimento, as minhas dificuldades, as minhas conquistas. Isso para mim foi muito gratificante, eu amadureci com esse trabalho, porque nós conversamos já umas três ou quatro vezes, né? E ao longo de um ano. Então isso para mim foi importante, eu percebi realmente o quanto eu fui responsável por algumas conquistas em relação à cegueira aqui em Porto Alegre, o quanto representativo foi na questão política e educacional. Hoje, por exemplo, eu sou colega em uma universidade da diretora que me aceitou no segundo grau no Protásio Alves, isso para mim é uma coisa que representa e aumenta minha responsabilidade. O próprio uso do cão-guia, porque eu acabei desmistificando o uso e a presença do cão-guia. E por outro lado me gratifica muito saber que eu consegui passar algumas coisas para uma pessoa que vai ofertar isso ao público em geral. O meu exemplo, as minhas dificuldades; que nada é místico, que nada é divino, que as coisas são realmente concretas; que eu sou uma pessoa que vive, que chora, que pensa, que tem problemas, que tem dificuldades, como as outras. Mas que também tem alegrias, felicidades – eu sou uma pessoa muito feliz.

ARENDT (2005) se refere ao consenso que resulta de uma ação humana solidária, um ambiente que possibilita aos indivíduos compartilharem suas subjetividades. Esta é a esfera pública: um espaço de livre manifestação de idéias, onde as pessoas se encontram, são vistas e ouvidas. O consenso nasce da compreensão do outro, ou seja, de uma comunicação entre subjetividades; mais do que palavras, na esfera pública compartilham-se emoções. Dessa forma, o resgate da condição humana envolve uma recuperação da sensibilidade, além de uma reflexão

cuidadosa a respeito da racionalidade. Conforme apresenta MERLEAU-PONTY (1999, p.18), “a racionalidade é exatamente proporcional às experiências na qual ela se revela. Existe racionalidade, quer dizer: as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, um sentido aparece”.

Hannah Arendt, ao se referir à obra de Weber, constata que além da racionalidade instrumental, que leva a atuação humana a se basear unicamente em interesses utilitários, há também uma racionalidade substantiva, que é valorativa e não tem expectativas de ganhos. O homem compartilha naturalmente destas duas racionalidades, de forma que elas sempre vão coexistir.

Esta definição de racionalidade substantiva como uma negativa da racionalidade instrumental sinaliza mais uma vez a dicotomia razão e sensibilidade. Essa dicotomia demonstra uma expressão da existência de uma razão sensível, pautada pela intuição, percepção e experiência cotidiana, que precisa emergir através das formas de relação estabelecidas pelos homens. Neste caso, é preciso elucidar que a sensibilidade também produz bom senso e revela a verdade.

Quando a Solange me falou sobre seus sentimentos em relação a esta pesquisa, ela me apresentou a alegria de ver suas experiências abertas em uma esfera pública, além de demonstrar com sua fala que esteve sempre presente em nossa troca a certeza da minha visão sobre o outro e a visão do outro sobre mim. Ora, se nós seres humanos criamos o mundo através de nossas experiências e vivências, é possível construir um lugar onde se possa constituir a ação humana a partir do entendimento dos fenômenos como resultado das experiências e não descolados de nós e do nosso viver.

Falar em viver no mundo e no mundo sensível que está permeado pelas experiências é voltar-se para a percepção, que é o que possibilita estar presentes no mundo e vivenciar a existência de uma razão sensível.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções.

(MERLEAU-PONTY, 1999, p.6)

O que aqui está colocado remete a forma de estar no mundo e de como é possível, através da percepção, comunicar a singularidade. Sendo assim, a cegueira é uma possibilidade de

existência, pois é uma experiência perceptiva que possibilita aos seres estarem abertos e se comunicarem indubitavelmente com o mundo.



Figura 5: Evgen Bavcar – *Máscaras em Veneza*

A unidade e a solidariedade entre a humanidade não pode consistir num acordo universal sobre uma única religião, ou uma única filosofia, ou uma única forma de governo, mas na fé de que o múltiplo aponta para um Uno, simultaneamente oculto e revelado pela diversidade.

Hannah Arendt

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei através deste trabalho contribuir para que as pessoas com cegueira pudessem ser vistas como seres capazes de constituir, através de sua singularidade, uma condição de vida *feliz*, encontrando seu lugar e *sentindo-se em casa* no mundo. Ao narrar a história de vida da Solange, narrei também um pouco do meu ser. Hoje tenho consciência de que nossas vivências estão imbricadas nas vivências do outro. Não existo separada do outro e o outro não existe separado de mim.

A visão que norteou esta minha caminhada de pesquisa é que estou imbuída no que estudei e escrevi. Durante o processo de construção da pesquisa pude perceber que quando se conta a história de vida de outra pessoa se está lidando com nossas experiências, impressões, dúvidas e sentimentos. Ao falar de algo, tenho a possibilidade de elaborar melhor meu pensamento. Entretanto, não perdi de vista que novas dúvidas surgem ao longo do processo e que este não se encerra quando se estabelece um final. Ao descortinar minhas impressões e sensações encontrei sempre novas indagações.

Essa foi a postura que tomei em relação a esta pesquisa. Queria confirmar e também rejeitar algumas “verdades” – “verdades”, essas, advindas do senso comum, de onde surgem as indagações e que através do mergulho no universo deste estudo pude aprofundar.

Falo isso em relação tanto à cegueira quanto à questão da profissão docente. Sobre o *ser professora*, este já era um tema de estudo desde meu curso de graduação, quando realizava pesquisa de iniciação científica. De lá para cá, aprofundei leituras e busquei por um sentido mais amplo da docência, para além das concepções que estudam o professor apenas no ponto de vista de sua operacionalidade. Queria com minha busca encontrar uma forma de estudar e principalmente de ver o professor como uma pessoa dentro do mundo.

Outra contribuição desta pesquisa é trazer elementos para repensar os cursos de formação de professores – como trabalhar em direção a uma formação que contemple a dimensão pessoal e profissional da pessoa que é e vai ser um professor. É urgente pensar alternativas para a formação dos professores, para que saiba lidar com as especificidades de sua profissão e das relações que estão implícitas a ela, bem como saber lidar com sua vida pessoal, com os significados que a profissão lhe confere na esfera pública.

Como coloca ARENDT (2002), no palco que é o mundo somos reconhecidos pelos papéis que nossas profissões nos conferem. É através desses papéis que se manifesta algo mais; algo

completamente idiossincrático e indefinível, mas completamente identificável. Que serve para não confundirmos os papéis.

(...) as máscaras ou papéis que o mundo nos atribui, e que devemos aceitar e até mesmo conquistar para chegar a tomar parte do espetáculo do mundo, são intercambiáveis; não são inalienáveis no sentido em que o termo aparece na expressão “direitos inalienáveis”, e não são um elemento permanente anexado a nosso eu interior, no sentido em que a voz da consciência, como muitos acreditam, é algo que a alma humana traz sempre consigo.

(ARENDR, 2002, p.176)

Cabe, então, questionar como se pode oferecer ao professor uma formação que contemple o seu fazer profissional permeado pelo seu eu pessoal. Como trazer para a discussão do ser professor as máscaras que o mundo lhe confere e como tomar isso nas mãos, tendo consciência de sua singularidade e do seu papel em um mundo permeado pela diversidade.

Através desse questionamento e dos aspectos levantados neste estudo, pude apontar uma lacuna que necessita de investigação: o que as escolas e as universidades, enquanto mundo do trabalho do professor, esperam dele em relação a sua personalidade? Como devem os professores desempenhar seu papel frente à sociedade, a esfera pública?

Sabe-se que muitos atributos são exigidos do professor, como, por exemplo, que sejam sábios, conheçam tudo, não cometam erros. Algo que aos olhos de outros pode ser aceitável, mas não para um professor. É comum ouvir afirmações do tipo “Um professor falando isso!”, “Não esperava essa atitude de uma professora!”. Pergunto, então: que papéis e exigências são atribuídos ao ser professor? Para responder essas questões é preciso compreender o professor como pessoa na estrutura de suas relações com o mundo, com a história da profissão e com a sua própria história.

Com certeza ainda precisa ser produzido conhecimento a esse respeito, e conhecimento que possa trazer respostas para os futuros e atuais professores, possibilitando que encontrem seu lugar e possam se sentir em casa no mundo. Uma formação docente de qualidade deve contemplar o saber-fazer e o saber-ser do professor consciente de seu papel. Isso implica pensar a relação de diferença e diversidade que deve estar presente nesse processo.

É preciso, porém, avançar nessa idéia de diversidade como uma “conquista necessária”. Não se pode negar que é necessário que haja uma conquista profunda de aceitação da diversidade, mas isso só acontecerá quando se tiver a consciência de que somos seres singulares dentro de um mundo plural e que a diversidade é inerente a os seres humanos.

Na história da humanidade se assistiu muitos acontecimentos devido à negação da diversidade e da diferença. Isso é um indicativo de que ainda há muito a conquistar nesse sentido. Ninguém pode se sentir confortável em um mundo onde ocorrem genocídios, onde existem lutas ocasionadas por diferenças de credos e onde a vida humana vale menos que uma ideologia.

Para dar conta de voltar o olhar em direção à dimensão pessoal do professor e às relações que isso tem com seu desempenho profissional e seu lugar de pertença ao mundo, é preciso uma retomada do mundo sensível, que pode fornecer as dimensões exatas para esse trabalho.

Optar pela biografia como método para apresentar os dados foi um processo construído ao longo do estudo, que possibilitou adentrar o universo de uma pessoa com cegueira. Outra contribuição que pretende este estudo é mostrar, através das experiências de vida da Solange, que as pessoas com cegueira podem conquistar reconhecimento, constituir uma profissão e uma vida digna. Mas quero ressaltar que as mudanças que precisam acontecer são profundas. Essas mudanças envolvem a forma de ver as coisas, a maneira de olhar o outro e as coisas do mundo.

Outro ponto relevante é que no processo de direcionar o olhar para as vivências da Solange e escrever sua biografia houve a preocupação de apresentar os dados de forma mais atrativa para os leitores. A proposta foi produzir conhecimento voltado não apenas para os limites da academia, mas também ao leitor em geral, procurando trazer respostas para a vida, para o ser dentro do mundo através da sua singularidade.

Espero que este estudo possa vislumbrar novas e significativas possibilidades de investigação, bem como novas formas de ver e conceber pesquisas e através delas o movimento do *ser no mundo*.



Figura 6: Evgen Bavcar – *Retrato com Pinturas*

A recompensa por contar histórias é ser capaz de deixar partir: Quando o contador de histórias é fiel (...) à história, aí, ao final, o silêncio falará. Ali onde a história foi traída, o silêncio é apenas vácuo. Mas nós, os fiéis, quando pronunciamos nossa última palavra, ouviremos a voz do silêncio.

Hannah Arendt

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, R. *Teacher Development: A look at changes in teachers perceptions across time.* **Journal of teachers Education**, 23, p. 40 – 43, 1982.
- ALVES, Francisco Cordeiro. *A (In) satisfação dos professores.* In ESTRELA, M. T. (org). **Viver e construir a profissão docente.** Portugal: Porto Editora, 1999.
- ARENDT, Hannah. **A dignidade da política.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. **A Vida do Espírito.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- _____. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Homens em Tempos Sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Rahel Varnhagen: A vida de uma judia alemã na época do romantismo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ARENDT, Hannah e HEIDEGGER, Martin. **Correspondência 1925/ 1975.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- BALL, S. e GOODSON, I. *Techers' lives and careers.* London: Falmer Press, 1985.
- BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAVCAR, Evgen. **O ponto zero da fotografia.** Rio de Janeiro: Edição André Andries, 2000.
- _____. **Evgen Bavcar.** Disponível em: < <http://www.zonezero.com/exposiciones/fotografos/bavcar/indexsp.html>>. Acesso em: 20 mar. 2006.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas de Jorge Luis Borges.** Vol.3, São Paulo: Globo, 2000.
- BULLINGTON, J.; KARLSSON, G. *Body Experiences of Persons Who Are Congenitally Blind: A Phenomenological-Psychological Study.* **Journal of visual impairment & blindness**, Mar-Apr 1997.
- BUTT et al. *Individual and collective interpretations of teachers biographies.* Lethbridge: University of Lethbridge, 1985.
- CAIADO, Katia R. M. *Cegueira: concepções de aprendizagem e de ensino reveladas em artigos publicados na Revista Benjamin Constant.* **Revista Brasileira de Educação Especial.** Marília, Jul-Dez. 2002, v8, n.2, p.223-232.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma introdução.** São Paulo: EDUC, 2002.

CAVACO, Maria Helena. *Ofício do professor: o tempo e as mudanças*. In NÓVOA, A. (org.) **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Merleau-Ponty: Introdução e notas*. In: **Merleau-Ponty**. São Paulo, Abril Cultural, 1980 (Col. Os Pensadores).

COLLA, Anamaria L. **A Constituição da subjetividade docente: além de uma lógica dual**. Porto Alegre: PUC, 1998. Tese (Doutorado em Educação).

COOPER, M. *The study of professionalism in teaching*. New York: Comunicação apresentada na Conferência Anual da AERA – American Educational Research Association, 1982.

CRITELLI, Dulce Mara. *Hannah Arendt: a vida ativa e a ação. Ontologia da política*. In: CARVALHO, M. C. B. (Org). **Teorias da Ação em Debate**. São Paulo: Cortez: FAPESP, 1993.

DAY, Christopher. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Portugal: Porto Editora, 2001.

DUARTE, Jorge. *Entrevista em profundidade*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FARIA, Álvaro Alves. **Borges: o mesmo e o outro**. São Paulo: Escrituras, 2001.

FREIRE, Ida Mara. *A experiência com a cegueira*. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ano11, n.31, p.3-8, agosto de 2005.

_____. **Um olhar sobre a criança: estudo exploratório sobre as experiências da criança vidente e não-vidente de dois anos de idade**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2004.

_____. *Na dança contemporânea, cegueira não é escuridão*. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 6/7, p. 57-78, 2004/2005.

FULLER, F. e BOWN, O. *Becoming a Teacher*. In **Teacher Education [Kevin Ryan, ed.]**. Yearbook NSSE, p. 25-52, 1975.

GARCÍA, Carlos Marcelo. *A Formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

GONÇALVES, José Alberto M. *A carreira das professoras do ensino primário*. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

GOBBI, M. C. *Método biográfico*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GUARNIERE, M. R. *O início na carreira docente: Pistas para o estudo do trabalho do professor*. In: _____. (org.). **Aprendendo a Ensinar – O caminho nada suave da docência**. Campinas: Autores Associados, 2000.

- HAMON, H. e ROTMAN, P. **Tant qu'il y aura des profs.** Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- HUBERMAN, Michaël. *O ciclo de vida profissional dos professores.* In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.
- _____. **L avie dès enseignants.** Neuchâtel - Paris: Delachaux & Niestlé, 1989.
- INGVARSON, L. e GREENWAY, P. *Portroyals of teacher development.* **Australian Jornal of Education**, 28, p. 45 – 65, 1984.
- LAFFER, Celso. **Pensamento, Persuasão e Poder.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **A Reconstrução dos Direitos Humanos – um diálogo com o pensamento de Hanna Arendt.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- LIMA, Emília F. de. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. *Revista do Centro de Educação*, Universidade Federal de Santa Maria, v. 29, n. 2, 2004 (mimeo).
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.
- LOWENFELD, Berthold. *What Is Blindness?* **Berthold lowenfeld on blindness and blind people.** New York: American Foundation for the Blind, 1981.
- MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1990.
- MARIANO, André Luiz Sena. **Aprendendo a ser professor no início da carreira: um olhar a partir da ANPED.** Anais da 28ª Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação, GT Formação de Professores. Caxambu, outubro de 2005.
- MCDONALD, B. e WALKER, R. **Safari.** Colchester: Center for Applies Research in East Anglia, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **A prosa do mundo.** São Paulo :Cosac & Naify, 2002.
- MOITA, C. M. *Percurso de formação e de trans-formação.* In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.
- MOURINO, Juan José Mosquera e STOBAUS, Claus Dieter. *Narrativas de vida: fundamentos de uma dimensão metodológica.* **Anais do I Congresso Internacional Sobre Pesquisa (Auto) Biográfica.** Porto Alegre, 08 a 11 de setembro de 2004.
- MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty: acerca da expressão.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- NEWMAN, K. *Middle-aged experienced teachers' perceptions of their career development.* São Francisco: Comunicação apresentada na Conferência Annual da AERA - American Educacional Research Association, 1979.
- NOGUEIRA, M. L. de L. *A importância dos pais na educação segundo a percepção de universitários deficientes visuais.* **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ano 8, n.23, p.3 – 8, Dez. de 2002.

NÓVOA, A. *Formação de professores e profissão docente*. In: _____. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

_____. *Os professores e as histórias da sua vida*. In: _____. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

_____. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

SOUZA, Olga S. H. **A integração como desafio: a (con)vivência do aluno deficiente visual na sala de aula**. Porto Alegre, UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado.

_____. **As entrelinhas da inclusão escolar de alunos com necessidades educativas especiais: um desafio à formação docente**. Porto Alegre, 2002. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, João V. G. *Cegueira e Metáfora*. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ano 10, n.28, p.3 – 7, Agos. de 2004.

OMOTE, Sadao. *Deficiente e não-deficiente: recortes do mesmo tecido*. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 1, n. 2, Piracicaba/ SP: UNIMEP, 1994.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar – por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2002.

PRICK, L. **Career Development and satisfaction among secondary School Teachers**. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 1986.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SINKES, P. et al. **Teacher Careers: Crises and continuities**. London: The Falmer Press, 1985.

SINGER, Peter. **A igualdade e suas implicações**. In SINGER, Paul. **Ética, Prática**. Tradução de Jefferson Luiz. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.25-64.

TOBIN, Michael J. *Is blindness a handicap?* **British Journal of Special Education**, v. 25, n.3, september 1998.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Sumos, 2002.

VONK, H. e SCHRAS, G. *Fron Beginning to Experienced Teacher: a study of the professional development of teachers during their first years of service*. **European Journal of Teacher Education**, 10, p. 95-110, 1987.

ANEXO I – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Pesquisa: Da Diferença à Docência: trajetória profissional de professores cegos

Eu _____, confirmo que a pesquisadora Gardia Maria Santos de Vargas, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, curso de Mestrado, discutiu comigo as questões que identificam e caracterizam a pesquisa acima destacada. Eu compreendi que:

1. A pesquisa consiste em entrevistas semi-estruturadas que constituirão a História de Vida, que se refere a carreira profissional de uma professora universitária cega.
2. O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar como professores cegos constituem sua trajetória profissional e sua relação com o outro e o mundo.
3. Minha participação nessa pesquisa será muito importante para uma maior compreensão sobre a cegueira e a trajetória profissional de professores cegos, explicitando conceitos que contribuam tanto para as pessoas com essa diferença como para profissionais que trabalham com pessoas cegas. Outro fator importante é contribuir para pensarmos em cursos de formação diferenciados, com mudanças de currículo e estrutura que dêem conta da formação e do preparo desses profissionais.
4. Eu posso escolher participar ou não deste estudo.
5. Todos os dados colhidos são sigilosos e serão utilizados na pesquisa sem identificar as pessoas entrevistadas. Garantindo a preservação da identidade de todos.
6. Se eu tiver alguma dúvida posso contatar a pesquisadora Gardia Vargas pelos telefones: (48) 3237-4252 e (51) 3334-5784 ou pelo e-mail gardiav@yahoo.com.br.

Eu concordo em participar desta pesquisa.

Participante: _____

Data: _____

Pesquisadora: _____

Data: _____